

CAMPOLINA PAMPA



A beleza evoluindo com a Raça



CAMPOLINA **PAMPA**

Slogan escolhido no concurso

Clovis Queiroz Ferreira
Cláudio Roberto Gomes da Cunha

CAMPOLINA PAMPA
A BELEZA EVOLUINDO COM A RAÇA

1ª EDIÇÃO

Rio de Janeiro
AL-VIVA
2014

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F439:

Ferreira, Clovis Queiroz. 1949 -

CampolinaPampa : A beleza evoluindo com a Raça / Clovis Queiroz Ferreira, Cláudio Cunha
[texto Adeildo Lopes Cavalcanti]. - 1.ed. - Rio de Janeiro : Al Viva, 2014.

280 p. : il., 30 cm.

Inclui bibliografia e índice

ISBN 978-85-

1. Campolina (Cavalo) - História. 2. Cavalo - Criação - Brasil. I. Cunha, Cláudio Gomes,
1949-. II. Cavalcanti, Adeildo Lopes. III. Título.

11-6133

CD1: 636.10981

CTPL: 636.1091

028677

11.08.11 12.08.11

índice

APRESENTAÇÃO DOS EDITORES

ÍNDICE

EXPEDIENTE

PREFÁCIO - A importância de um livro sobre o Campolina Pampa - (texto Claudio)

A ORIGEM DO CAVALO

Surgimento do Equus

Cavalo nas Américas e no Brasil

ORIGEM DO CAMPOLINA

Entre Rios de Minas: berço da raça Campolina

Cassiano Campolina: idealizador e fundador da raça Campolina

Ironias do destino: "Os legados de Cassiano"

LINHAGENS E EVOLUÇÃO

Campolina: do berço da raça às pistas

Linhagens pilares Gas e Passa Tempo

Base genética da raça Campolina

A ASSOCIAÇÃO

O surgimento da ABCCCampolina

Galeria dos presidentes

Diretoria atual

Dados atuais – associados, cavalos registrados, criatórios, potros nascidos

ATUALIDADE DO CAMPOLINA PAMPA

Padrão racial

Metodologia de julgamento

Semana Nacional – histórico

Grandes Campeões Nacionais

Academia Brasileira do Cavalo Campolina

Livro de Elite - Gavião do Barulho

OS CRIATÓRIOS - depoimentos

Haras Lagoa Negra

Haras 5 Estrelas

Haras ABA

Haras Andar

Haras Barraca

Haras do Barulho

Haras Fag / Santa Rosa

Haras Luanda

Haras LPD

Haras Nagladir

Haras Pastoreio

Haras Preto & Pampa

Haras São João

Haras Tamanduá

Haras Ventania

CRONOLOGIA DO CAVALO CAMPOLINA PAMPA

Registos Relevantes

TRIBUTO À RAÇA CAMPOLINA PAMPA

Fêmeas

Machos

DIVULGAÇÃO DE CRIATÓRIOS

APOIOS

BIBLIOGRAFIA

FOTO

Expediente

EDITORES

Claudio Roberto Gomes da Cunha

Clovis Queiroz Ferreira

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Adeildo Lopes Cavalcante

Reg. Prof. Nº 12.488-MTPS

REDAÇÃO

Adeildo Lopes Cavalcante

Cláudia Leschonski

José Eugênio Câmara Dutra Filho (Dudu)

Alessandro Moreira Procópio

EDITOR DE ARTE E DIAGRAMAÇÃO

Lincoln José de Amarante Simões

COLABORADORES

ABCCCampolina, Adalgiza Souza Carneiro de Resende,
Alessandro Moreira Procópio,, Alexandre Todeschini Pires, Claudia Leschoswki,
Diego Carvalho, Evandro Meireles, Henrique Berardinelli,
Joel Garcia, José Eugênio Câmara Dutra Filho (Dudu),
Lucio Andrade, Marco Livrão, Paulo Roberto Ribeiro,
Pedro Cunha, Pedro Diniz, Pedro de Assis, Ricardo Midão,
Rodrigo Costa, Sergio Vianna,, Teófilo Soares de Almeida, e Três Barras Eventos

FOTÓGRAFOS

Anna Clark, Antonio Pedro(Pedrão),
Flavio Duarte, Felipe Palma, Fernando Ulhoa, Hamilton Silvester, Ivan Machado, Januário Martins,
Luciane Reis, Mairo Wellington, Marcela Marques, Marco Bartolo (Marcão), Nilo Coimbra,, Paula da
Silva, Roberto Pinheiro,
Ricardo Mendes, Sérgio Teixeira, Waldir Ribeiro

AL VIVA Editorial

Al-Viva Propaganda e Representações Ltda
Av. Marechal Câmara, 160 sala - 507 - Centro
Rio de Janeiro - RJ Cep: 20.020-907
Tel: (21) 2491-1496 - email: rbrural@gmail.com

Todos os direitos reservados.

Fica expressamente proibida sua reprodução total ou parcial.
Os conteúdos dos textos e matérias são de inteira responsabilidade de seus autores.
As fotos e textos dos anúncios são de responsabilidade dos criadores e anunciantes

A importância de um livro sobre o Campolina Pampa

Mensagem do idealizador,
patrocinador e editor *

Criador (Haras do Barulho) e estudioso de Campolina Pampa, resolvi lançar, através da empresa Al Viva Propaganda, o presente livro, que tem por fim divulgar aspectos importantes da trajetória desse segmento da raça Campolina. Tomei essa decisão quando recebi a notícia que a diretoria da Associação Brasileira dos Criadores do Cavallo Campolina (ABCCCampolina) decidiu extinguir o julgamento separado, nas pistas de competição, de animais Campolina Pampa, norma que começou a vigorar a partir de 05 de junho de 2013.

Essa iniciativa da ABCCCampolina acabou com uma conquista do saudoso criador Dr. José Eugênio Dutra Câmara (criatório Lagoa Negra), considerado o pai do Campolina Pampa. Por sugestão daquele criador, o julgamento separado passou a fazer parte da Carta de Barbacena, elaborada e aprovada em 2000, durante a 1ª Exposição Nacional do Cavallo Campolina Pampa, realizada em Barbacena (MG). Esse documento, posteriormente, foi encaminhado à diretoria da ABCCCampolina.

O julgamento separado atendia um grupo de criadores que selecionavam o Campolina Pampa. Eles eram fiéis aos padrões da raça e não queriam aderir à Associação Brasileira dos Criadores do Cavallo Pampa (ABCPampa) que representava criadores que foram discriminados nas outras raças de animais marchadores. A responsabilidade da decisão da ABCCCampolina de extinguir o julgamento separado, segundo seu presidente, foi do Conselho Deliberativo Técnico (CDT) da ABCCCampolina. Esse órgão não consultou os criadores sobre o assunto e nem o colocou em votação para saber a opinião deles. Sem levar em conta esses critérios, o CDT deliberou e não aceitou os protestos dos criadores.



Haras do Barulho

Depois do que foi dito acima, passo agora a abordar alguns aspectos que julgo importantes sobre o segmento do cavalo Campolina Pampa, entre eles os relativos ao meu criatório, o Haras do Barulho. Uma das prioridades do meu programa de trabalho são os campeonatos. Participo desses eventos há treze anos e, nesse período, consegui formar, com a ajuda do meu filho Pedro e a dedicação do Dudu (José Eugênio Dutra Câmara Filho), uma tropa maravilhosa, a qual conquistou nove títulos de Melhor Criador Campolina Pampa; os dois títulos de Melhor Garanhão Nacional da Raça, com o Gavião do Barulho e a façanha de ter inscrito no Livro de Elite da Raça dois animais: Gavião e Figura do Barulho, consagrando nosso trabalho na história de 64 anos da raça Campolina, a qual tem apenas 17 animais inscritos até hoje.

Com isto, consegui demonstrar, como engenheiro e criador de cavalos, que o envolvimento em produzir cavalos é uma atividade maravilhosa, em que a sustentabilidade é fruto de variáveis que são



imprevisíveis, que transformam o nascimento de cada potrinho em um grande evento. Meu primeiro contato com cavalos ocorreu na minha infância, nas fazendas de café de Maringá (PR), e o reencontro seu deu em Papucaia (RJ), como usuário, nas cavalgadas de fim de semana. Não planejei ser criador; as coisas foram acontecendo, e chegamos até hoje com muitos títulos, grandes amizades e a família unida em torno do cavalo Campolina Pampa.

Ambiente equestre

O ambiente equestre rural brasileiro possui características ímpares, que precisam ser divulgadas, para o conhecimento dos admiradores de cavalos, homens do agronegócio, estudantes, crianças e, principalmente, dos órgãos governamentais. Os cavalos são animais rústicos, sabem viver na natureza sem a ajuda do homem, são muito seletivos na escolha das gramíneas, dificilmente sofrem com cólicas e conseguem chegar aos 25 ou 30 anos com muita paz e alegria nos nossos pastos do Brasil Rural. Com o uso do cavalo para lazer, o homem o estabulou em baias nas hípicas, centros de treinamentos e haras, nas adjacências das cidades, distantes duas horas aproximadamente de carro dos escritórios dos jovens executivos, associados a alguma raça ou modalidade esportiva. O confinamento nas baias, com alimentação com capim picado, feno industrializados e rações peletizadas, distribuídas em duas refeições diárias, alteraram a forma natural de alimentação dos cavalos, causando sérios problemas digestivos, como cólicas e gastrites que diminuem consideravelmente a vida dos cavalos, que deveriam ser aposentados aos 25 anos.

Este movimento em usar os cavalos para lazer começou no início do século passado, com o desenvolvimento dos motores, medidos em HPs (Horse Power), transformando os cavalos em antigos vetores do desenvolvimento empresarial do mundo, onde faziam todos os tipos de transporte, aravam as terras, construíram estradas, transportavam as mercadorias dos portos e eram até usados nas guerras; hoje, são lembrados, nas cidades, em monumentos, nos quais são estátuas junto com grandes conquistadores e generais. Um grande exemplo das muitas funções que os cavalos do meio rural executavam com grande

Entregador de leite transportado em carroças puchadas por cavalo. Óleo sobre tela de José Rosário



desempenho foi observado nas minhas férias, na fazenda de meu pai, nos anos 1950:

“Lembro muito do Canário, um castrado rosilho, mestiço bretão x crioulo, que fazia a entrega diária de 120 litros de leite, nas casas da cidade de Nova Esperança, no norte do Paraná. Ele puxava uma carroça com um barril cheio de leite, e sabia quais as casas que eram clientes, entre as ruas da cidade. Por causa da memória visual do animal, meu pai podia substituir o leiteiro, sem qualquer problema, pois o Canário conhecia o trajeto a ser feito e onde parar para fazer a entrega; só era preciso chamar a dona da casa para receber o leite do dia”.

Hoje, os cavalos são usados no lazer das famílias e nas várias modalidades dos esportes equestres. Nesses esportes o cavalo contribui com uma qualidade ímpar do mundo animal, que é a conjunção, em que o homem e o cavalo formam um único veículo, onde ele recebe os comandos que são transformados em trocas de mão, em marchas, galopes,

saltos e fazem da equitação uma diversão, usadas pelos mais antigos reis e o mais modernos atletas, como Rodrigo Pessoa, nosso campeão olímpico. O cavalo é o único animal que participa das Olimpíadas, nas quais todos os atletas do mundo buscam a consagração de seus países.

O Campeão Mundial de Hipismo Rodrigo Pessoa em uma de suas provas internacionais



Foto: <http://www.vibrabranding.esportivo.com.br>

**Equipe do Haras do Barulho
exercitando animais para cavalgadas**



Gerência do Haras

Outro aspecto importante ligado às atividades equinas diz respeito ao melhoramento genético. A seleção genética de cada raça é desenvolvida pelos criadores, de acordo com as normas e padrões de cada associação, fiscalizadas pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Dentre as genuinamente brasileiras, temos a ABCCMM (Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Mangalarga Marchador); a ABCCCampolina (Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Campolina); a ABCCRM (Associação Brasileira de Criadores de Cavalos da Raça Mangalarga), conhecida como Mangalarga Paulista e a ABCCPônei (Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Pônei), que reúne as raças brasileiras, Piquira, Haflinger, Welsh Mountain Pony, Shetland, Pônei de hipismo, Fjord e Reitpony.

O desenvolvimento da criação de cavalos tem como ponto de equilíbrio a paixão do homem pelo cavalo, pois é a única criação no Brasil que não é usada para a venda da carne, como objetivo da atividade pecuária. Desta forma, os desdobramentos dos segmentos dessa atividade requerem altos investimentos nas instalações nos haras, nos quais o objetivo do criador é produzir cavalos para equitação, ou seja, produzir veículos de lazer (cavalgadas, hipismo, salto e alta escola); maneabilidade (andamentos, esbarros, spins, bocal de ouro, apartação, laços, etc.); provas de marcha (em exposições agropecuárias); corridas de cavalos (jôquei clubes), etc., objetivando a venda de potros e cavalos, para reprodução, trabalho ou lazer, buscando a sustentabilidade no agronegócio.

Nos haras, temos um alto grau de ocupação de mão de obra. Para cada dez cavalos estabulados temos, no mínimo, dois tratadores diretos, sem contar com os operários das fábricas de ração e as famílias que fornecem os fenos e alfafas das cooperativas da agricultura familiar nacional. Sem dúvida, empregamos muito mais que os grandes condomínios das cidades desenvolvidas, talvez mais que até a indústria automobilística, bandeira do atual governo brasileiro.

No manejo dos haras, temos duas atividades bem distintas: a Reprodução e o Treinamento para provas e cavalgadas. A reprodução dos cavalos é feita entre os meses de setembro e março, época em que as éguas entram no cio, devido aos dias com longa luz solar (primavera e verão). Como o período de gestação é de 11 meses, os potros nascerão na época em que as gramíneas estão mais volumosas e a comida está farta nos pastos; assim, podem ter um desenvolvimento sadio, sem a intervenção direta do homem.



Nos haras mais desenvolvidos temos serviços de reprodução com sêmen resfriados e/ou congelados, uso de éguas receptoras para transferência de embriões e outros avanços da veterinária moderna. Um dado interessante é que uma égua só produz um potro por ano, no processo reprodutivo convencional com coberturas a campo; no entanto, usando a técnica de “barriga de aluguel”, podemos ter até oito produtos por ano (a média neste tipo de reprodução é de três/ano), tendo em vista que, na ocasião da inseminação da égua doadora, a chance de prenhes é de 50%, pois a ovulação assistida causa muito stress na apalpação e na transferência do embrião para a égua receptora. Após o lavado, também temos a taxa de risco de 50%, onde pode haver rejeição ou absorção na operação. Desta forma, a taxa final é de 25%, correspondendo a cada 10 inseminações e teremos aproximadamente três potros nascendo, onde existe uma taxa de 15% de perdas nos 120 dias de vida, até a vacinação final inicial.

Com estes parâmetros, verificamos que o crescimento da população equestre é muito pequena, quando comparamos com os bovinos, ovinos e caprinos, que têm tempo de gestação menor e, quando usamos os conceitos modernos, existe uma produção numerosa de embriões. O mais moderno é a reprodução através de clones, que ganhou um impulso muito grande após o nascimento do Turbantino (potro da raça Mangalarga) graças ao trabalho de reprodução da empresa In Vitro Brasil, em 2012.

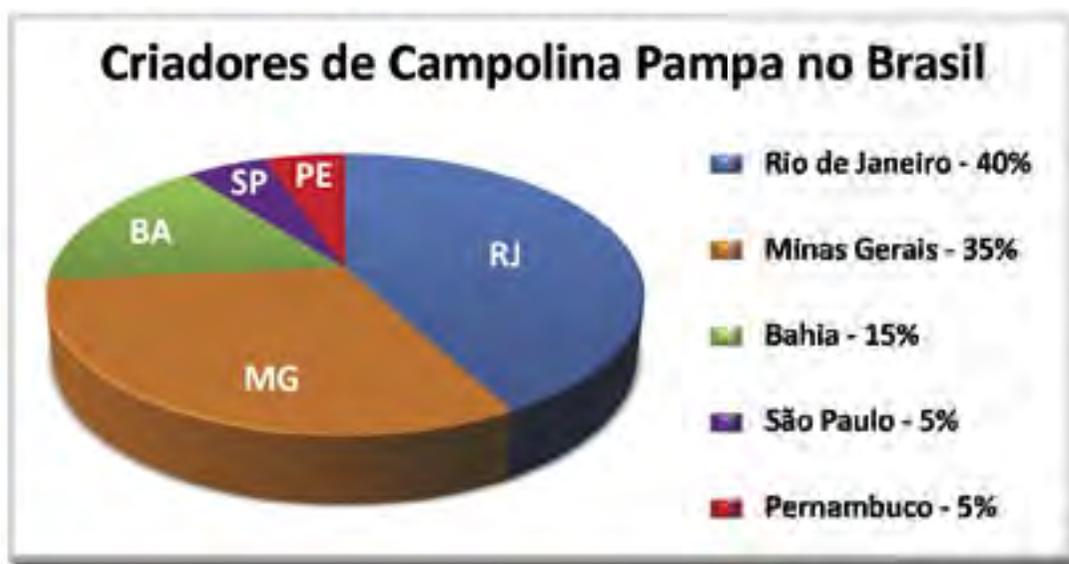


Foto: Valdemir Cunha

Em 10 de setembro de 2012 nasceu, na cidade de São José do Rio Preto, Turbantino JO, o primeiro clone equino do Brasil, cópia do super campeão mangalarga Turbante JO (na foto sendo abraçado por Perla Fleury, nora do criador Oswaldo Junqueira).

Raça Campolina

Outro ponto importante é a seleção genética e fenotípica na raça Campolina, pois se trata de uma seleção formada por Cassiano Campolina em 1880, através de cruzamentos com raças européias. Essa raça foi padronizada em 1950 com a fundação da ABCCC, representando muito pouco tempo para se ter uma uniformidade na reprodução, pois temos apenas 64 anos de seleção por um número muito pequeno de criadores, sendo que, de Campolina Pampa, existem atualmente em torno de 25 criadores, distribuídos nos seguintes estados: Rio de Janeiro (40%), Minas Gerais (35%), São Paulo (5%), Bahia (15%) e Pernambuco (5%).



Considerando que um garanhão precisa de oito anos para confirmar seu grau de epistasia (transmissão de suas qualidades aos seus filhos em percentuais acima de 70%), verificamos que a raça deveria ter até hoje perto de oito garanhões consagrados como raçadores. Assim, chegamos ao Monarca,

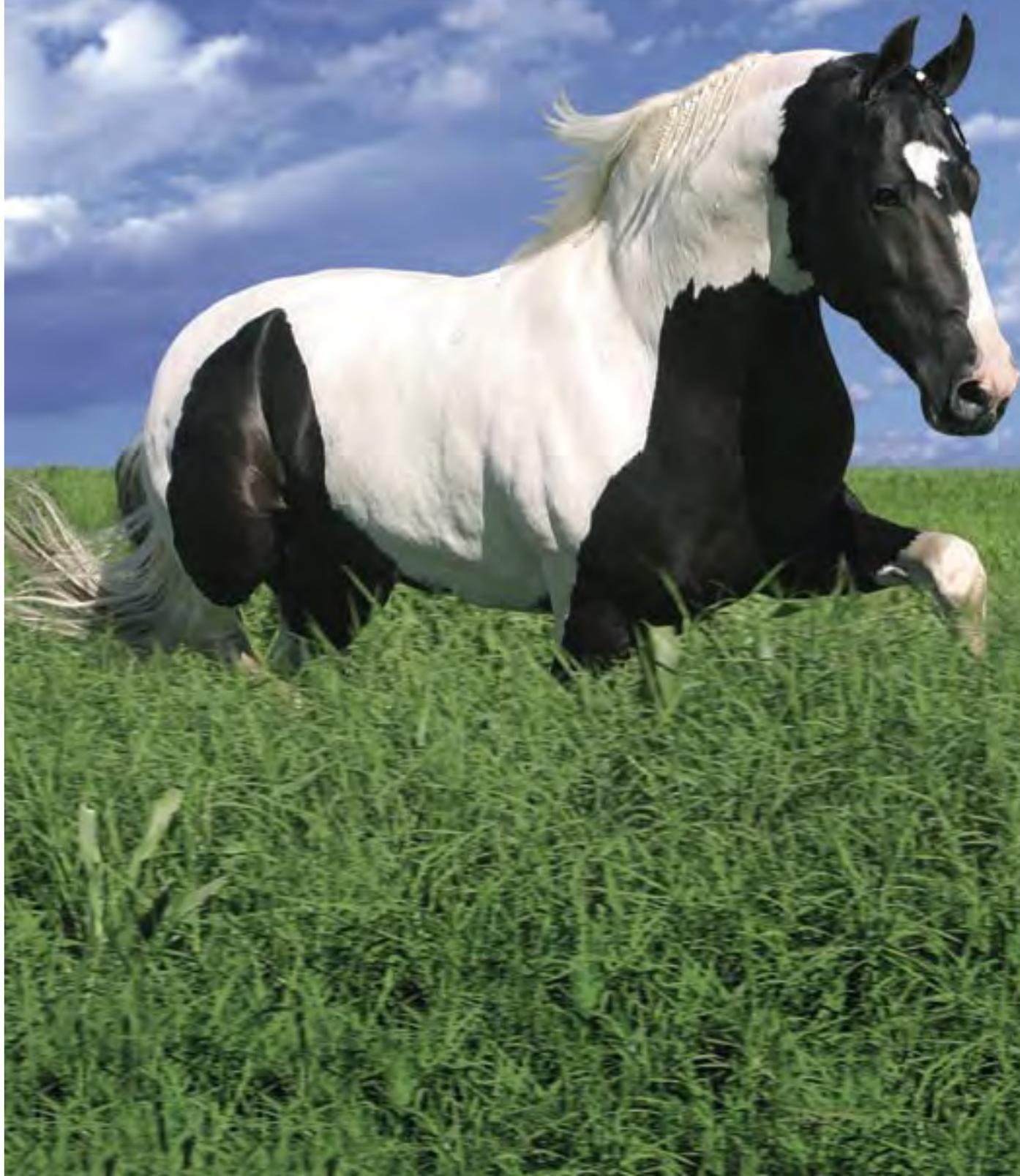
Expoente de Passa Tempo, Gás Dengoso, Ousado de Passa Tempo, Júpiter de Passa Tempo, Desacato da Maravilha, OP de Santa Rita, Neruda do Chibiribinha, Iluminado, de Alfenas, Geodo do Oratório, Falcão da Lagoa Negra, JE da Lagoa Negra e Gavião do Barulho.

Tenho observado, ao longo de 23 anos de criador, que, de um acasalamento, só nasce um animal Top, o que explica a teimosia dos criadores em repetir o acasalamento mesmo quando nasce um bom; ao contrário, pois, quando não tiramos um bom, precisamos repetir, pelo menos mais duas vezes, para confirmar o gosto do criador e a possibilidade de um Top. Os bons criadores são persistentes, determinados e muitos teimosos, pois selecionar genética traz resultados inesperados e “fazer o bom” é muito difícil. Os cruzamentos entre campeões não produzem campeões. A evolução genética traz anualmente novos produtos que são superiores aos seus pais. E, como os concursos nas pistas são comparativos entre os conjuntos de mesma idade, sempre teremos animais com características diferentes que se aproximam do padrão racial. Encontramos na história dos criatórios, que formam as linhagens dentro do padrão racial, várias características que são substituídas por outras,

FIGURA DO BARULHO,
a matriz homozigota que gerou
grande parte do plantel do Haras do Barulho.
Primeira égua Campolina Pampa
inscrita no Livro de Elite da ABCCampolina



GAVIÃO DO BARULHO,
Primeiro garanhão Campolina Pampa
inscrito no Livro de Elite da ABCCampolina



demonstrando que garanhões importantes fixarão padrões em épocas distintas. Nunca chegaremos ao “cavalo ideal”, pois sempre nascem destaques, que fazem o criador buscar novos acasalamentos, criando novas linhagens para a evolução da raça.

Um fator que contribuiu para desenvolver a criação de Campolina Pampa foi a descoberta dos animais homozigotos, característica genética que classifica os animais que só reproduzem potros Pampas, quando acasalados com éguas de cor uniforme.

Esta classificação foi possível devido a um teste desenvolvido pelos veterinários americanos, na criação de Paint Horse em 2005, possibilitando testar os potros após o nascimento, definindo os futuros garanhões e matrizes para, em curto espaço de tempo, retirar embriões de potras com genótipo superior, com 24 meses de idade, aumentando em 100% o crescimento da tropa pampa. Este fator acabou com a dificuldade dos criadores em produzir animais pampas, pois entre os pampas heterozigotos, os cruzamentos com animais de pelagem uniforme com genética superior têm a taxa de 50%, para nascimento de potros pampas. Entendo que este fator deve ter sido o maior problema para os grandes criadores do passado que discriminaram este tipo de pelagem, criando a lenda “que eram animais muito fracos para o trabalho nas fazendas”, apesar da admiração de todos pela pelagem colorida. Produzir pampas requer muita perseverança, pois a produção era muito pequena, devido à taxa de 50%. Com isso, poucos criadores se destacaram nesta atividade, que tinha como destaque a linhagem Lagoa Negra, em Barbacena, onde nasceu o apelido “O cavalo dos Deuses”.

***Claudio Cunha**

Haras do Barulho



*“Mais importante que trabalhar
no aprimoramento genético das raças,
é transmitir às novas gerações,
o amor por esses animais maravilhosos”*

Claudio Cunha



Claudio Cunha e sua neta Duda
em prazeroso passeio pelo haras.

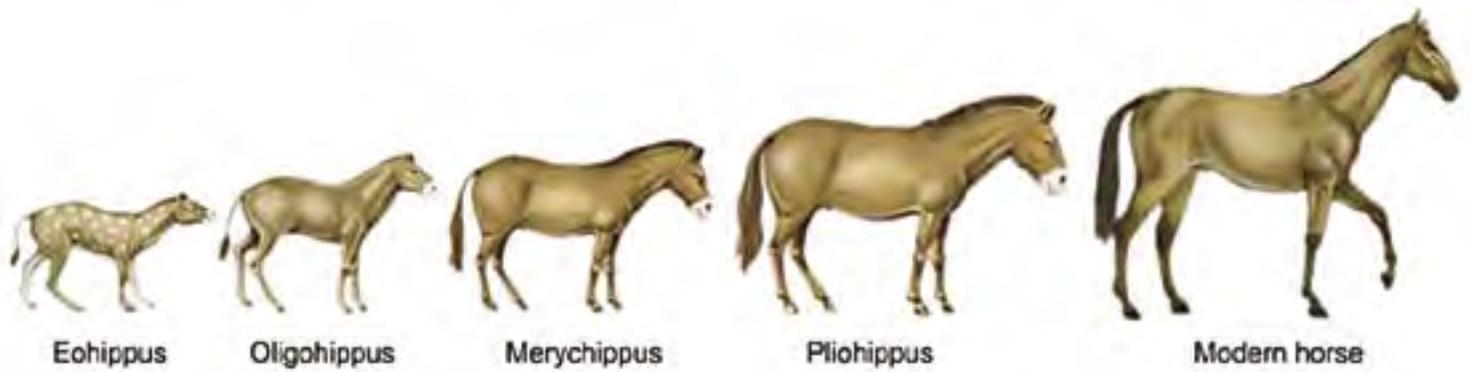
Origem do Cavalo

Cláudia Leschonski

Arqueólogos e pesquisadores costumam datar em 60 milhões de anos atrás o surgimento das primeiras espécies animais cuja evolução resultaria no gênero *Equus* dos dias de hoje. O ancestral mais distante do atual cavalo é o *Eohippus*. Ele tinha o tamanho de uma raposa, seus membros posteriores tinham 4 dedos, e os anteriores 3 dedos. Há 35 milhões de anos, surgiu o *Mesohippus*, que tinha cerca de 50 cm de altura e pernas finas e curtas, com três dedos em cada pata. Depois, veio o *Miohippus*, com 60 a 70 cm de altura e com o dedo médio mais forte e desenvolvido do que seu ancestral. As mudanças de clima que o planeta atravessou fizeram com que florestas se transformassem em estepes cobertas de gramas rasteiras. Este ambiente foi favorável ao crescimento dos proto-equídeos, que ganharam altura ao longo das eras. A transformação dos dedos da pata para o casco ungulado de hoje ocorreu devido ao solo plano e relativamente duro onde estes animais se desenvolveram, e também atesta que a velocidade de corrida que conseguiam alcançar era seu instrumento de defesa mais eficaz.

Essa transformação começou a ocorrer há cerca de 26 milhões de anos, com o surgimento do *Merychippus*, que já media 1 metro de altura e possuía o dedo médio mais desenvolvido e comprido. Com isso, os outros dedos do cavalo começaram a perder utilidade e importância, e foram desaparecendo aos poucos. É importante lembrar que todo este desenvolvimento se deu por evolução e seleção natural.

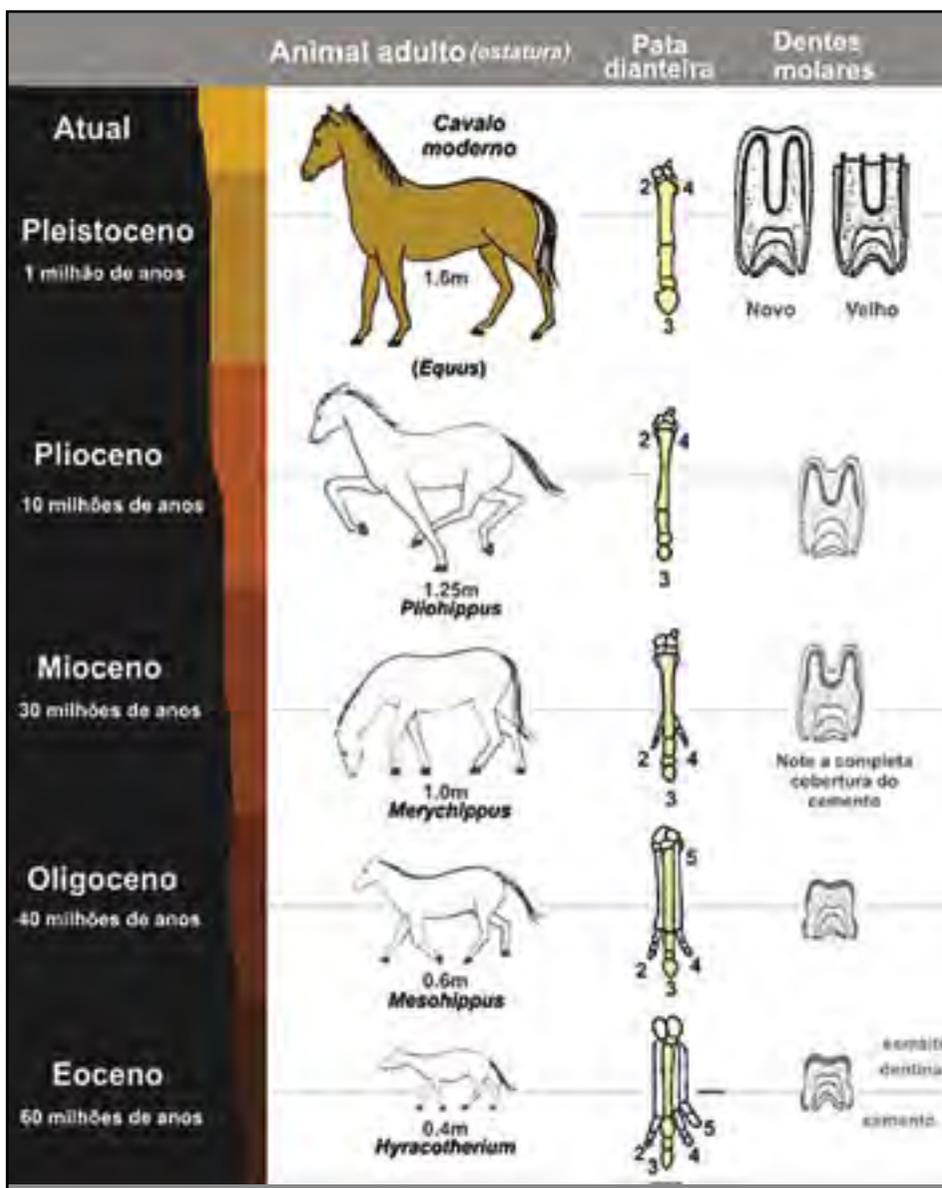
Equus, o ascendente direto do cavalo doméstico atual, apareceu no continente americano há cerca de um milhão de anos. Chegava a atingir cerca de 1,50 m que é, até hoje, a altura máxima atingida por cavalos de raças rústicas com menor interferência de seleção artificial. Apresentava um casco único, grande e robusto.



O ser humano surgiu nesta história em época muitíssimo mais recente. O período Neolítico – Idade da Pedra, na pré-história – remonta a uns 50 mil anos atrás, e o início

da civilização é marcado, entre outros eventos, pela domesticação das primeiras espécies animais há uns dez mil anos: canídeos e ruminantes de grande e médio porte (bovinos, ovinos, caprinos). A domesticação

dos cavalos remonta a uns 6 mil anos. Ainda que seis milênios sejam um longo tempo para a nossa civilização, são um “breve instante” em termos de evolução biológica e história do planeta: em termos de passado da espécie equina, apenas 0,01% deste período aconteceu na “era da domesticação” (6 mil em 60 milhões de anos). É por isto que todo cavalo, mesmo aqueles das mais apuradas raças e nascidos cercados de cuidados em haras sofisticados, ainda tem características fisiológicas e comportamentais de cavalo selvagem, do grupo nômade que vagava livre pelas estepes, alimentando-se apenas de gramíneas. Respeitar esta realidade é fundamental para toda pessoa que deseja ser bem-sucedida na criação, no manejo e no treinamento de cavalos.



Migração do Eqqus

Há controvérsias entre diversos grupos de estudiosos sobre as datas mais prováveis da difusão dos equídeos pelo planeta, mas todos os achados paleontológicos indicam que o cavalo primitivo se originou na América e migrou pela área do atual estreito de Bering (então ainda terra firme) entre 30 e 50 mil anos A. C. Depois, por razões desconhecidas, a espécie se extinguiu nas Américas, vindo a ser reintroduzida apenas com a colonização européia a partir do início do século XVI.

Em todo caso, na era glacial, o Equus já havia migrado do continente americano para a Ásia e a Europa.

Na Ásia, surgiu o cavalo-de-Przewalski, hoje denominado de Takhi, o cavalo selvagem da Ásia, considerado uma subespécie do cavalo doméstico atual.

Descrito em 1879 pelo coronel Przewalski na sua viagem de regressa da Mongólia, o cavalo-de-Przewalski pertence à família dos equídeos que também englobam as zebras e os burros selvagens.

Na Eurásia desenvolveu-se o Tarpan, um cavalo com estrutura óssea mais fina que o das estepes. O Tarpan é um tipo de cavalo selvagem pré-histórico.

Desenhos rupestres de cavalos Tarpan podem ser encontrados na França e na Espanha, e os artefatos que mostram esta raça podem ser encontrados no sul da Rússia, onde este cavalo foi domesticado pelos nômades Citas a cerca de 3000 AC.

O último Tarpan morreu em cativeiro na Rússia em 1909.

No norte da Europa evoluiu um tipo maior e mais pesado de equino,



Cavalo de Prezevalski, hoje denominado de Takhi, o Cavalo Selvagem da Ásia



A foto acima foi tirada em 1884 e é a única foto conhecida do chamado Tarpan. Este garanhão particular foi capturado perto de Kherson (Ucrânia) e, mais tarde comprado pelo Zoo de Moscou, onde morreu com a idade de 21 anos.

chamado de Cavalos das Florestas. No noroeste da Sibéria surgiu ainda o primitivo Cavalos da Tundra.

Estes tipos primitivos de cavalos, à medida que seus descendentes eram domesticados, resultaram nas mais de 140 raças de cavalos que conhecemos hoje.

A domesticação dos cavalos teve início entre os povos nômades da Ásia Central, a partir de 6.000 A. C. As correntes migratórias humanas difundiram estes cavalos ao oeste, originando o proto-árabe na Ásia menor (península arábica) e o berbere no norte da África. Outras linhagens de cavalos selvagens, depois domesticadas pelas populações locais, incluem o Cavalos da Floresta do Norte Europeu (originador das raças de tração pesada) e os diversos grupos de pôneis da Escandinávia e da Grã-Bretanha.

Os primeiros usos do cavalo eram: servir de fonte de carne e couro e de meio transporte de cargas e tração. Os primeiros povos cavaleiros foram os citas e os hititas, na Ásia menor, além dos nômades da Mongólia e das vastas estepes asiáticas. Foi apenas a utilização em ampla escala do estribo, a partir do ano 500 D.C., que sofisticou a equitação e aumentou a importância bélica da cavalaria. Na Alta Idade Média e na Renascença consolidaram-se os usos do cavalo que dariam origem aos esportes equestres atuais, tais como adestramento, salto e corridas.

As raças equinas modernas se originaram na Europa através da miscigenação dos troncos asiático, africano e europeu de tipos de cavalos. Os cavalos ibéricos, que retornariam à América Latina com os conquistadores do século XVI, tiveram influência marcada do cavalo berbere (norte da África), a partir das invasões mouras no oitavo século de nossa era. O cavalo retornou à América do Norte tanto com os espanhóis quanto com os colonizadores anglo-saxões, que, em sua marcha rumo ao oeste do continente a partir dos anos 1700, reintroduziram a espécie equina em seu berço, onde ela havia deixado de existir milhares de anos antes.

Cavalo na América

Os primeiros cavalos americanos da era moderna foram trazidos por Cristóvão Colombo. Os espanhóis desembarcaram na ilha Hispaniola (S. Domingo) com cavalos e éguas de sangue ibérico em 1493. Cada nova viagem de exploradores e conquistadores vindos de Portugal e Espanha trazia alguns cavalos, e eles foram se espalhando pelas ilhas de Porto Rico, Cuba e Jamaica e, dali, para a América Central e Colômbia, de onde passaram para o Peru, Equador, Bolívia e Chile. Chegaram ao México com Cortez e, daí, expandiram-se pelo oeste da América do Norte. Na América do Sul chegaram em 1535 trazidos por Pedro Mendoza. Os cavalos abandonados na invasão de Buenos Aires formaram a base de numerosas manadas dos cimarrones ou baguales, que por sua vez deram origem ao cavalo Crioulo. Em 1541 Cabeza de Vaca trouxe cavalos para o Paraguai, desembarcando posteriormente na costa brasileira, provavelmente em Santa Catarina. Todas as raças de cavalos formadas no continente americano são direta



Pedro Mendoza

ou indiretamente descendentes dos cavalos ibéricos. Nos Estados Unidos, o Mustang ou Mesteño, o Quarto de Milha, o Appaloosa, o Seminola e o Cayuse ou Indian Pony. Na América do Sul, o Crioulo, que salvo modificações do meio ambiente, é o mesmo cavalo do norte ao sul do continente. O mesmo acontece com as raças formadas nos diversos países, muitas delas marchadoras: o Campolina, o Mangalarga, o Paso Fino e o Paso Peruano, entre outros.



Colonizadores utilizando e comercializando cavalos próximo ao Porto

Cavalo no Brasil

No Brasil, os primeiros cavalos foram introduzidos em 1534 por D. Ana Pimentel, esposa de Martim Affonso de Souza. Eles desembarcaram em Pernambuco e, depois, foram levados para a Capitania de São Vicente, em São Paulo. Coincidência ou não, estas eram as duas capitanias mais prósperas da época. Com a demanda da metrópole pelo desenvolvimento da exploração das riquezas nas terras brasileiras, mais cavalos chegaram ao país para prestar auxílio aos colonizadores, e foram fundamentais para os portugueses. Não há registros sobre o número de cavalos enviados ao Brasil depois do descobrimento, mas sabe-se que, após 1549, no governo geral de Tomé de Souza, a importação de cavalos era constante.

A primeira criação nacional data de 1755, com o latifúndio da Casa da Ponte. Os animais eram vendidos em Sorocaba (SP) aos bandeirantes e se tornaram seus principais aliados no enfrentamento e exploração das riquezas da mata atlântica.

Estátua de D. João VI em sua montaria



A partir daí, a criação de equinos se expandiu às margens do rio São Francisco, chegando ao Centro-Oeste do país. Em 1808, com a invasão de Portugal por Napoleão Bonaparte e a instalação da Família Real portuguesa no Rio de Janeiro, a relação entre os brasileiros e o cavalo se aprofundou ainda mais. Apesar da admiração pelo cavalo ter sido herdada pelos portugueses durante a dominação moura, chegou ao Brasil quando D. João VI criou a Ordem da Cavalaria da Espada. A partir daí, o cavalo deixou de ser visto apenas como animal de trabalho e de guerra para se tornar objeto de exposição e culto, símbolo de beleza, virilidade e luxo no país.

Origem da Raça Campolina

Raça brasileira composta de animais selecionados para sela, serviço e lazer, o Campolina tem sua história ligada ao início da criação de equinos no Brasil. Essa atividade começou na época do descobrimento a partir de animais trazidos por colonizadores portugueses. Com a chegada de animais, instalação dos primeiros criatórios e posterior expansão dos plantéis, alguns criadores passaram, desde então, a selecionar, através de cruzamentos, os melhores animais com base em avanços em sua genética, morfologia e andamento. Além de desenvolverem animais que atendiam às suas necessidades, eles abriram caminho, com seus trabalhos de seleção, para se chegar ao que se denominou raças brasileiras. A raça Campolina não fugiu à regra. Constituída inicialmente de animais selecionados para uso pelo Exército (montaria) e para condução de carruagens, a raça surgiu há 141 anos (1870), no Estado de Minas Gerais, na época em que o Brasil era governado por Dom Pedro II, no Brasil Império.

Cassiano Campolina, o fundador da raça

Idealizada por um estudioso e apaixonado por equinos, o criador Cassiano Campolina, do qual herdou o sobrenome, a raça Campolina foi formada na região de Entre Rios de Minas, na Fazenda Tanque, de propriedade daquele criador. Tudo começou em 1857, quando Cassiano Campolina, nascido em São Brás de Suaçui, ex-distrito de Entre Rio de Minas, começou a formar o seu rebanho, composto por éguas sem características raciais definidas. Eram animais predominantemente de sangue da raça Berbere, introduzida no Brasil pelos portugueses e nas Américas pelos espanhóis.

A partir daí, o criador pôs mão à obra para chegar à raça Campolina. Durante uma visita à cidade de Juiz de Fora (MG), ele recebeu de um amigo, Antônio Cruz, uma égua preta de nome Medéia.



Fazenda do Tanque

Era uma fêmea nacional e estava prenhe de um garanhão puro sangue Andaluz, pertencente a Mariano Procópio, que o recebeu de presente de Dom Pedro II, criador de equinos à época. Incorporada ao rebanho de Cassiano, na Fazenda do Tanque, Medéia gerou, no criatório, um belo potro de pelagem preta – posteriormente mudou para tordilha negra – autêntico 1/2 sangue Andaluz. Batizado de Monarca em alusão ao Imperador Dom Pedro II, o garanhão, que serviu durante 25 anos na Fazenda do Tanque, é considerado o marco inicial da Raça Campolina.

O idealizador e fundador da raça, desde o início de seus estudos técnicos, concentrou os trabalhos de seleção e melhoramento genético na obtenção de animais de elevado porte, robustos, resistentes e de andamento cômodo, a fim de atender às exigências das longas cavalgadas que predominavam no transporte daquela época. Visava também suprir a demanda – existente na época – de animais de grande porte, destinados às disputas esportivas entre mouros e cristãos (as famosas cavalhadas) para a montaria dos dragões da Milícia Real e para as paradas de cavalos e muares para tróleis, com demanda principal no Estado do Rio de Janeiro.

Em 1898, o garanhão Monarca morreu aos 28 anos de idade e, a partir daí, a trajetória da raça Campolina tomou outro rumo. Cassiano Campolina, devido ao seu pouco conhecimento de raças exóticas, adquiriu um garanhão da raça Percheron (de tração pesada) e o usou em algumas filhas de Monarca. A experiência foi negativa, pois os produtos obtidos se revelaram impróprios para sela. Em vista disso, o criador



Cassiano Campolina

optou pela alternativa mais sensata: passou a utilizar os descendentes diretos de Monarca no seu trabalho de seleção, destacando-se entre eles: Monarca II, Monarca III, Leviano, Predileto, Baiardo, Pope e Nobre.

Cassiano Campolina não pode, contudo, dar continuidade ao trabalho de seleção, pois veio a falecer em 1904. O criatório “C.C”, como ficou conhecido e que já contava com mais de três décadas de existência, poderia ter sido interrompido se não fosse o interesse e o entusiasmo pelos equinos que conseguiu transmitir aos amigos. Assim, em testamento, passou para seu particular amigo, Joaquim Pacheco de Rezende, a Fazenda do Tanque e todo o seu plantel de equídeos.

A experiência do novo titular da Fazenda Tanque, porém, durou pouco, pois faleceu em 1911, legando para um dos seus filhos, Joaquim Rezende, a responsabilidade maior de prosseguir o trabalho iniciado por Cassiano Campolina. Desse trabalho participaram seus irmãos Antônio, José e Newton Rezende, com atuação mais ativa do primeiro.

A evolução do cavalo

Campolina Pampa

Texto: Dr. Teófilo Almeida

O cavalo de pelagem pampa, desde os primórdios, esteve presente em todas as partes do mundo (exceto na raça Árabe).

Primeiro, foi discriminado nas guerras (por motivos bélicos, o animal era visto de longe por se destacar da paisagem em volta). Por estudos de fatos na história, concluímos que o registro da chegada dos primeiros animais pampa se refere a 1519, na América do Norte, de 16 cavalos de guerra levados pelo explorador espanhol Hernán Cortéz, entre os quais um branco com pintas negras no ventre. Naquela época, o cavalo era considerado a melhor arma de guerra (o Império Espanhol não podia ficar com este animal de grande

Príncipe D. João (VI).
Desenho de Joaquim Carneiro da Silva - Séc. XIX



qualidade bélica na pelagem pampa; então, o mandou para a América). Posteriormente, formou-se, na América do Norte, o Mustang e, depois, o cavalo Apallosa.

Já na América do Sul, especialmente no Brasil, com a vinda de Dom João VI, o cavalo experimentou um avanço na sua qualidade, visto que, junto com a corte, Dom João trouxe também o melhor do patrimônio genético do cavalo português. A origem do pampa no Brasil se fez através do cavalo Berbere e do cavalo Holandês, no estado de Pernambuco. A origem do nome pampa vem do Brigadeiro Tobias de Aguiar; quando derrotado pelas tropas do Império, ele fugiu e juntou-se à tropa que lutava na Guerra dos Farrapos; seus soldados montavam cavalos com manchas brancas sobre a pelagem escura, ficando assim conhecidos como Tobianos devido a Tobias de Aguiar. Com a anistia, houve o retorno de alguns destes animais para o Sudeste, onde ficaram conhecidos como animais pampa devido ao local de origem. No histórico dos cavalos Lusitano e Halter não havia registro desta pelagem, hoje, qualidade de destaque. Dentre as raças brasileiras não foi diferente. As éguas pampa, nos criatórios, nunca eram mostradas. Até que o bom gosto e a beleza se fizeram notar.

Na raça Campolina, igualmente, os dois troncos que deram origem a esta raça têm, em sua base, éguas de pelagem pampa; (base esta ignorada muitas vezes por alguns criadores). Porém, outros criadores fizeram destes animais a base de seus criatórios e levaram o Campolina Pampa à consagração, hoje tão admirada. Cito aqui rapidamente, entre os criadores, a Fazenda Campo Grande (Passa Tempo); Fazenda Lagoa Negra (Dr. José Eugênio Dutra Câmara, o nosso líder); Fazenda Água Santa; Haras Pantaleão (grande criador do Campolina Pampa Funcional); Haras do Barulho (revolucionou o Campolina Pampa); Haras LPD; Haras Solar da Lagoa; Haras Jaicurê; Haras Ventania; Haras Preto e Pampa e Haras Barraca.

Após a entrada do criatório Lagoa Negra, o Campolina Pampa se destacou, sempre mantendo a beleza. Na aquisição do NF de Santa Rita, feita pelo criatório Pantaleão, o Campolina teve uma forte aspiração à funcionalidade de boa marcha. A Fazenda Água Santa teve e tem, a maior divulgação do Campolina Pampa, hoje com uma tropa de grande qualidade, reunindo beleza e andamento. O Haras do Barulho (Cláudio, Vera e Pedro Cunha) entrou para história como um divisor de águas: foi, com o sufixo do Barulho, o primeiro Campeão Nacional de Progênie de Pai com o Gavião, mostrando a evolução desta tropa Campolina Pampa. Gavião do Barulho revolucionou, disputando nas pistas os primeiros lugares de andamento, que é a finalidade do nosso cavalo: PARA SELA, SERVIÇO E LAZER. Uirapurú J da 3 F sagrou-se Campeão Nacional no Convencional, seguido por Vesúvio 5 Estrelas. Títulos estes que consagraram a qualidade desta tropa Pampa.

Este caminho percorrido até aqui foi muito árduo para estes amantes do belo cavalo Campolina Pampa. Tiveram grandes desafios, tristezas e perdas. Mas, o bom gosto e a seleção mais descontraída, os favoreceram, por vários motivos. Não tiveram pressa, construíram um cavalo mais perto do chão, com selo racial, bom de sela, marcha boa e, o principal, sem consanguinidade, hoje um patrimônio muito requisitado.

Em movimento, o Campolina Pampa tem indivíduos a serem copiados pela qualidade de articulação e amplitude de passadas, temperamento de sela e montabilidade. Antes, quando entravam na pista sempre fechavam fila; hoje, mudou muito esta história. Estão sempre nas primeiras colocações de andamento e morfologia.

Conhecemos grandes histórias contadas pelo nosso saudoso Dr. José Eugênio Dutra Câmara, com a sua prosa boa, de grande cultura equestre, ressaltando as qualidades e a beleza do Campolina Pampa. Entre suas histórias, a melhor delas é a que destacava a diferença entre o comprador de vaca de leite e o comprador de cavalo. Ele, com aquela simpatia, que lhe era peculiar, levantava um pouco a cabeça e vinha descrevendo as diferenças:

- Olha, o comprador de vaca de leite chega às 5:00 h, num Fiat, indagando sobre a tirada dura das vacas, conferindo a produção, desconfiando de tudo, bisbilhotando, chorando no preço, pedindo prazo e vai por aí a fora.

- O comprador de cavalo chega às 11:00 h, num carrão do ano último modelo, acompanhado de uma mulher bonita. O vendedor vai mostrando a tropa, os campeões de pista, as matrizes, tentando satisfazer a vontade do visitante comprador. Enfim, lá pelas tantas, depois de prostrar bastante, rir, beber, comer, o vendedor pergunta: e, aí, gostou de qual animal? O visitante comprador, querendo satisfazer a sua vontade e da companhia pergunta a ela: meu bem, de qual você mais gostou? Ela responde com os olhos da modernidade, e com aquilo que contamina a todos: BELEZA, aquele chitadinho ali; hora do feliz vendedor pedir algo mais pelo animal.

LIÇÃO: cavalo tem de ser funcional, raçudo, andamento macio, altivo, dócil, elegante; mas, se for Pampa, melhor ainda: vai agradar a todos. Que me desculpem os feios, mas beleza é fundamental.

Bem, escrevi o histórico breve da evolução. Comercialmente, esse cavalo é imbatível no mercado, pois, todos querem um animal belo, de bom andamento, fácil de montar e, essas, com certeza, são as qualidades do nosso cavalo Campolina Pampa, que tem na sua pelagem o grande diferencial!

FOTO

1ª Exposição Nacional do Cavalo Campolina Pampa

Barbacena/MG - de 04 a 08 de abril de 2001

ABCCCampolina e o Clube do Cavalo de Barbacena, entidade presidida pelo criador Paulo Seixas de Oliveira (sufixo 5 Estrelas), promoveram em Barbacena, entre os dias 4 e 8 de abril, a 1ª Nacional do Cavalo Campolina Pampa - Exposição Jose Eugenio Dutra Câmara. A mostra, idealizada pelo criador Osvaldo Diniz, o Vadinho, homenageou o campolinista Jose Eugenio, decano criador Barbacenense, juiz da raça e precursor na seleção de exemplares Campolina de pelagem pampa. A mostra, realizada no Parque de Exposições da cidade, foi visitada por mais de 20 mil pessoas que se encantaram com a nobreza do Campolina pampa. Criadores dos principais centros de criação de animais da raça do Grande Marchador - Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia, São Paulo, Distrito Federal, Alagoas e Pernambuco - prestigiaram o evento, sempre em companhia de familiares e amigos.

Julgamento e Leilão

Na pista de julgamento, 120 animais foram avaliados pelos juizes Viriato Mascarenhas Gonzaga III (morfologia) e Alessandro Moreira Procópio (marcha). Uma novidade marcou o julgamento: o publico elegeu a pelagem mais bonita. Organizado pelo criador Joel Bastos Garcia (Rio de Janeiro), o Leilão de Gala, que aconteceu no sábado, dia 7 de abril de 2001, atraiu mais de 1.000 pessoas no recinto de leilões do Parque de Exposições. O pregão registrou faturamento médio por cabeça de R\$ 10 mil na comercialização de 26 lotes. Portanto, o faturamento total foi de R\$ 260 mil. O animal mais valorizado, a fêmea Feita da Bateia, saiu

por R\$ 33 mil, valor pago pelo criador carioca Valdemir Paes Garcia (Haras Modelo). O absoluto sucesso da 1ª Nacional do Campolina Pampa, que muito justamente homenageou Jose Eugenio Dutra Câmara, foi comemorado pelo presidente da ABCCC Arthur Biagioni: "A exposição consagrou a pelagem pampa do cava-lo Campolina, um inestimável patrimônio genético da raça". O presidente salientou que a pelagem pampa esta cada vez mais valorizada e que deve ser "legitimamente selecionada" por todos os associados a ABCCCampolina por se tratar de uma "riqueza genuína" da estirpe do Grande Marchador.

José Eugenio titular do criatório Lagoa Negra, Jose Eugenio Dutra Câmara seleciona animais de pelagem pampa ha 37 anos. O tradicional criador foi o primeiro campolinista a reivindicar aos conselhos Superior e Técnico da ABCCCampolina a criação da linhagem Pampa da raça Campolina.

Jose Eugenio também sugeriu o julgamento em separado dos "pampas", porém com a seguinte ressalva: fica facultado ao criador que o animal de pelagem pampa também possa ser julgado entre aqueles de pelagem uniforme.

Para Jose Eugenio, o Campolina pampa tem um "extraordinário e futuroso mercado em razão de seu porte, marcha preservada e bela morfologia". O criador titular da marca Lagoa Negra salienta que é preciso "colorir estas virtudes e transformar aquele que já e o cavalo mais imponente e belo do Brasil no cavalo "mais bonito do planeta".



MACHOS

CAMPEONATO POTRO

Campeão: Fascínio do Brasil Macuco
Reservado: Ideal do Pantaleão

CAMPEONATO JOVEM

Campeão: Diferente do L.P.D.
Reservado: Vingador TOP

CAMPEONATO JÚNIOR

Campeão: Mascarado do Barulho
Reservado:

CAMPEONATO CAVALO JOVEM

Campeão: Detalhe de Sans Souci
Reservado: Garbo do Solar da Lagoa

CAMPEONATO CAVALO ADULTO

Campeão: Mistério da Lagoa Negra
Reservado: -.-

CAMPEONATO CAVALO SÊNIOR

Campeão: Desejo do Kalimantan
Reservado: Garboso da Gloria

CAMPEONATO MELHOR CABEÇA JOVEM

Campeão: Desejo do Kalimantan

CAMPEONATO MELHOR CABEÇA SÊNIOR

Campeão: Desejo do Kalimantan

CAMPEONATO JOVEM DA RAÇA

Campeão: Fascínio do Brasil Macuco
Reservado: Ideal do Pantaleão

CAMPEONATO SÊNIOR DA RAÇA

Campeão: Desejo do Kalimantan
Reservado: Garboso da Gloria

CAMPEONATO MELHOR PROGÊNIE DE PAI

Campeão: Campeão do Pantaleão
Reservado: Ivanhoé do Chaparral

CAMPEONATO DE MARCHA

MACHO JOVEM (30 A 60 MESES)

Campeão: Garbo do Solar da Lagoa
Reservado: Mistério da Lagoa Negra

MACHO SÊNIOR (ACIMA DE 84 MESES)

Campeão: Desejo do Kalimantan
Reservado: Lual da Lagoa Negra

CASTRADO

Campeão: Quadro de Alfnas
Reservado: JE Dilúvio

FÊMEAS

CAMPEONATO POTRA

Campeã: Iracema de Santa Rosa
Reservada: Diva Del Leste

CAMPEONATO JOVEM

Campeã: Felicidade de Sans Souci
Reservada: Exótica de Dakota

CAMPEONATO JÚNIOR

Campeã: Fama Del Leste
Reservada: Acássia das Minas Gerais

CAMPEONATO ÉGUA JOVEM

Campeã: Figura do Barulho
Reservada: Herança do Solar da Lagoa

CAMPEONATO ÉGUA ADULTA

Campeã: Sosso do Beribé
Reservada: Top Model do Barulho

CAMPEONATO ÉGUA SÊNIOR

Campeã: Promessa de São Tomé
Reservada: Deusa do Pena Branca

CAMPEONATO MELHOR CABEÇA JOVEM

Campeã: Iracema da Santa Rosa

CAMPEONATO MELHOR CABEÇA SÊNIOR

Campeã: Figura do Barulho

CAMPEONATO JOVEM DA RAÇA

Campeã: Felicidade de Sans Souci
Reservada: Iracema de Santa Rosa

CAMPEONATO DE MARCHA

FÊMEA JOVEM (30 A 60 MESES)

Campeã: Herança do Solar da Lagoa
Reservada: Azaleia do Pantaleão

FÊMEA ADULTA (60 A 84 MESES)

Campeã: Top Model do Barulho
Reservada: Alteza Dakota

FÊMEA SÊNIOR (acima de 84 meses)

Campeã: Promessa de São Tomé
Reservada: Carolina do Grotão

MELHORES CRIADORES

- 1 - Cláudio Roberto Gomes da Cunha
- 2 - Rage Essef Matuk
- 3 - Sociedade Agropecuária Ltda
- 4 - Roberto Ribeiro Cantelmo
- 5 - Vasco Praça
- 6 - Daniel Pantaleão Ferreira (Espolio)

MELHORES EXPOSITORES

- 1 - Claudio Roberto Gomes da Cunha
- 2 - Paulo Seixas de Oliveira
- 3 - Haras TOP
- 4 - Roberto Ribeiro Cantelmo
- 4 - Wellerson Cabral
- 5 - Ronaldo Lanza Tolentino

Desejo do Kalimantan

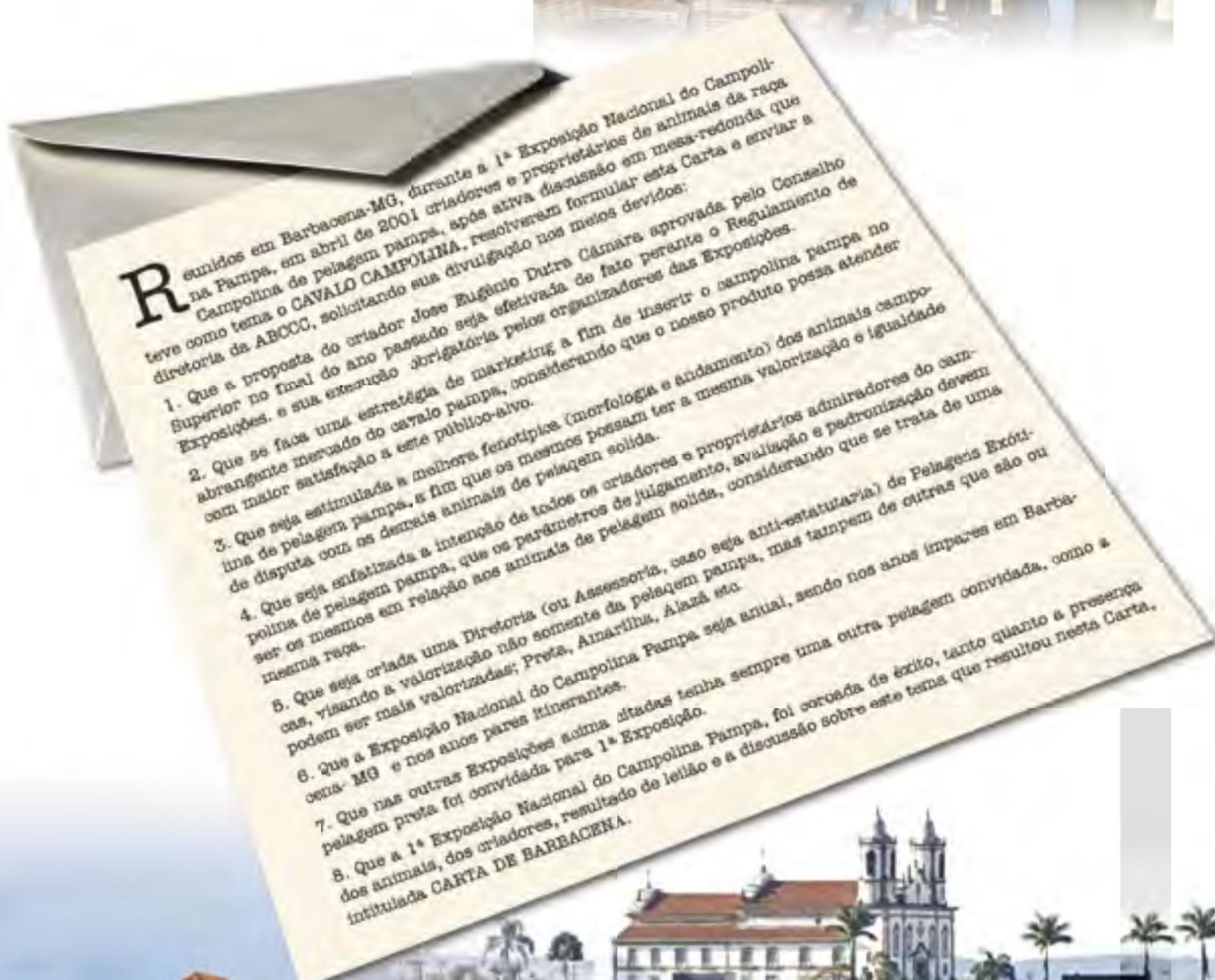


Carta de Barbacena

Estiveram presentes, na assinatura deste documento,
importantes criadores de camplina pampa.

Entre eles: Claudio Cunha, Paulo Seixas,

Xxxxx XXXXXXXXXXX XXXX XXXX XXXXXXXXXXXXXXX
XXXXX XXXXXXXXXXX XXXX XXXX XXXXXXXXXXX XXXX
XXXXXXXX XXXX XXXXXXXXXXX XXXX
XXXXX XXXXXXXXXXX XXXX



Reunidos em Barbacena-MG, durante a 1ª Exposição Nacional do Campolina Pampa, em abril de 2001 criadores e proprietários de animais da raça Campolina de pelagem pampa, após ativa discussão em mesa-redonda que teve como tema o CAVALO CAMPOLINA, resolveram formular esta Carta e enviar a diretoria da ABCCC, solicitando sua divulgação nos meios devidos:

1. Que a proposta do criador Jose Eugênio Dutra Câmara aprovada pelo Conselho Superior no final do ano passado seja efetivada de fato perante o Regulamento de Exposições, e sua execução obrigatória pelos organizadores das Exposições.
2. Que se faça uma estratégia de marketing a fim de inserir o campolina pampa no abrangente mercado do cavalo pampa, considerando que o nosso produto possa atender com maior satisfação a este público-alvo.
3. Que seja estimulada a melhoria fenotípica (morfologia e andamento) dos animais campolina de pelagem pampa, e fim que os mesmos possam ter a mesma valorização e igualdade de disputa com os demais animais de pelagem sólida.
4. Que seja enfatizada a intenção de todos os criadores e proprietários admiradores do campolina de pelagem pampa, que os parâmetros de julgamento e padronização devem ser os mesmos em relação aos animais de pelagem sólida, considerando que se trata de uma mesma raça.
5. Que seja criada uma Diretoria (ou Assessoria, caso seja anti-estatutária) de Pelagens Exóticas, visando a valorização não somente da pelagem pampa, mas também de outras que são ou podem ser mais valorizadas; Preta, Amardiha, Alazá etc.
6. Que a Exposição Nacional do Campolina Pampa seja anual, sendo nos anos ímpares em Barbacena- MG e nos anos pares itinerantes.
7. Que nas outras Exposições acima citadas tenha sempre uma outra pelagem convidada, como a pelagem preta foi convidada para 1ª Exposição.
8. Que a 1ª Exposição Nacional do Campolina Pampa, foi coroada de êxito, tanto quanto a presença dos animais, dos criadores, resultado de leilão e a discussão sobre este tema que resultou nesta Carta, intitulada CARTA DE BARBACENA.

A pelagem pampae a genética

Prof. Alessandro Moreira Procópio

Dsc. Ciência Animal/Melhoramento Animal

Nas criações dos equinos é dada grande atenção por parte dos criadores às características relacionadas à morfologia, seja para aquelas associadas à estética particular de cada raça ou para aquelas associadas à função. Outro ponto importante na seleção são as características fisiológicas relacionadas ao desempenho, entre eles, resistência física, potência, força e temperamento. A união dos itens anteriores irá refletir no padrão e qualidade do andamento do animal, fato esse, importantíssimo nas raças marchadoras. Particularmente na espécie equina, além dos caracteres citados anteriormente, a pelagem dos animais assume grande relevância, sendo muitas vezes o diferencial na valorização de alguns animais. Nos últimos tempos, a pelagem Pampa provavelmente é a que tem sido mais selecionada de forma particular. Como consequência, há nas várias raças nacionais um aumento não apenas em quantidade, mas principalmente em qualidade desses animais.

Características da Pelagem Pampa

A pelagem Pampa caracteriza-se por áreas despigmentadas, visualizadas como malhas brancas conjugadas com pelos pigmentados de qualquer outra pelagem. Nessas áreas despigmentadas, a pele apresenta coloração rósea, enquanto naquelas áreas com pelos pigmentados a pele possui coloração negra. Em alguns animais, a parte pigmentada da pele se estende pelo contorno da malha branca, formando uma pequena borda em toda a área de transição. As malhas dos animais de pelagem Pampa normalmente são bem delimitadas e podem, com frequência, cruzar a linha superior do tronco ou do pescoço, sendo essas umas das principais formas de diferenciação visual em relação aos animais de pelagem Oveira. O potrinho Pampa já nasce com suas malhas que assim permanecem por toda a vida do animal, ou seja, não há aumento nem diminuição das áreas despigmentadas. Os animais de pelagem Pampa apresentam maior incidência de cascos claros, assim como de calçamento nos membros. Na cabeça, geralmente pigmentada, eles podem apresentar as mesmas particularidades que as demais pelagens, sendo que os olhos podem, eventualmente, serem mais claros quando há despigmentação na região que os contorna e os envolve.

Herança genética da pelagem Pampa

Inicialmente, é importante esclarecer um pouco sobre a linguagem da genética empregada. A seguir estão algumas definições básicas referentes aos termos utilizados.

- **Hereditariedade** - Capacidade de uma determinada característica ser transmitida dos pais à sua progênie.
- **Genes** - Unidade básica de herança composta por uma parte ou seguimento do DNA contendo uma codificação que influencia na manifestação de alguma característica no indivíduo.
- **Genes alelos** - São os genes que possuem duas ou mais formas distintas, denominadas formas alélicas.
- **Cromossomo** - Cada um dos longos filamentos presentes no núcleo das células, inclusive nos gametas (espermatozoide e óvulo).
- **Locus Gênico** - É o local específico em um cromossomo onde cada gene se localiza.
- **Genótipo** - É o conjunto ou a combinação dos genes presentes num indivíduo. Composto em sua metade por herança do pai e a outra metade da mãe.
- **Fenótipo** - Características que são manifestadas por um indivíduo, sendo resultante da manifestação dos genes e dos efeitos ambientais e suas interações.
- **Homozigotos** - Indivíduos em que os dois genes alelos são idênticos.
- **Heterozigotos** - Indivíduos em que os dois alelos de um gene são diferentes entre si.
- **Dominância completa** - Propriedade de um alelo (dominante) de produzir o mesmo fenótipo tanto em condição homozigótica quanto heterozigótica.

Pela importância e valorização dos equinos de acordo com sua pelagem, a transmissão genética dessas características tem sido muito estudada. Em relação à Pampa, geneticamente denominada de Tobiana (TO), sabe-se que existe um padrão de herança mendeliana simples com dominância. Isso quer dizer que, em cada equino, existe em um determinado Locus dois alelos que aqui serão representados como, TO (dominante) que produz o Pampa ou N (recessivo). Um equino então poderá possuir três diferentes genótipos relacionados à manifestação da pelagem Pampa, sendo eles:

- **TO/TO (Pampa Homozigoto)** - Nesse caso, tanto seu pai, como sua mãe obrigatoriamente eram Pampas. A grande vantagem do indivíduo homozigoto é que o mesmo produzirá 100% de filhos da pelagem Pampa, independente da pelagem do seu parceiro no acasalamento.
- **TO/N - (Pampa Heterozigoto)** - Nesse caso, o indivíduo possui a pelagem Pampa mas pode produzir filhos Pampas ou não.
- **N/N - (Indivíduo não Pampa)** - O indivíduo não é Pampa e caso o criador queira produzir uma cria Pampa desde animal ele poderá fazê-lo utilizando o acasalamento do mesmo com um parceiro Pampa. A Tabelas 1 e Tabela 2 esclarecem um pouco mais sobre a herança do Pampa.

Seleção de animais da Pelagem Pampa

Para aqueles que buscam a seleção e a fixação da pelagem Pampa, a identificação de indivíduos homozigotos tem grande importância, pois permite agilizar a obtenção desses indivíduos maximizando as chances de ganho genético. De forma a contribuir e facilitar o trabalho dos selecionadores, há hoje um teste genético confiável que permite a

identificação da homozigose para o gene Tobiano ou Pampa. Pelo exterior, esses indivíduos, em alguns casos, podem ser identificados pela presença de pequenas pintas circulares nas áreas despigmentadas conforme representado na foto ao lado.

Importante ressaltar que, não necessariamente, deve-se priorizar apenas os acasalamentos entre animais homozigotos. Uma importante forma de melhoramento genético dos animais para as várias características, preservando-se a pelagem Pampa, é a de utilizar, por exemplo, um Garanhão homozigoto para o Pampa em uma égua geneticamente superior não Pampa, ou realizar o inverso. Acasalar uma égua Pampa homozigota com um garanhão geneticamente superior, mas não Pampa. Nos dois casos citados anteriormente, a progênie será composta por 100% de animais com pelagem Pampa heterozigotos (TO/N).

De acordo com o apresentado, observa-se que é perfeitamente possível a seleção de animais muito bem caracterizados dentro de uma raça e que possuam a pelagem Pampa.



Cavalo Pampa apresentando pintas características de animais homozigotos

TABELA 1 - Probabilidades associadas ao acasalamento de um garanhão homozigoto (TO/TO) com matrizes de diferentes genótipos para a pelagem Pampa

GARANHÃO	ÉGUA	PROGÊNIE
(TO/TO) Pampa Homozigoto	(TO/TO) Pampa Homozigota	100% (TO/TO) Toda Pampa homozigota
	(TO/N) Pampa Heterozigota	50% (TO/TO) e 50% (TO/N) Progênie toda Pampa sendo metade homozigota e metade heterozigota
	(N/N) Não Pampa	100% (TO/N) Toda Pampa, sendo toda ela heterozigota

TABELA 2 - Probabilidades associadas ao acasalamento de um garanhão heterozigoto (TO/N) com matrizes de diferentes genótipos para a pelagem Pampa

GARANHÃO	ÉGUA	PROGÊNIE
(TO/TO) Pampa Homozigoto	(TO/TO) Pampa Homozigota	50% (TO/TO) e 50% (TO/N) Progênie toda Pampa sendo metade homozigota e metade heterozigota
	(TO/N) Pampa Heterozigota	25%(TO/TO); 50%(TO/N); 25%(N/N) 75% de animais Pampa, sendo 25% homozigotos
	(N/N) Não Pampa	50%(TO/N); 50%(N/N) Metade dos animais Pampa, sendo todos heterozigotos

Importante lembrar que as pelagens seguem um padrão de herança em que vários genes determinam os diferentes grupos e suas variações. Dessa forma, o Pampa simplesmente faz com que áreas despigmentadas, se manifestem nos animais das diversas pelagens, dependendo dos demais genes presentes. Por isso, poderemos ter animais nas pelagens Pampa de Preta, Pampa de Alazã, Pampa de Castanha, Pampa de Baia, Pampa de Tordilho e Pampa de Rosilha. Nas raças nacionais não são comuns animais de outras pelagens conjugadas, como a Oveira, Apaloosa ou Persa.

Eternamente pampa!

Olavo Maia (Dinho)





O cavalo é um símbolo de liberdade, de força e de poder que prende o olhar e toma, de todos, um tempinho de admiração e... de prazer.

Entre tantos animais em nossa natureza, o cavalo é um dos poucos que apresentam pelagens de todos os tipos e, certamente, a pelagem Pampa é a que mais atrai a curiosidade e provoca exclamações de admiração de todos que dela se aproximam, sejam leigos ou estudiosos do assunto.

Curiosos temas abordam as discussões sobre essa pelagem, que passou a ser considerada como raça: homozigose, origens, raças formadoras, preferências e andamentos.

Destacam-se como importantes mentores do Pampa os saudosos José Eugênio Dutra Câmara e o barão Márcio de Andrade, além de outros mais jovens e, hoje, todas as raças reconhecem a importância do Pampa nos plantéis e como um importante fator para atrair novos criadores para o mercado.

Resta saber: O mais bonito é o Pampa de preto? O melhor andamento vem com o Pampa de baio? O melhor temperamento de sela está no Pampa de alazão? São assuntos discutidos em blogs, na rede social entre criadores e nos constantes encontros dos amantes da raça.

O que mais importa, é constatar que o Campolina Pampa veio para ficar e será eternizado na história do Cavalo Campolina!!!

Olavo Maia (Dinho)

O que parecia ser uma enorme teimosia,
mostrou ser uma grande sabedoria:

Lagoa Negra

Lagoa Negra - seu início e formação:

Meu pai, José Eugênio Dutra Câmara, começou, em 1942, a criar cavalos em Barbacena, sua cidade natal, no estado de Minas Gerais.

Dentista graduado em 1941 aos 22 anos, filho, neto e bisneto de médicos e sem nenhuma relação com a zona rural, tinha seus animais no grande quintal da casa de sua mãe, onde morava seus cavalos.



José Eugênio Dutra Câmara

Começou a ter gosto por cavalos na década de 30, através de um amigo da família, o engenheiro Paulo da Rocha Lagoa. Este, foi o fundador do embrião da Associação Brasileira dos Criadores do Cavallo Campolina (ABCCC): o Consórcio Profissional dos Criadores do Cavallo Campolina, sediado em Barbacena. Rocha Lagoa, reconhecido como grande hipólogo, foi o mestre de meu pai na equinocultura.

José Eugênio teve como ano base da sua criação o ano de 1942, ou seja, nove anos antes da fundação da ABCCC. Dividiu sua criação inicialmente em duas linhas: de pelagem sólida, iniciada nos anos 40 e a criação de pampa, iniciada em 1971. As duas linhas iriam se fundir em 1991. Na década de 50, ainda com o prefixo Barbacena, pois o sufixo Lagoa Negra viria a adotar em 1963, por sugestão de sua esposa Dora, teve como seu principal animal Barbacena Parlamento, Campeão Nacional em 1958, no Parque da Água Branca, em São Paulo.

Desde 1947 meu pai participava de exposições; para tanto, fazia as viagens de trem até São Paulo, pois não abria mão de viajar junto com seus animais, sendo a égua preta Gilda responsável pela estréia nas pistas das grandes exposições.

Parlamento gerou a égua preta Graúna da Lagoa Negra, nascida em 1963, Campeã Nacional da raça em 1967 em Belo Horizonte, que, acasalada com Micaela Sublime II, gerou o belo cavalo Parlamento II da Lagoa Negra, Reservado Campeão Nacional da Raça em 1980. Parlamento era pai de Ulisses da Lagoa Negra, Campeão Nacional da Raça / 1983.



**Parlamento II
da Lagoa Negra**

por José Eugênio Dutra Câmara Filho (Dudu)



Lagoa Negra e a pelagem pampa:

Na Semana Nacional do Cavalo, em 1970, onde conquistou o Campeonato Nacional da Raça com Apolo de Santa Maria, que meu pai observou a beleza da pelagem pampa nas raças Mangalarga Marchador e Mangalarga "Paulista". Nesta época, haviam poucos animais pampas no campolina, e quase todos registrados em livro aberto, mas não havia pampa de preto, e os pampas que haviam eram distribuídos de forma diluída, quase sempre esquecidos pelo mercado ou mesmo na reprodução pelos seus proprietários.

José Eugênio então saiu à procura de éguas pampas ou algum macho pampa de preto, padronizados na raça campolina para serem registrados em livro aberto.

Encontrou em Arcos-MG, algumas pampas e outras pretas, além de um cavalo mangolino, filho do Mangalarga Marchador Turista de Passa Tempo com uma égua campolina supostamente de origem Gas. Porém, o proprietário somente vendia algumas fêmeas, e não se interessou em vender o cavalo. Entre estas éguas adquiridas, veio uma preta prenha deste cavalo mangolino que trouxe na barriga o primeiro campolina pampa de preto da raça, registrado em livro aberto, livro CP 3, sob o número 282, Netuno da Lagoa Negra, nascido em 1971, na Fazenda Lagoa Negra. Portanto, Netuno era 3/4 campolina e fez a base para a criação pampa que José Eugênio procurava.

Nesta época, os poucos animais pampas na raça campolina, eram descartados pelos seus criadores já que era uma pelagem com pouca procura e com forte preconceito nas pistas.

Netuno gerou animais de marcha picada e de rara beleza.

Entre eles a potra Vingança da Lagoa Negra, que foi a primeira campolina pampa premiada na pista da Gameleira em Belo Horizonte. O nome Vingança foi com a intenção, aliás alcançada, de produzir uma potra pampa que vencesse as potras de pelagem baia. Aliás, no ano de 1978, durante a 3ª Convenção Nacional da Raça Campolina, o prof. Lecy Lopes do Val, renomado hipólogo e grande amigo de José Eugênio, dissertou sobre os grandes criatórios da raça, e abordando o Lagoa Negra, disse, em "tom de brincadeira" que somente não entendia porque seu criador estava insistindo em "brincar" de criar cavalos com seus animais coloridos. Como em 1979 a safra nascida era da letra V, o nome Vingança tinha a intenção de ver a potra premiada na Gameleira, em homenagem ao amigo Lecy. E foi. Ocasão que ambos riram bastante desta história iniciada na Convenção de 1978, e terminada na Exposição Nacional Macapê de 1980, onde Vingança se sagrou Reservada Campeã Nacional potra.

Netuno, falecido em 1983, teve como sucessor seu filho Segredo da Lagoa Negra (1976-1991), que, por sua vez, era filho de uma égua livro aberto, Zâmbia da Lagoa Negra, comprada em Lavras, descendente do



NETUNO DA LAGOA NEGRA



SEGREDO DA LAGOA NEGRA



ISTO É DA LAGOA NEGRA

Mangalarga “Paulista” Sincero JB, famoso ganhão da Fazenda Campo Lindo de Urbano Junqueira, de Cruzília. Curiosamente, meu pai havia adquirido um potro JB, nos anos 60, de nome Zinco JB, filho do Sincero, registrado no Mangalarga Marchador em livro aberto com o nome de Zinco da Lagoa Negra. Este cavalo sagrou-se Campeão Nacional de Marcha em 1970, tendo feito muito sucesso na raça MM, além de ter atuado em várias novelas da Rede Globo nos anos 70, porém, Zinco não deixou descendentes na Fazenda Lagoa Negra.

Outros filhos famosos de Netuno, além de Segredo, foram o negro Tupyara da Lagoa Negra, que foi responsável pela única derrota em concurso de marcha, pelo até então imbatível Estádio do Desterro - e Arauto da Lagoa Negra, irmão fechado de Segredo. Importante ressaltar que a infusão da raça Mangalarga Marchador e “Paulista” até os anos 70 era comum, porém sem nenhuma fraude no registro genealógico, pois havia o livro aberto para registro, e os animais registrados detinham características morfológicas e de marcha da raça campolina.

Segredo da Lagoa Negra gerou dois ganhões usados na fazenda: Falcão da Lagoa Negra e Isto É da Lagoa Negra. Falcão abriu a terceira geração do pampa Lagoa Negra, nascido em 1987, foi utilizado em três safras, e Isto É, nascido em 1990, duas vezes neto de Netuno, tornou-se o primeiro pampa campolina homozigoto da raça, tendo gerado somente produtos de pelagem pampa, independente da pelagem da mãe. Seu nome foi escolhido como um simbolismo, pois mostrava naquela época “se é pampa, é Lagoa Negra”.

Falcão - antes de transferir-se para o Estado do Rio de Janeiro, onde, nos criatórios MM e LPD, se transformaria num dos grandes ganhões pampas da raça nos anos 90 - deixou o expressivo e belo JE da Lagoa Negra, representante da quarta geração, que José Eugênio, aproveitando a segunda passagem do seu criatório na letra J, em 1991, fez uma auto-homenagem, dando-lhe o nome com suas iniciais.

JE - representa a fusão das duas linhas de criatório – pelagem sólida e pampa –, pois sua mãe, a preta Andorra da Lagoa Negra, morta quando JE tinha apenas 1 semana, era filha do Campeão Nacional da Raça/1983, o negro Ulisses

Netuno gerou

Segredo que gerou

Isto É

e Falcão, que gerou

JE, que gerou

Tornado que gerou

Astro Rei

FALCÃO DA LAGOA NEGRA



JE DA LAGOA NEGRA



TORNADO DA LAGOA NEGRA



ASTRO REI DA LAGOA NEGRA



da Lagoa Negra, filho de Parlamento II, e considerado por José Eugênio o melhor animal nascido em seu criatório. JE, que foi 1º prêmio na Nacional/96, sendo o primeiro cavalo pampa a obter tal premiação numa Nacional, veio a ser condominiado com a Agropecuária Hibipeba, e deixou vasta prole na raça, com forte expressão racial. Nos dias atuais, são inúmeros os animais pampas que contém no pedigree Falcão e/ou JE da Lagoa Negra. JE faleceu ainda novo, com 9 anos de idade, e deixou como seu sucessor, o pampa Tornado II da Lagoa Negra, nascido em 2001, neto

materno de Isto É. Tornado II gerou Astro Rei da Lagoa Negra, que, além de representar a 6ª geração pampa Lagoa Negra, é o único produto campolina, na história da ABCCC, quando do seu nascimento, contendo 8 cavalos no seu pedigree, todos nascidos na mesma criação: Tornado II (pai), JE (avô paterno e materno) Falcão (bisavô), Isto É (bisavô), Segredo (tataravô), Ulisses (tataravô), Netuno (quintavô) e Parlamento II (quintavô). Todos da Lagoa Negra. Nem as lendárias linhagens pilares da raça Gas e Passa Tempo conseguiram este feito no registro genealógico da ABCCC.

Atualmente, com o falecimento de José Eugenio, e a venda da Fazenda Lagoa Negra pelos seus herdeiros, a criação continua, somente com animais pampas, que se encontram na Fazenda Coté, no município de Inhambupe-BA, do amigo Armando Berenguer, onde a partir de 2014 serão cobertas pelo jovem garanhão Instinto de Luanda, propriedade do Haras Luanda, que foi o primeiro campolina pampa campeão nacional da raça jovem entre animais de pelagem sólida. Instinto de Luanda, filho do Bicampeão Nacional Progênie de Pai, Gavião do Barulho, é descendente na linha baixa de JE da Lagoa Negra.

Outras origens do campolina pampa:

Porém, na história do campolina pampa, é importante ressaltar que nos anos 60, três criatórios já tinham pampas nascidos, mesmo que de forma esporádica e não continuada. São eles : Passa Tempo (Bolivar de Andrade), Gas (Gastão Resende) e Bom Sossego (Edgard Cerqueira Lobo), além de outros criadores que detinham um ou outro pampa. Mas nenhum pampa de preto.

Nos anos 70, além da Lagoa Negra que foi o primeiro criatório de pampa de preto, e com nascimentos de forma continuada, outros criatórios ajudaram a valorizar a pelagem

pampa: Arábias, Casa Branca, São Pedro, D 3 e Ribeiro.

Nos anos 80, apareceram no pampa, entre outros, os criatórios Lua Brava, Glória, Água Santa, Pantaleão, Solar da Lagoa e dois criatórios já tradicionais na pelagem sólida, Chaparral e Sans Souci.

Nestes criatórios, surgiram animais importantes na formação do campolina pampa: Gas Guadalajara, matriarca de todos os animais Gas de pelagem pampa. Cacique das Arabias, propriedade de Emir Cadar. Cacique era livro aberto, mas da criação de Bento Paixão, e era filho de uma égua pampa com o cavalo Príncipe da Lagoa Negra. Cacique era pai de Soraia das Arabias que acasalada com Ousado de Passa Tempo, gerou Ivanhoé do Chaparral, pai da matriarca Figura do Barulho, mãe de Gavião do Barulho. Outro animal importante no campolina pampa foi a matriz Sete de Copas D3, uma filha de Micaela Sublime II com égua pampa livro aberto. Sete de Copas, nascida no município de Casa Grande-MG, gerou duas éguas ícones no campolina pampa: acasalada com Ringo da Lagoa Negra gerou Medalha D3, e esta por sua vez gerou Feitiço Lua Brava, que por meio deste descendem Garboso da Glória e Monarca de São João. Sete de Copas também gerou Malvada de Sans Souci, mãe de Promessa de São Tomé, que por sua vez gerou Vetor Top e Vingador Top, este pai de Greco da Barraca (e neto materno de JE da Lagoa Negra). Alguns cavalos negros contribuíram para a formação de pelagem pampa, entre eles o garanhão NF de Santa Rita, que gerou animais pampa em base de éguas Lagoa Negra e outras livro aberto de suposta origem JB. NF gerou Estalo do Pantaleão, pai de Gavião do Barulho. Descendem também de NF, Orfeu do Nagladir, Campeão do Pantaleão, Ideal do Pantaleão entre outros.

A “Raça” Pampa e o julgamento em separado do campolina pampa

Nos anos 90, o criador Márcio de Andrade, da renomada linhagem Passa Tempo, teve a idéia de criar a Associação Brasileira dos Criadores do Cavallo Pampa. A idéia original do saudoso e brilhante hipólogo Márcio era fundir as 3 raças Campolina, Mangalarga Marchador e Mangalarga “Paulista” em torno da pelagem pampa. Contudo com o falecimento de Márcio de Andrade, houve uma tendência muito forte na “raça” pampa a ter o predomínio das duas raças mangalarga, que na verdade, na sua origem na primeira metade do século 20, era uma única raça mangalarga. Constatando o alijamento da raça campolina, no contexto da Associação Pampa, José Eugenio Dutra Câmara, propôs ao Conselho Consultivo da ABCCC, onde era membro nato como ex-presidente da Associação, que fosse feito um julgamento a parte do Campolina Pampa. Esta idéia teve sua elaboração na famosa “Carta de Barbacena”, durante a 1ª Exposição Nacional do Campolina Pampa em Barbacena, carta que tive o prazer de ser o seu redator, a partir das deliberações dos criadores de campolina pampa presentes. A proposta foi aceita pela ABCCC e durante mais de uma década houve o julgamento em separado, contribuindo não somente ao fomento da pelagem pampa, mas como crescimento da raça campolina num todo.

Campolina pampa e seu grande trunfo no século 21

Portanto, a partir dos anos 90 e 2000, o campolina pampa se transformou numa verdadeira “mania” na raça campolina, e foram inúmeros os criatórios que surgiram. A valorização atual no mercado é do mesmo nível da pelagem sólida. Na presente década, o campolina pampa conseguiu seu maior trunfo através do reprodutor Gavião do Barulho, que conquistou por 2 anos seguidos o título de Melhor Progênie de Pai Nacional, vencendo

garanhões de pelagem sólida. Este feito no que concerne à premiação em exposições, demonstra o atual nível de excelência que se encontra o campolina de pelagem pampa. Os leilões com oferta de animais pampas tem medias excelentes e alta liquidez, onde se destacam nos últimos anos os pregões dos Haras Água Santa, Barraca e Barulho.

Contribuição do criatório Lagoa Negra nos garanhões atuais ou recentes

Entre alguns garanhões da atualidade ou de um passado recente, um numero grande de cavalos pampas na raça campolina detém sangue Lagoa Negra, nascidos em outros criatórios:

Descendem de Arauto da Lagoa Negra (filho de Netuno): Astro do Elopamoj, Barbaro do RF, Euro do Mosteiro, Krull do Barulho, Kamikase do Barulho, Lancelot do Barulho, Nautico do LPD, Novembro do LPD, Uirapuru J da 3F, Udolfo do Repol, Xumaki do Repol, Ximenes do Repol.

Descendem de Falcão da Lagoa Negra (filho de Segredo e neto de Netuno): Apache JHR, Campeão del Leste, FAG Color, Fogo do LPD, Heu do LPD, Jambo do MM, Lanceiro do MM, Mariot de São Judas, Maroto do LPD, Milenium de São João, Pavão do Jaicurê, Pantaleão de São João, Único do LPD, Xumaki do Repol, Ximenes do Repol.

Descendem de JE da Lagoa Negra (e de Falcão, Segredo e Netuno): Bárbaro da Hibipeba, Diferente do LPD, Dólar do Aldebarã, Esteio da Hibipeba, Greco da Barraca, Gato do MM, Genial de SansSouci, Hispânico do Haras Rosso, Instinto de Luanda, Malibu das Flores, Queluz de Casseribu, Peralta do Atalho, Quentão do Malac, Sândalo do Repol, Xingu de Santa Rosa.

Descendem de Ringo da Lagoa Negra: (através de sua filha Medalha D3) Garboso da Glória, JR de Santa Rosa, Massari da Agua Santa, Monarca de São João, McLaren de São João, Quintão da Agua Santa, Tzar da Agua Santa, Tuia da Água Santa e Xerife da Glória.

Campolina pampa, realidade de sucesso:

Portanto, voltando há quase 50 anos atrás, a perseverança em criar pampas, desde uma época em que estes eram vistos com enorme discriminação, insistência esta personificada entre vários baluartes, com destaque para José Eugenio Dutra Câmara, permitiu a ampla abertura do mercado do campolina pampa, e esta insistência, no passado criticada, hoje se resume na frase: “aquilo que parecia ser uma teimosia, mostrou ser uma enorme sabedoria!”

FOTO

Um francês apaixonado pelo Campolina Pampa

Stephen Henri Regnier



Orion do Sítio Tamanduá com mês de idade recebendo o carinho da pequena Chloe

Criação de pampa

Minha história com a pelagem pampa teve início por acaso. Tudo começou quando comprei para dar de presente à minha filha Chloe, um embrião gerado do acasalamento entre a lobuna pampa Estrela Solar da Lagoa (Cacique do Solar da Lagoa x Catita do Mirador) e Paladino do Mape (OP de Santa Rita x Zan Zabumba). O embrião resultou em um lindo campolina pampa de preto e recebeu o nome de Orion do Sítio Tamanduá. Hoje, ele é o reprodutor chefe do criatório (na foto abaixo com Chloe quando tinha um mês).

Nas pistas, o garanhão Orion do Sítio Tamanduá já acumula importantes títulos, como:

- *Res. Campeão de Marcha Cavalo Sênior Campolina Pampa Paracatu – MG/2013*
- *Res. Campeão de Marcha Picada Paracatu – MG/2013*
- *Grande Campeão Adulto da Raça Campolina Pampa Brasília - DF/2012*
- *Campeão Cavalo Sênior de Marcha Campolina Pampa Brasília - DF/2012*
- *Campeão Cavalo Sênior Campolina Pampa Brasília - DF/2012*
- *Res. Campeão de Marcha Picada Brasília – DF/2012*
- *Res. Grande Campeão Adulto da Raça Campolina Pampa Expo Brasileira Salvador-BA/2011*
- *1º Prêmio de Marcha Cavalo Sênior Campolina Pampa Expo Brasileira Salvador - BA/2011*

- *Grande Campeão Adulto da Raça Campolina Pampa Paracatu-MG/2011*
- *Campeão Cavalos Sênior de Marcha Paracatu-MG/2011*
- *Grande Campeão da Raça Pampa Brasília-DF/2012*
- *Reservado Campeão Adulto da Raça Campolina Convencional Paracatu – MG/2013*

Até hoje este garanhão preto de pampa, Orion do Sítio Tamanduá (fotos abaixo e ao lado) em todos os seus acasalamentos só produziu filhos de pelagem pampa.

No ano 2014 Orion do Sítio Tamanduá, cobriu 90% das matrizes do criatório, produzindo mais de dez produtos pampa de qualidade. Pretendemos desenvolver a pelagem pampa no haras em paralelo com a pelagem do Campolina convencional, buscando a mesma qualidade e o mesmo desenvolvimento para todos os produtos do haras, seguindo nosso sonho de cavalo campolina em harmonia com os requisitos da raça.

Orion do Sitio Tamanduá



Outro grande destaque do Criatório Tamanduá que é a nossa queridinha, Avassaladora do Iluminado (Predileto da Maravilha x Estrela do Solar da Lagoa), uma preta pampa com qualidade superior, tanto de morfologia como de andamento (foto abaixo).



Avassaladora do Iluminado

Nas exposições pelas quais passou, Avassaladora do Iluminado conquistou muitos títulos e fâs:

- *Campeã de Marcha Égua Máster Campolina Convencional Paracatu - MG/2013*
- *Campeã Égua Máster Campolina Convencional Paracatu - MG/2013*
- *Campeã de Marcha Égua Sênior Campolina Convencional Brasília - DF/2012*
- *Campeã Égua Sênior Campolina Convencional Brasília - DF/2012*
- *Res. Grande Campeã Adulta da Raça Campolina Brasília - DF/2012*
- *Grande Campeã Adulta da Raça Campolina Pampa Brasília - DF/2012*
- *Campeã de Marcha Égua Sênior Campolina Pampa Brasília - DF/2012*
- *Campeã Égua Sênior Campolina Pampa Brasília -DF/2012*
- *Campeã Melhor Cabeça Adulta Brasília – DF/2012*
- *2º Prêmio Égua Sênior Campolina Pampa Nacional Belo Horizonte - MG/2012*
- *Res.Campeã de Marcha Égua Sênior Campolina Pampa Expo Brasileira Salvador - BA/2011*
- *Res. Campeã Égua Sênior Campolina Pampa Expo BrasileiraSalvador- BA/2011*
- *Campeã Égua Jovem Campolina Pampa na exposição Brasília - DF/2010*
- *Res. Campeã de Marcha Égua Jovem Pará de Minas-MG/2010*
- *Campeã Égua Jovem Pará de Minas-MG/2010*
- *Campeã Égua Adulta Campolina PampaParacatu-MG/2010-2009*
- *Campeã Égua Jovem Campolina Pampa Brasília - DF/2007*
- *Campeã Égua Adulta Paracatu-MG/2007*



Avassaladora do Iluminado

Além de Avassaladora do Iluminado, temos as matrizes Grife da Moenda (Desacato da Maravilha x Seresta da Cand'ara), Nossa do Casseribu (Hino do Casseribu x Ina do Casseribu), Preta de Santa Anna (Lente do Angelim x Lança de Santa Anna), Katucha JHR (Desacato da Maravilha x Acreana do Angelim), que nos deram produtos de excelente qualidade que entraram em pista em 2015; Bandida do Sítio Tamanduá (Geodo Top x Katucha JHR) e Anívia do Sítio Tamanduá (Supremo JHR x Katucha JHR), uma linhagem com tudo que queremos: marcha de qualidade, expressão racial e beleza.

Em 2015 começaram a fazer parte do time de matrizes do criatório, os produtos do Sítio Tamanduá. Éguas que apresentam expressão racial e diagrama de marcha diferenciado. Bandida (Geodo Top x Katucha JHR), Anívia (Supremo JHR x Katucha JHR), Aisha (Supremo JHR x Grife da Moenda), Botinha (Supremo JHR x Grife da Moenda), Bambi (RRD de Santa Rita x Babi da São Luiz), Celeste, Condessa, Aninha (Nero de Cristalina x Sâmara da Turmalina) todas do sufixo Sítio Tamanduá.

Anabela do Sítio Tamanduá
Filha do Orion do Sítio Tamanduá
em Nossa do Casseribu



Pelagem pampa

A pelagem do cavalo pampa é a continuação da raça Campolina, com os principais requisitos de verdadeiros criadores. Acreditamos que um cavalo completo é o que apresenta a beleza e expressão da raça junto com a marcha. Quem pensa assim também é a minha amada esposa, Úrsula Maria Doerner Regnier, a qual, como eu, é apaixonada pela criação do cavalo Campolina.

Temos os pés no chão e confiança na nossa tropa, mas o desenvolvimento de um haras criador de Campolina é fruto de um trabalho extensível nossas metas são a médio e longo prazo, através da fixação da nossa genética entre as gerações, visando à –morfologia e marcha de qualidade com conquistas nas pistas e reconhecimento do sufixo Sítio Tamanduá.

Hoje, chegamos a uma qualidade de campolina pampa que se equipara ao campolina convencional. Não precisamos mais de um julgamento separado, mas é necessária a classificação diferenciada para sustentar a evolução do cavalo pampa e atrair novos criadores.

Devido à dominância da genética pampa, a ABCCC – Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Campolina, não pode descartar o risco de generalizar a pelagem e cabe a ela zelar e garantir o crescimento da raça Campolina. Somos de opinião que o mercado achará o equilíbrio por si próprio com o desenvolvimento da raça. E não há a menor dúvida que o cavalo campolina pampa atrai naturalmente mais usuários por causa da sua pelagem de rara beleza aliada ao porte diferenciado alto e nobre, as formas harmoniosas sem contar sua estrutura óssea e muscular que favorece o andamento machado para longas e prazerosas cavalgadas desta nossa raça.



Brasília (DF)

Proprietário:

Stephen Henri Regnier

Tel.: (61) 9989-2231

Agregando valor à raça com andamento e beleza

Mauricio Costa

Muito bom poder mostrar, através de um livro, o trabalho que realizo em meu criatório. Sou o proprietário do Haras Ventania, em Cachoeiras de Macacu, na Região Serrana do Estado do Rio de Janeiro, onde resolvi criar Campolina por causa, principalmente, da beleza inigualável dessa raça e estabeleci como meta do meu projeto desenvolver produtos sufixo Ventania que agreguem valor à raça com andamento e beleza. Para desenvolvimento do projeto – aliás, bem-sucedido –, conto com o incentivo e apoio inestimáveis da minha esposa e dos meus filhos.

Registro como criador

A ideia de criar de cavalos veio da época da minha infância e muito contribui para isso o fato de meu pai ter sido criador de cavalos em uma fase de sua vida. Quando era criança, meu pai teve alguns cavalos de corrida. Apenas um ganhava de vez em quando, e nesta ocasião meu pai ficava muito feliz; dava presentes para todos e ficava com a conta. Cresci vendo minha mãe reclamar do custo de criar cavalos. Mas o vírus do cavalo estava em meu sangue adormecido, quando, em 2008, um amigo me convidou para uma cavalgada em Cachoeiras de Macacu. Esta paixão adormecida acordou e, em janeiro 2009, estava fazendo meu registro como criador na Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Campolina (ABCCC) com um cavalo que homenageava meu pai: Meu Colega, animal vencedor de corrida.

Esse acontecimento foi muito importante para a minha trajetória de campolinista, pois me aproximou de criadores e usuários de cavalos, mas a minha atividade de criador só começou posteriormente. Antes de iniciar minha criação, porém, já tinha traçado meu plano de trabalho: criar cavalo Campolina de andamento ímpar e belo de conformação e selecionar animais de pelagem pampa diferenciados. Outro objetivo: contar com um criatório autossustentável.

Instalação do haras

Um fato curioso abriu meu caminho para criar cavalos. Um animal meu sofreu um acidente e, por causa disso, conheci um casal (os veterinários Sérgio Vianna e Karen Possidente), da HDM Horse Service, clínica de equinos, localizada em Cahoeiras de Macacu. Sérgio sempre esteve ligado à criação de cavalo Campolina (o pai dele foi um dos precursores da raça no Estado do Rio de Janeiro e no Brasil) e foi através dele que conheci várias raças e a que mais gostei foi a Campolina, pela sua beleza inigualável. Posteriormente, tive meu primeiro contato com animais pampa e logo me apaixonei por esta pelagem; diante disso, tomei uma decisão: vou criar animais de pelagem pampa com o objetivo de fazer do meu haras um criatório de alto padrão de qualidade em Campolina Pampa.

Sob a orientação de Sérgio Vianna, comecei a por em prática o meu projeto de criação, transformando uma área virgem em uma infraestrutura de um haras.

Tenho hoje 24 baias e estou construindo duas baias de garanhão.

Conto ainda com uma pista com medidas apropriadas para competição, e apresentador redondel, em duas propriedades, que, somadas, perfazem 22 alqueires. Tenho mais planos de investimento para o futuro.

Escolhido o cavalo Pampa para criar e contando com essa infraestrutura, comecei a formar o plantel. Inicialmente, como tenho como meta criar Campolina Pampa, e tenho pressa, pois entrei na raça “atrasado”, comprei algumas coberturas do Gavião do Barulho (da tropa do criador Cláudio Cunha) por ser homozigoto e por transmitir andamento.

A partir daí, adquiri éguas que aliaavam andamento e morfologia, que são: Danuta da Hipipeba, Gaúcha de Ascensão, Vaidade JHR, Lua do Oratório, SG Boemia e Simpatia de São Tomé.

Animais de destaque

Hoje, graças aos trabalhos de reprodução conduzidos pelos veterinários Sérgio e Karen, já disponho de importantes produtos sufixo Ventania, entre eles Amiga e Blindado, que passaram a se destacar nas pistas e na reprodução. Eis, a seguir, os animais de destaque dos haras:



Minha Amiga do Haras Ventania

(Gavião do Barulho x Digna do Repol).

Premiadíssima em pistas: Campeã Nacional 2011, 2012 e 2013 e hoje, também super comprovada na reprodução, já tendo produzido, na sua primeira geração, uma Campeã Nacional, em 2013.



Aaru da Hibipeba

(Desejo do Kalimantan x Badalada do Oratório)

Marcou não só a história das pistas do Haras Ventania, mas também do Campolina Pampa. O cavalo Campolina Pampa mais vitorioso da raça Campolina, que selou esta campanha com o Grande Campeonato Adulto da Raça Campolina no ano de 2011 no Pampa. Na Brasileira, em Salvador-BA e na Nacional, Belo Horizonte-MG.

Lindo, imponente e carismático.



Blindado do Haras Ventania

(Gavião do Barulho x Gaúcha de Ascensão)

*Um cavalo que, quando potro, já se mostrava uma promessa.
Supercampeão em pista, Bicampeão Nacional 2012 e 2013.*

*Agora, vai bombar na reprodução: o Haras Ventania está apostando
pesado nele.*



Destroyer do Haras Ventania

(Gavião do Barulho X Danuta da Hibipeba).

Grande Campeão Nacional Jovem da Raça 2013, no Pampa e no Convencional. Um potro com uma genética diferenciada e características modernas de caracterização racial e andamento.

Sem dúvida, este animal é o futuro na evolução do Campolina Pampa e do Haras Ventania;





FOTO: DUARTE

Cambalhota do Haras Ventania

(Gavião do Barulho x Iansã da Pedra Lisa).

Uma Homozigota para ninguém botar defeito. Linda, marchadeira e com uma genética que reúne o moderno sangue da marcha com o tradicional sangue de grandes raçadores. Um animal supercampeão, inclusive com um título Nacional, em 2013



Assuntos variados

Muitas pessoas - jornalistas, criadores, amigos, etc.- têm me perguntado sobre diversos assuntos relativos ao meu haras. Acho que algumas respostas ficam bem nesse depoimento:

Julgamento - Na exposição Nacional ainda temos problemas estruturais na arbitragem, que devemos enfrentar o mais rápido possível. Apenas, a título de exemplo, hoje nosso quadro é reduzido, com juízes, principalmente em morfologia, sem conhecimentos teóricos adequados.

Animal predileto - Na verdade, temos três animais prediletos: dois cavalos, que chamamos de pé duro: Baião, que ainda está no haras e o Branquinho que, por causa de um acidente que ele sofreu, conheci a Karen e o Sérgio. E também, o xodó da minha esposa: o Adônis, um mangalarga paulista pampa de preto.

Mercado/RJ - O cavalo campolina nasceu em Minas, mas ganhou representatividade no estado do Rio de Janeiro; esta minha presunção é motivada pelos resultados de pista dos últimos 15 anos (eles mostram que os criatórios do estado figuram nos primeiros lugares).

Premiações - Consegui muitas e expressivas premiações, mas a mais importante foi o segundo lugar na Nacional como Expositor do Campolina Pampa, ficando na frente de ninguém menos que o Haras do Barulho que, para nós, é referência como criador do cavalo Campolina.

Por fim, gostaria de ressaltar que os projetos do Haras Ventania passam pela busca constante da beleza e funcionalidade do Campolina Pampa (que cada vez mais este binômio esteja em harmonia). Faço votos que os projetos de ampliação da base de criadores e usuários da raça sejam frutíferos, para termos criatórios perenes.

HARAS
VENTANIA

CACHOEIRAS DE MACACU - RJ

O guardião do Campolina Pampa

Paulo Seixas

A raça Campolina é formada por milhares de criadores que, pelo Brasil afora, vêm selecionando seus animais, cada um a sua maneira, mas com um objetivo único: obter na produção o que há de melhor para a raça. Cada um com a sua história. Cada um com o seu papel.

Seria um sacrilégio esquecer os abnegados, os homens que ajudaram a escrever a história da raça com espírito de liderança, com intuição, com propriedade, conhecimento e feeling para direcionar cruzamentos e buscar um cavalo que a maioria dos criadores deseja e que o Padrão Racial da Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Campolina exige.

Não cabe aqui dissertar sobre todos eles, porém, lembrar quem faz parte desta história. É neste contexto que aparece o nome de Paulo Seixas de Oliveira, sufixo 5 Estrelas que está completando 29 anos de existência aproximadamente. Em 2010, quando o criatório fez 25 anos, promoveu um leilão alusivo à data (sobre o leilão leia mais abaixo).



Paulo Seixas, Emir Cadar, Marcio Andrade e Gastão Rezende

Início da criação

Foi muito engraçado o modo como eu fui atraído para a criação de animais da raça Campolina.

Fui para Barbacena, em Minas Gerais, com o objetivo de montar uma indústria de laticínios e, depois, me instalei na cidade de Antônio Carlos, vizinha de Barbacena.

Num sábado, estava passeando distraidamente pela Praça dos Andradas, quando me encontrei com o senhor José do Martelo que, na época, era presidente do Sindicato Rural da cidade de Barbacena. No decorrer da nossa conversa, fui convidado por ele a participar de um leilão de cavalos, realizado por ocasião da convenção da Associação dos Criadores de Cavalos Campolina do ano de 1987.

Aceitei prontamente o convite. Embora não tivesse raízes no meio rural, sempre gostei muito de cavalos; afinal, seria uma boa oportunidade para fazer novas amizades e conhecer a raça Campolina.

Ao chegar ao local do evento, logo nos sentamos em cadeiras do recinto, ocasião em que fui apresentado a um dos diretores do Laticínios Boa Nata.

Num dado momento, o diretor me perguntou quantos eram os sócios da minha empresa, instalada em Minas. Como ele estava do outro lado da mesa e o barulho no recinto era muito alto ali, indiquei com os dedos o número dois; atrás dele tinha uma piteira, a qual estava com seu lance em 18; ao me ver levantar os dedos indicando o número dois, achando que se tratava de lance, começou a gritar 20... 20... ; tendo o leiloeiro prosseguido com o lance e, como ninguém cobriu a oferta, ele bateu o martelo.

A seguir, fui procurado pela moça responsável pelo cadastro, me parabenizando, pois havia acabado de fazer uma boa aquisição.

Com ar de grande espanto, perguntei: o que foi que eu comprei? Eu posso ver pelo menos?

Achando tudo muito engraçado, fui levado para o lado de fora para ver o animal; tratava-se de um cavalo de pelagem baia da raça Campolina chamado Gas Sonho, filho de Gas Prelúdio em Gas Brasília, de 22 anos de idade; estava muito bonito e bem preparado para a apresentação.

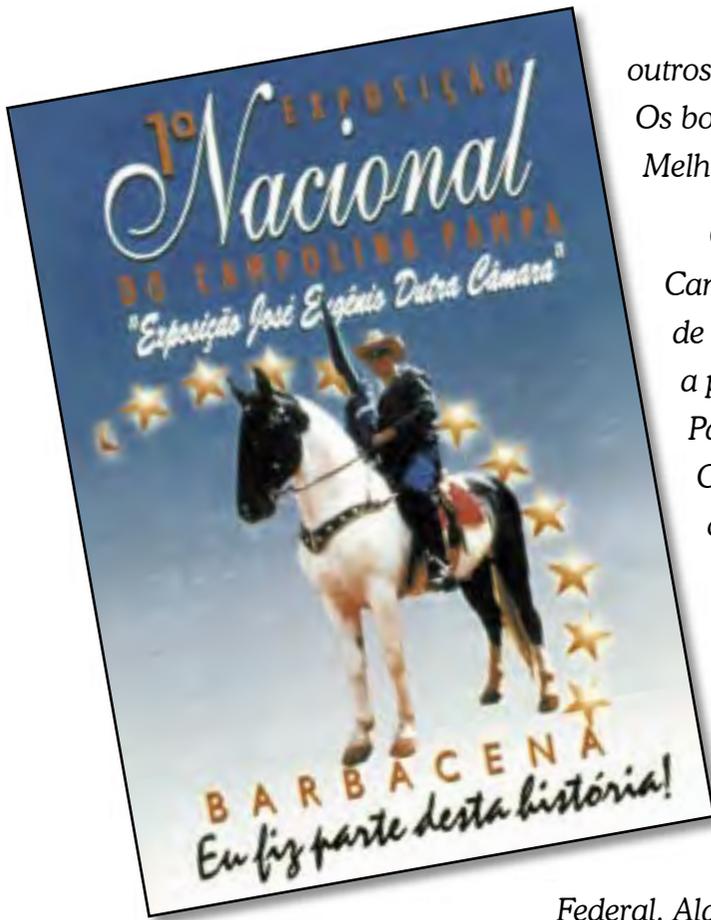
Diante daquela surpresa, solicitei então ao vendedor, Antônio Carlos Pires Soares, da Fazenda Lua Nova, que mantivesse o animal por uns 30 dias em sua propriedade, para que eu pudesse arrumar instalações adequadas para o animal em minha propriedade, no que fui prontamente atendido. A partir de então, passei a gostar da atividade, sendo logo convidado a participar de um leilão no Sheraton Hotel, no Rio de Janeiro, onde acabei comprando os animais Azaléia Cataguá (Gas Ouro x Medusa Cataguá) e A.H Gaiivota (Imperador de Itarema x Cabrocha do Rio Pardo), iniciando, assim, a minha criação de cavalos.

Julgamento separado do pampa

No final de 1990, notei, em exposições realizadas por outros colegas, que havia um descontentamento dos criadores de pampa quando colocavam seus animais nesses eventos; eles achavam que os animais eram discriminados, pois não tinham bom andamento nem raça; e aí, os juízes não os classificavam como campeões e, por causa disso, os criadores ficavam desapontados e desestimulados a continuar com suas criações.

Sempre fui apreciador e defensor de animais de pelagem pampa. Em 1977 fui eleito para a presidência do Clube do Cavalo de Barbacena-MG (órgão representativo do Campolina) e, nesse cargo, resolvi agir contra aquela situação, saindo em defesa dos criadores.

Assim, já na primeira exposição de Barbacena da minha gestão e por iniciativa minha, o Campolina de pelagem pampa passou a ser julgado separado da pelagem uniforme ou tradicional. A decisão teve ótima receptividade por parte dos criadores e se refletiu no número de animais julgados separados: 60 exemplares, bem superior à previsão do Clube. A partir daí, alguns criadores resolveram investir mais forte na pelagem pampa. Um bom exemplo é o criador Cláudio Cunha, do Haras do Barulho. Esse criador, depois do senhor José Eugênio Câmara Dutra (que já criava pampa, no criatório Lagoa Negra), foi um dos primeiros criadores a investir no pampa. Depois, vieram



outros haras, entre eles Modelo, Água Santa, Barraca e LPD. Os bons resultados obtidos pelo Haras do Barulho estão aí: Melhor Criador e Melhor Expositor, entre outros.

Outra conquista minha à frente do Clube do Cavalo Campolina de Barbacena-MG: ao final de quatro anos de gestão, realizei entre os dias 04 e 08 de abril de 2001, a primeira Exposição Nacional do Cavalo Campolina Pampa com apoio da ABCCC - Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Campolina, que era presidida pelo criador e, agora acadêmico, Arthur Eduardo Savassi Biagioni (Haras Estoril). Com sucesso inquestionável, esta 1ª Exposição Nacional do Cavalo Campolina Pampa, que com muita justiça homenageou o visionário pampista José Eugênio Dutra Câmara, contou com participação de 120 animais em pista de julgamentos vindos dos principais criatório dos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Distrito

Federal, Alagoas e Pernambuco. Nesse evento, realizado pelo Clube, foi vendido espaço para realização do leilão da Exposição com fim de incrementar as vendas de animais, abrindo uma nova frente de negócios para os criadores. Organizado pelo criador Joel Bastos

Garcia, sufixo Chaparral, o Leilão de Gala que aconteceu no sábado, dia 07 de abril, e que atraiu mais de 800 pessoas no recinto do parque de exposições. Este leilão registrou um faturamento de R\$ 260.000,00 na comercialização de 26 exemplares, com a média de R\$ 10.000,00. O animal mais valorizado foi a fêmea Feita da Batéia que saiu por R\$ 33.000,00 adquirida pelo criador Valdemir Paes Garcia do Haras Modelo/RJ.

Portanto, a minha influência no segmento de animais de pelagem pampa, é exatamente essa: a de ter começado o julgamento separado dessa pelagem, na exposição de Barbacena, já a partir do primeiro ano como presidente do Clube; e, no último ano da segunda gestão, realizar a primeira Nacional do Campolina Pampa; e, depois, dar sequência ao trabalho de fomento do pampa no Rio de Janeiro com a realização de exposições, principalmente através do Clube do Campolina do Rio de Janeiro, do qual fui presidente.





Vetor Top

Valorização do Campolina Pampa

O fato de ter promovido meu leilão de 25 anos de criatório foi uma enorme felicidade pra mim, principalmente pela união e pelo apoio que recebi da família. No leilão os destaques foram todos para exemplares pampa e preto, minha pelagem preferida.

Tigresa Cinco Estrelas teve 50% de suas cotas arrematadas por R\$ 93.000,00; Tâmara Cinco Estrelas foi adquirida por R\$ 49.600,00 e Talento Cinco Estrelas foi comercializado por R\$ 46.500,00.

Sobre a importância do abaixo-assinado encabeçado por José Eugênio, por ocasião da elaboração da Carta de Barbacena, tenho a dizer o seguinte: prestem atenção, nas exposições, à qualidade dos animais pampa que estão sendo apresentados nas pistas. Muitos deles têm condições de competir de igual para igual com os de pelagem sólida na morfologia e na marcha.

Prestem atenção nos preços que estamos obtendo com estes animais nos leilões. O Campolina Pampa deu um gás na raça e adeptos vêm surgindo nos quatro cantos do país. A valorização do cavalo Campolina Pampa tem sido tão significativa que, somente com três exemplares de Vetor Top, cheguei a alcançar cifra acima de R\$ 600 mil. Com a marca Cinco Estrelas contribuí para o progresso do Campolina e ajudei a tirar o Campolina Pampa da berlinda, inserindo-o no calendário de eventos da ABCCCampolina. Hoje, são inúmeros os selecionadores de pelagem com essa qualidade, os quais viram, de um tempo para cá, o “boom” do Campolina Pampa.





*Fernando
Ulhoa*

Quiçamã 5 Estrelas

gostavam muito das exposições realizadas em Itaipava, resolvi reativá-las. Assim, já como presidente do Clube do Cavallo Campolina do Rio de Janeiro, entre 2007 e 2010, período em que continuei a fomentar a pelagem pampa com exposições e leilões específicos, realizei, naquela cidade, três exposições; em maio de 2007, no Parque de Exposições de Itaipava, em Petrópolis-RJ, promovi a 1ª Exposição Inter Clubes Campolina Pampa e Outras Pelagens, que culminou, como ponto alto, com o Leilão Pampa & Preto 5 Estrelas e Convidados no glamoroso Salão Nobre do Hotel Quitandinha, em Petrópolis-RJ.



Vesúvio 5 Estrelas

Em 2008, o Clube do Cavalo Campolina do Rio de Janeiro promoveu, no Parque de Exposições de Itaipava, a 2ª Exposição Inter Clubes Campolina Pampa e Outras Pelagens e o Leilão 5 Estrelas e Convidados.

Finalmente, em 26 de abril de 2010, também naquele parque, aconteceram a 4ª Exposição e o Leilão Campolina Pampa e Outras Pelagens.

Perspectivas

Quero ressaltar, por fim, que graças a certas iniciativas adotadas no âmbito do Campolina Pampa, como o julgamento dessa pelagem separado da pelagem uniforme ou tradicional, contribuíram e contribuem para o progresso do Campolina Pampa, em particular, e da raça Campolina, em geral. Com relação ao Campolina Pampa, uma informação chama a atenção: esse segmento da raça cresce cada vez mais devido principalmente ao aumento das vendas em leilões e ao ingresso de novos criadores.



Haras Pastoreio

Wagner Aranha

Com 22 anos de atuação na raça Campolina e alguns anos também investindo na pelagem Pampa, o Haras do Pastoreio é mais uma propriedade que se dedica ao fomento na criação de cavalos no Vale do Macacú, em Cachoeiras de Macacu-RJ. Com uma estrutura ampla e bem planejada, inclusive com um moderno tattersall, onde tem promovido todos os anos o já tradicional Leilão Campolina Elo da Raça e convidados, seu proprietário Wagner Aranha pretende dar um salto de qualidade em seu criatório.

Com o conhecimento de quem fez o curso de marcha para juízes da ABCCampolina, Wagner tem selecionado animais de morfologia apurada e excelentes marchadores, sendo extremamente rigoroso neste quesito.





Dentro do planejamento, os animais do Haras do Pastoreio deverão ser vistos nas principais exposições da raça, tanto nos julgamentos de morfologia como nos de pelagem pampa e concursos de marcha.

Galáxia do Pastoreio é um exemplo que reflete bem o caminho percorrido por este criatório.

Filha de Alfa Centauro do Pastoreio em Bali do Malac esta égua pampa de baio encanta pela sua beleza e expressão racial. Sua marcha é outro ponto incontestável e após uma carreira vitoriosa nas pistas está integrada ao time de doadoras do Haras.



Outra integrante deste time é Inédita do LPD; filha de OP de Santa Rita em Maravilha da Maravilha. Animal de frente leve e ótimo andamento, Inédita têm de sobra os requisitos necessários para se tornar uma grande doadora de embriões.

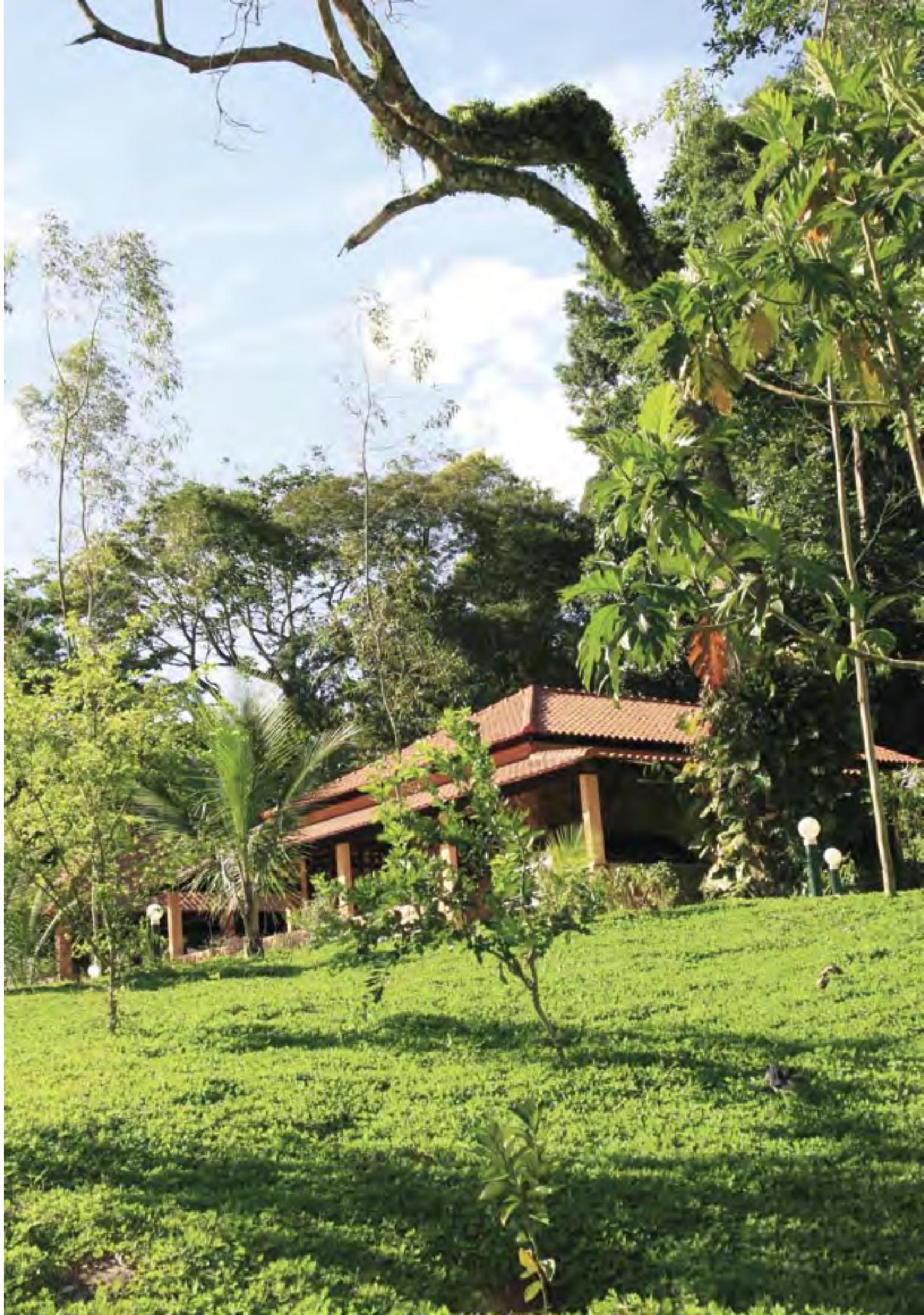
Entre as opções de garanhões do Haras, Polaris do Pastoreio promete ocupar um lugar de destaque. Este filho de Neruda do Chiribiribinha em Ramada de Alfenas vem mostrando condições de passar a seus filhos uma harmonia perfeita entre o padrão ideal da raça e a marcha desejada pelos criadores mais exigentes.

FOTO

INÉDITA DO LPD

Disposto a investir na raça Pampa, e também no Campolina de pelagem pampa, Wagner optou pelo garanhão Hidalgo do Pastoreio para cobrir matrizes de ambas as raças. Sua função será transmitir um andamento mais centralizado aos animais da raça Pampa e sua bela pelagem, pampa de preto, ao resto da tropa.





A Plena Evolução da Raça

O HARAS ABA é um reduto especial da raça Campolina.

Localizado em Buarque de Macedo (MG), o criatório tem a frente o empreendedorismo do proprietário Aylton Bernardino de Almeida. Caminhando para quatro anos e meio de trajetória, o local recebeu no início de sua formação, um projeto consistente de planejamento e estrutura.

Para chegar ao que é hoje, Aylton não abriu mão de investir na genética, na aquisição de animais, nos profissionais e na construção da sede.

Depois de passar pela fase 1 e 2, ou pela “primeira e segunda onda”, como o próprio titular define, o HARAS ABA já parte para o momento de colher resultados, “a terceira onda”.

Para se ter idéia, somente na Exposição Brasileira do Cavalo Campolina de Recife (PE), realizada em março de 2013, a tropa de Aylton levou para casa 18 troféus, melhor expositor Pampa e melhor 2º criador Pampa.

Segundo o criador, as premiações alcançadas pelos exemplares, Presidente do ABA, Viçosa do ABA, Luz do ABA e Uberaba do ABA, são motivos de orgulho, não só dele em particular, mas também de toda sua equipe.

Na Nacional 2013 consagrou-se Uberaba do ABA Campeã Nacional, Viçosa do ABA Reservada Campeã Nacional e Luz do ABA 1º prêmio Nacional.

Presidente do ABA, Luz do ABA, Viçosa do ABA e Uberaba do ABA, consagraram-se com 12 troféus em Londrina/2013.

Como bom empreendedor que é Aylton segue motivado pela expectativa dos resultados. Segundo ele, sonhar e esperar o nascimento dos cruzamentos idealizados, por exemplo, é o que mais lhe agrada. Com o time de pista escalado para essa temporada, o HARAS ABA acredita nos animais nascidos e criados no plantel. Entre os destaques, estão o quarteto de campeões da Brasileira (Presidente, Uberaba, Viçosa e Luz do ABA), além de Esmeralda do ABA, Fama do ABA, Quiçamã do ABA, Raiz do ABA, Neruda do ABA, Estrela do ABA, Pedreira do ABA, Pintura do ABA e Rigor do ABA.



O bom êxito do ABA também esta ligado ao comprometimento da equipe de treinadores. São jovens entusiasmados com o incentivo passado pelo criador. “Acredito que para implantar uma cultura, você tem que preparar os seus funcionários e colaboradores. Eu não poderia montar um haras e ficar retirando funcionários de outros criadores.

Cheguei na raça para somar. Com isso, qualifico meus profissionais com investimento em cursos. Meus funcionários hoje crescem junto com o haras”, informou.

O Presidente da tropa

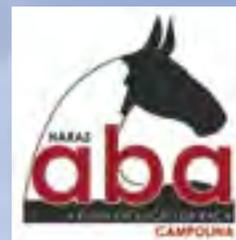
Fascinado pela originalidade, beleza e imponência da pelagem pampa, Aylton não poupou esforços para conseguir em cruzamentos, crias da casa com essa característica. Prova disso, é o potro Presidente do ABA, um filho do consagrado garanhão Gavião do Barulho em Fera de Boomerang. Dotado de beleza e acima de tudo andamento, Presidente foi revelação em Recife, onde conquistou os títulos de Grande Campeão da Raça, Campeão Brasileiro e a premiação de melhor cabeça. Segundo Aylton, o filho de Gavião é um forte candidato para assumir no futuro a sua tropa como carro chefe. Ele será utilizado com intuito de cobrir as filhas de Herói das Minas Gerais, Expoente II 5 Estrelas, Lancelote do Barulho e Quebec J.H.R, outros grandes exemplares de histórico campeão de marcha.

Futuro

Expandir o seu sufixo pelos quatro cantos do Brasil é um propósito interessante na visão do criador. “Ver animais ABA fazendo sucesso em outros planteis será realmente uma grande satisfação”. Enfocou. Sempre atendo ao seu objetivo, Aylton acredita que a raça tende a crescer no mercado da eqüinocultura. Otimista, ele vê a popularização do Campolina com a divulgação e apresentação dos animais para os pequenos criadores.

Presidente do ABA

Gavião do Barulho X Fera do Boomerang



- Campeão Potro Jovem pampa (Brasileira 2013)
- Campeão Melhor Cabeça Macho Jovem pampa (Brasileira 2013)
- Grande Campeão da Raça Macho Jovem pampa (Brasileira 2013)
- Campeão Potro Jovem convencional (Brasileira 2013)
- Campeão Melhor Cabeça Macho Jovem convencional (Brasileira 2013)
- Grande Campeão Macho Jovem da Raça convencional (Brasileira 2013)
- Res. Campolina Potro Jovem pampa/convencional (Londrina 2013)
- Campeão Melhor Cabeça Macho Jovem (Londrina 2013)
- Res. Grande Campeão Jovem da Raça (Londrina 2013)



Uberaba do ABA

Gavião do Barulho X Harmonia do Boomerang



- Campeã Nacional Potra Jovem pampa (Brasileira 2013)
- Campeã Potra Jovem pampa (Brasileira 2013)
- Melhor Cabeça Fêmea Jovem pampa (Brasileira 2013)
- Campeã Potra Jovem convencional (Brasileira 2013)
- Grande Campeã Potra Jovem pampa da raça (Brasileira 2013)
- Res. Campeã Potra Jovem pampa (Londrina 2013)



Viçosa do ABA

Gavião do Barulho X Harmonia do Boomerang



- Res. Campeã Potra Mirim (Nacional 2013)
- Res. Campeã Potra Mirim pampa (Brasileira 2013)
- Res. Melhor Cabeça Fêmea Jovem pampa (Brasileira 2013)
- Res. Campeã Potra Mirim convencional (Brasileira 2013)
- Res. Grande Campeã Potra Mirim convencional/pampa (Brasileira 2013)
- 1º Prêmio Potra Mirim (Londrina 2013)



Luz do ABA

Gavião do Barulho X Deusa do Nahey



- 1º Prêmio Potra Jovem (Nacional 2013)
- Res. Campeã Potra Jovem pampa (Londrina 2013)



Pintura do ABA

Herói das Minas Gerais X Quiçamã 5 Estrelas



- Homozigota



Herói das Minas Gerais

Ideal do Pantaleão X Baliza da Capela



- Mais de 176 premiações de marcha
- Bi Campeão Nacional de Marcha



Rigor do ABA

Herói das Minas Gerais X Harmonia do Boomerang



- Extraordinário



Lancelote do Barulho

Astro do Elopamoj X Figura do Barulho



- Irmão materno do extraordinário Gavião do Barulho
- Homozigoto



Contribuição do Nordeste para a evolução do Campolina Pampa

Com a maioria dos plantéis concentrada nos estados da Bahia e Pernambuco, a criação e seleção de animais campolina de pelagem pampa é uma das atividades que mais crescem na equinocultura na região Nordeste do país. Em outros estados da região, como Alagoas e Paraíba, muitas pessoas passaram a investir ou pretendem investir na criação desses animais, segundo informação do Clube Nordestino de Criadores do Cavallo Campolina. A razão é que o Campolina tradicional e o Campolina Pampa atravessam uma boa fase, evidenciada por bons negócios realizados em leilões e pelo aumento do número de criadores.

Início da atividade

Essa ascensão da criação de Campolina Pampa no Nordeste é um acontecimento importante na história da atividade naquela região, onde começou a se desenvolver há 24 anos. O primeiro registro de uma criação de animais de pelagem pampa ocorreu na década de 1990, na Bahia, quando o criador Cândido Antônio Cruz Graña (sufixo Chaparia Granã) no município de Simões Filho, direcionou sua tropa para animais de pelagens exóticas, com foco principal nos pampas e pretos.

Visando a comercialização, o criatório baiano produzia animais para atender à demanda de usuários de animais de pelagens diferenciadas, que se destacavam na tropa. Dentre os garanhões do criatório os mais importantes foram: Júpiter do Porto Rico, pampa de alazão, filho de Jambo da Maravilha e Feiticeira do Porto Rico, e Mistério da Lagoa Negra, preto pampa descendente de Isto É da Lagoa Negra e da égua Giva da Lagoa Negra,

A seleção

O trabalho de seleção desenvolvido pelo criador Cândido Graña deixou frutos importantes, destacando-se a égua pampa de baio Estampa da Chaparia Graña, um dos animais utilizados no início das atividades do Haras Luanda, de propriedade de Paulo Rocha e hoje um dos principais haras do país. Apaixonado pelo Campolina e encantado pela pelagem pampa, Rocha adquiriu a égua em um leilão realizado no Parque de Exposições de Salvador (BA).

Texto: Adeildo Lopes Cavalcante

O Haras Luanda é responsável por um dos acontecimentos mais importantes da história do Campolina Pampa. O fato ocorreu na Semana Nacional da Raça Campolina, realizada em 2012, quando o potro Instinto de Luanda, nascido do acasalamento entre o garanhão Gavião do Barulho e a doadora Ucha do Chiribiribinha, sagrou-se Grande Campeão Jovem no julgamento convencional da raça Campolina. Foi a primeira vez que um animal de pelagem pampa obteve o título de Grande Campeão Nacional da raça em um julgamento convencional.

Além do Haras Luanda, outro criatório de destaque no Nordeste é o Haras Preto e Pampa, localizado em Pernambuco. De propriedade de Ademir Rigueira, o criatório foi o primeiro haras da região a

Extrato da Jad



desenvolver um trabalho de seleção focado no aprimoramento genético dos animais de pelagem pampa e, atualmente, vem investindo em genéticas consagradas e promovendo cruzamentos direcionados à evolução do Campolina Pampa tanto em sua conformação quanto no aspecto da função. Dentre as realizações do criatório, destacam-se conquistas importantes, envolvendo a fêmea Sherazade da Lagoa Negra, Campeã e Reservada Grande Campeã Nacional Campolina Pampa em 2006, e Serena dos Gaúchos que, adquirida ainda potra, veio a sagrar-se Reservada Campeã Nacional em 2007 e se tornou uma das principais doadoras do haras.

Ainda em Pernambuco, destaca-se também o trabalho desenvolvido pelo criador Geraldo Siqueira Filho, proprietário do Haras Pernambuco do município de Pau D'Alho. Como fruto do seu trabalho de seleção, o haras conquistou os títulos de criador pampa do ranking estadual em três anos seguidos (de 2010 a 2012). Pelo criatório já passaram reprodutores de alta qualidade, como Esteio da Hibipeba (filho de J.E. da Lagoa Negra e Andorinha Cataguá) e Extrato da Jad (filho de Detalhe de Sans Souci e Inglaterra V.R).

Serena dos Gauchos



Atualmente, a pelagem pampa vem ganhando cada vez mais adeptos em todo o Nordeste. Para atender à demanda de animais, a região conta com outros criatórios, além dos haras Luanda,

Haras do Preto e Pampa, do Criador Ademar Rigueira. Na Bahia, Anaiti, Beira Alta, Destino, Guariba, Malhador e Vitória e, em Pernambuco, Haras Abreu, Haras Roana, Raio de Sol, Haras Alegria e Haras VG.

Instinto de Luanda



A Fazenda Chaparral e sua história com o Campolina Pampa

Convidado para dar um depoimento daquilo que eu tive conhecimento dentro dos meus 45 anos vividos e de atuação ininterrupta criando e comerciando animais da raça campolina de todas as pelagens, vou narrar aqui o que eu me lembro dos pampas destas linhagens.

Início meu depoimento por Barbacena (MG), onde vimos, em uma exposição, um cavalo pampa de preto, a coisa mais linda, chamado Netuno da Lagoa Negra. Naquela época – em que poucos gostavam dessa pelagem - o animal me chamou à atenção pela sua oferta de cinquenta milhões de cruzeiros. Passei a olhar com mais carinho para estes animais de pelagem diferenciada. Pouco tempo depois, me foi oferecida uma tropa de diversos animais de um criador: Douglas Barbosa Leandro e lá veio junto uma égua: Sete de Copas D3. Raçuda, era pampa de castanho, e começou aí, a história do pampa campolina de qualidade no Rio de Janeiro. Dela surgiu Medalha D3, comprada do Antônio Carlos, de Barbacena, por uma fortuna. Foram as éguas base. Delas veio a Malvada de Sans Souci, doada por mim ao senhor Alcebíades da São Tomé, chegando-se ao final a esses cavalos famosos pampas do Top, netos e filhos da Malvada. Essa é uma das grandes pampas do Rio de Janeiro, que foram sucesso na época.

Um outro tipo de animal pampa foi a Soraia das Arábias; comprei-a do Emir Cadar. Como Ousado de Passa Tempo, tirei um cavalo que veio a ser o Ivanhoé do Chaparral, de propriedade, depois, do Kleir Porto, que o vendeu para o Cláudio Cunha. Surgiu aí a tropa do Barulho, famosa nos dias de hoje.

Lembro-me também, embora não tenha adquirido nenhum animal do criatório, do sufixo do Haras da Glória, que sempre primou pela pelagem pampa.

Há que se ressaltar que o criador Kleir Porto (Colibri) foi um grande baluarte da pelagem pampa no Rio de Janeiro.

Texto: Joel Bastos Garcia

**Cadeira 14
da Academia Brasileira
do Cavallo Campolina**



Sem dúvida, quem mais acreditou na pelagem pampa e dizia que ela revolucionaria a raça foi o Dr. José Eugênio Dutra Câmara (Lagoa Negra).

Hoje em dia, diversos criadores, devido ao grande sucesso dessa pelagem, dão prosseguimento, criando com muita qualidade.

Em Barbacena, que foi durante muitos anos a terra do pampa campolina, temos os Haras Barraca e Água Santa, os mais tradicionais, e muitos outros.

Xulipa de Sans Souci



No Rio de Janeiro, os Haras do Barulho, LPD e Pastoreio encabeçam com outros criatórios e, por todo o país, a lista dos haras que se dedicam à criação de animais de pelagem pampa, a qual vem se destacando, obtendo recordes de preços.

Parabenizo os autores desse livro do pampa por essa idéia maravilhosa.

***Joel Bastos Garcia, titular da Fazenda Chaparral; há 45 anos criando campolina de marcha (com raça) de todas as pelagens.**

Beleza J da 3F



FOTO

O cavalo pampa e seu mercado





O mercado do cavalo de pelagem pampa no Brasil (todas as raças) vem tendo uma trajetória ascendente desde que passou a ser visto como fator importante na evolução de todas elas.

Como sabemos e, não é novidade para ninguém, a pelagem pampa, há alguns anos, não era de preferência dos criadores. Pelo contrário, muitas vezes era vista por muitos com muita restrição. Talvez por não ter feito parte da evolução de algumas raças. O que é um erro, pois, como vamos ver adiante, os “pampas” têm feito a diferença nos dias de hoje, principalmente nas raças marchadoras ao longo da história.

Lembro-me que pouquíssimos criadores selecionavam, em seus rebanhos, animais dessa pelagem, embora estivessem presentes nas grandes origens. Eram encontrados de maneira pontual e, talvez por existirem em menor número, sua presença era limitada. Ainda assim, chamavam a atenção, principalmente do público leigo em geral.

A restrição, por parte de alguns criadores, de criar animais pampas, de certa forma, favoreceu o mercado. É simples. Do ponto de vista macroeconômico, quando o cavalo no Brasil ganhou projeção, os animais pampas, como já vimos, também não eram muitos e quando esse mercado passou a ser comprador, a lei demanda x oferta prevaleceu de maneira contundente.

Sabidamente, alguns poucos e grandes criadores mantiveram, a todo custo, uma raiz dessa pelagem em seus criatórios e, por desenvolverem uma seleção com foco na qualidade, colheram frutos satisfatórios posteriormente. A sinergia entre as raças aumentou e teve o cavalo pampa como catalisador. Os pampas começaram a ser mais valorizados e os resultados dos leilões começaram a surpreender.

Nomes do passado, tais como Passa Tempo, conhecido como o cavalo que o presidente Juscelino Kubitschek montou; Gas 007 (recordista de preço), vendido para a Fazenda das Areias-MG, de propriedade de João Simões; Turista e Falado de Passa Tempo; Atrevido e Sincero JB, além de Zinco, Netuno e Segredo da Lagoa Negra e Cacique das Arábias, entre outros, passaram a ser lembrados com mais ênfase.



A partir de então, um trabalho de seleção e melhoramento, feito por criadores e sob a supervisão das associações, começou a dar bons resultados. A pressão de seleção passou a ser usada na pista e a evolução zootécnica pode ser comprovada. Os resultados começaram a aparecer. Cavalos como: Elo Kafé da Nova, campeão nacional da raça Mangalarga Marchador e bicampeão nacional progênie de pai, e Gavião do Barulho, campeão nacional progênie de pai da raça Campolina, provocaram uma profunda reflexão na arte de criar. Era inimaginável conceber a idéia de ver cavalos de pelagem pampa subirem o topo mais alto do pódio em suas respectivas raças.





Hoje, os animais de pelagem pampa, em qualquer raça, estão competindo de igual para igual com aqueles de pelagem convencional. A pelagem chegou para ficar e tem feito parte da evolução e melhoramento das raças, mostrando personalidade e andamento superior. E, como disse o senhor Fernando Aguiar Paiva, admirador confesso e criador antigo do sul de Minas Gerais (abro aspas): “Quem gostava de cavalos pampas no passado eram somente índios, mulheres, crianças e bobos; só que, hoje, com o sucesso dos pampas em todo o mundo, os bobos estão rindo à toa”.



A consagração da pelagem pampa no mercado de cavalos

O mercado de cavalo pampa compreende duas fases. Antes e depois do ano 2000. Até aquele ano, esse animal era rejeitado; quem era adepto do pampa era bobo, era criança.

Nas exposições nacionais das raças Campolina, Mangalarga Marchador e Mangalarga Paulista, por ocasião dos julgamentos, quando um animal pampa entrava no recinto, o juiz nem olhava para ele e apontava o último lugar. Assim, os pampas eram discriminados também pelos juízes. Eles não queriam olhar se o animal era bom ou não e o deixava de lado.

ABCPampa e criatórios

No final dos anos 1990, um grupo de pessoas amantes do pampa e que tinham exemplares dessa pelagem, lideradas pelo senhor Márcio de Andrade, dono da Fazenda Passa Tempo em Minas Gerais, e uma das principais autoridades de cavalos de Minas Gerais e do Brasil, resolveu fundar uma associação voltada para o pampa que tinha por objetivo principal reverter o quadro de discriminação dos animais dessa pelagem.

Pessoas importantes passaram a fazer parte desse grupo. Em Minas Gerais, Fernando Paiva (Haras do Café); e José Eugênio Dutra Câmara (marca Lagoa Negra), o mais importante criador de Campolina Pampa de todos os tempos. Em São Paulo, José Maria Fraga (Marca Jota), grande difusor do Mangalarga Paulista; Frederico Assunção e Ricardo Vicentino (este criador, da Rima Agropecuária, foi outro líder do grupo). Então, essas pessoas resolveram se unir para criar uma entidade que valorizasse o pampa. Essa entidade, fundada em 1995, foi batizada de ABCPampa (Associação Brasileira dos Criadores de Cavalo Pampa). A partir de 2000, o grupo que liderou o movimento de criação da ABCPampa, passou a divulgar bastante o pampa, conquistando novos criadores naquele ano, entre eles eu (Alexandre Todeschini Pires), detentor da marca Ginga.



Alexandre com o super campeão Diamante Negro da Ginga, seu primeiro garanhão pampa de preto

O grupo foi ampliando seu campo de ação e passou a contarem, em São Paulo, com outros criadores, como Frederico Assunção e Janir Alves de Oliveira (o JAO). Outro criador importante que aderiu ao grupo foi Cláudio Cunha, do Haras do Barulho. Esses criadores de destaque, que entraram no pampa, resolveram dar uma guinada nesse segmento da raça Campolina.

E, foi nesse quadro que, eu, como leiloeiro rural, resolvi entrar no pampa. Eu já vinha fazendo leilões e observei o seguinte, quando fazia um leilão: um animal pampa, ao entrar no recinto, logo chamava a atenção dos presentes e todos queriam comprá-lo. Isto acontecia com animais das raças Campolina, Mangalarga Marchador e Mangalarga Paulista. Eles obtinham os melhores preços. Então, constatei que a atração pelo pampa era muito grande por parte do mercado.

Confiando nisso e vendo que já havia uma entidade de classe por trás do pampa, resolvi acelerar os investimentos na minha criação. Comprei muitas éguas em São Paulo e no sul de Minas; na época, adquiri o cavalo Diamante Negro, o mais importante garanhão do meu plantel, e passei a focar minha criação no cavalo

pampa. Paralelamente a isso, eu dispunha de uma leiloeira e uma revista, a *Business Rural*, que eram, respectivamente, máquinas de fazer negócios e de divulgação. A partir daí, passei a dar ênfase à divulgação de animais pampa de todas as raças (Campolina, Mangalarga Marchador e Mangalarga Paulista), principalmente através de leilões. Nesse cenário, o pampa foi crescendo. A ABCPampa, que tinha umas cem pessoas, em 1998, passou a contar, em 2002-2003, com mais de mil pessoas. A gente constatou que essa entidade se fortaleceu e ganhou projeção. Em eventos realizados por outras entidades, como a ligada ao Campolina, os animais pampas que entravam no recinto para ser julgados já não eram tão discriminados; o pessoal passou a ter mais respeito pela pelagem pampa.

Então, o aconteceu o seguinte: o número de animais pampa foi crescendo nas competições. O mercado do pampa passou a ser o preferido de usuários de cavalos e estes (eis um ponto importante), passaram a ser a base desse mercado. Enquanto tem criadores de várias raças, os usuários não precisam ficar restritos em criar. Os usuários são sitiantes, fazendeiros, pessoas que têm um pedaço de terra; alguns alugam cocheiras em instalações de grandes cidades para ter um animal para poder montar nos fins de semana. E, para isso, eles querem animais bonitos, bons de marcha para cavalgar; então, escolhem animais pampas.

Animais de destaque

O usuário atualmente é o mercado principal. Ele, repito, quer um animal bonito e o pampa passou a ganhar o usuário. Esse mercado não para de crescer; toda hora entra um sítio novo, uma fazenda nova e, daí, o pampa foi ganhando cada vez mais espaço entre os usuários.

Com a ABCpampa, as raças estão se fortalecendo na pelagem pampa. Esse é o ponto principal. E, hoje, se a gente for avaliar, na raça Campolina, por exemplo, os animais oriundos do Gavião do Barulho, do Haras do Barulho, eles passaram praticamente a liderar o ranking nacional do Cavalo Pampa; isso em comparação com os animais tradicionais, de pelagem sólida. Por aí se constata a importância que ganhou o pampa no mercado e nas competições: Um exemplo: o principal ganhão pampa foi o principal ganhão da raça Campolina durante três a quatro anos. Trata-se de Gavião do Barulho, do plantel de Cláudio Cunha. Esse cavalo é importantíssimo, pois trouxe muito andamento e muita beleza para a raça.

No Campolina, o pampa vem de alguns criatórios importantes, entre eles o Lagoa Negra, que teve o maior de pampa da raça: depois,

vem o criatório Pantaleão, onde surgiu o Gavião do Barulho (este ganhão é filho de Estalo do Pantaleão). Então, os dois primeiros focos da pelagem pampa no Campolina são os criatórios Lagoa Negra e Pantaleão. A partir daí, o movimento do Campolina Pampa foi ganhando forma e, na Exposição Nacional da raça, os favoritos para ganhar prêmios tem sido animais oriundos do Gavião do Barulho.

Para mostrar a importância da pelagem pampa, vale ressaltar que, em outras raças, como a Mangalarga Marchador, os dois ganhões mais importantes atualmente são pampas: Elo Kafe da Nova e Rayban da Santa Esmeralda.

No Mangalarga Paulista, tivemos, há poucos anos, como grande campeã nacional, uma potra de pelagem pampa, do criatório Piratininga, de Luiz Aparecido Andrade. Nunca na história dessa raça um animal de pelagem foi a grande campeã nacional.

Voltando ao Campolina: todo grande criador dessa raça possui, pelo menos, um animal de pelagem pampa, o que mostra como o pampa vem atraindo o mercado. E o mais importante: o principal foco do pampa são os usuários: eles fazem o mercado crescer. A maioria dos usuários que entra no mercado quer animais pintados (Campolina ou de outra raça).

Noventa por cento dos usuários não quer um animal baio. Eles querem animais pampas. Toda produção desses animais escoar. Fizemos recentemente um leilão pelo canal Terra Viva; na hora que entrava no recinto um animal de pelagem normal, sólida, era um preço; quando entrava um animal pampa, o preço dobrava.

O uso do pampa ocorre em todas as camadas da sociedade: do humilde sitiante às pessoas bem-sucedidas no mundo político, artístico, empresarial como Aécio Neves, ex-governador de Minas Gerais, Xuxa, Ana Paula Arósio, Marcos Palmeiras e Olavo Monteiro de Carvalho e, até, na monarquia inglesa - recentemente, um órgão da imprensa internacional mostrou um membro da Monarquia inglesa montando um cavalo pampa.

O último vôo do Gavião

*“Morte que o viver alcança,
não tardes em me querer,
que morro de não morrer”.*

(Santa Teresa D'Ávila, 1562)



Meus amigos, sou um dos tais que cultivam certo preconceito contra os telefones celulares. As pessoas falam, falam e dizem tão pouco ao celular. Estava eu pensando nisso, quando toca o telefone. De imediato, reconheço a voz amiga do Claudio Cunha, o grande criador de Campolina. Ele fala ao celular e eu falo à moda antiga.

Evandro Meirelles

O convite

A ligação cai algumas vezes. Por fim, conseguimos conversar. Então, ele me faz um singelo convite: escrever meia dúzia de palavras para o livro que pretende editar, cujo tema central será o cavalo pampa.

Pondero que, em meu modesto “bom dia”, já me implico com mil palavras. E que seis palavras significam escrever todo um livro. Ele ri. Depois, lembro-lhe que nunca fui criador de cavalos pampa, mal conheço suas origens. Não frequentei suas exposições e jamais tive um único animal com tal pelagem. Além do quê, não pertencço mais ao quadro de associados da Campolina. Em contrapartida, ele evoca nossa longa amizade e, de maneira educada, põe um ponto final no assunto, antes que a ligação viesse a cair de novo. E, por causa desta doce intimação, fiquei duas semanas sem pegar no sono, à procura do que escrever. Já estava a ponto de desistir, inventar alguma doença, sei lá o quê, quando me deparei com algo digno de um bom tema.

Vamos a ele: existe, no âmago de todo ser, alguma coisa que sempre evitamos pensar, e que jamais conversamos em nosso dia a dia. Refiro-me aqui à morte, essa estranha e temida criatura, que volta e meia frequenta nossos lares e, com maior frequência, assenhora-se de nossos animais. E, justo porque a evitamos, evitamos também falar

dela, tornando-a mais ameaçadora. Razão pela qual, rapidamente, esquecemos os amigos que já se foram, e que poderiam continuar ainda vivos e felizes, pelo menos em nossas lembranças. Por isso, considero que o medo infantil da morte é a razão de todos os nossos esquecimentos. E esse não querer saber impede nossos corações de amadurecer o suficiente para lidar, não apenas com as perdas e o luto, mas com qualquer tragédia que bata em nossas portas.

A discordância

Imagino que, a essa altura, os senhores estejam dizendo que estas páginas não deveriam ser o lugar apropriado para se tratar de assuntos lúgubres e dolorosos. E por que não? – pergunto. Por acaso, algum de nós sabe, ao certo, o local e o momento propícios para buscarmos o bom entendimento sobre tais coisas? Tudo no mundo tem sua pressa. Há vezes em que não podemos adiar ou deixar de dizer ao outro uma palavra, uma frase ou uma simples declaração de afeto ou de pesar.

Os senhores certamente irão ponderar que existem as cartas, o correio eletrônico, o celular. Ledo engano: foi-se o tempo das cartas e, quanto ao correio eletrônico, ou bem se escreve e toca piano, ou bem se tem um computador. Tantos objetos de desejo são incompatíveis em uma só casa. É uma questão de escolha. No que diz

respeito ao telefone, nada é mais inacessível à conversa do que o celular. A começar pela bateria, sempre arriada. O sinal nunca está onde nos encontramos. A ligação nem sempre completa. E quando a conseguimos, cai a cada três segundos. Digam-me: como fazer com o riso, o choro e as lágrimas durante tais interrupções? Convenhamos, no celular nada garante que o outro sequer esteja nos ouvindo. Nada garante que terminemos ao menos uma única frase.

O que se passa comigo é que não troco uma conversa amiga e desinteressada por nada. Vejam, por exemplo, o que se passa em nossas exposições. Os senhores sabem o quanto é difícil sustentar, à beira da pista, por dois míseros minutos, o mais banal dos diálogos. Ali, ninguém ouve ninguém. O que se diz para o amigo entra por um ouvido e sai por outro. O que nós chamamos de diálogo é, na maioria das vezes, solitário monólogo, cuja resposta é outro monólogo. Cada um só tem olhos e ouvidos para seus animais.

Não estou certo de que seria diferente se houvesse local apropriado para falarmos da morte, que não fosse o confessionário ou o consultório do psicanalista. Seja onde for, o local acaba influenciando em nossos gestos, em nossas frases, em nossos risos. Somos um no restaurante, outro em nossas casas e outro, completamente diferente, nos parques de exposição. São tantos os semblantes que arrisco dizer que cada um de nós é um ator sem plateia. Representamos ao máximo para a namorada, para o vizinho e, principalmente, para o presidente e para os juízes, quando os encontramos. Seja o gesto, a ênfase e a inflexão, nesta hora tudo se torna estudado, e acaba parecendo aos nossos olhos e ouvidos como artificial.

O Esquecimento

Por essa razão, sempre me sinto em palpos de aranha ao falar com alguém, quando o assunto é uma perda irreparável, dessas que abalam emocionalmente qualquer pessoa. As palavras

de conforto parecem-me insignificantes diante da dor. Todo esse constrangimento torna aquilo que seria a conversa verdadeira, desinteressada e honesta num encontro desconfortável e vazio. É esse desconforto que nos impede de externar, de maneira natural, nossos sentimentos mais profundos. Eis por que me identifico mais com as conversas e os diálogos imaginários. E, de preferência, em locais ermos e fictícios. Aí sim, os amigos podem confessar as verdades que não diriam à esposa, ao padre, nem ao psicanalista.

Por tudo isso, estou certo de que chegou a hora de abrir meu coração operado, diante não só do Claudio Cunha, mas de todos os parceiros com os quais tenho convivido durante os últimos 35 anos. Por tudo isso – repito – não posso deixar de expressar aqui, nestas linhas, neste livro, o mais profundo pesar pela perda inestimável do garanhão Gavião do Barulho, ocorrida há exatos dois anos.

Antes, porém, preciso falar de algo importantíssimo, para a compreensão geral do que pretendo lhes dizer a seguir. De novo, refiro-me aqui ao esquecimento. Cada um de nós esquece tanto, tanto. Não falo dos objetos nem das datas importantes. Mas das pessoas e dos entes queridos de um modo geral. Há os que são esquecidos antes mesmo da própria doença. Há os que são esquecidos tão logo morrem. E, porque nos apressamos a esquecê-los, acabam por não serem devidamente reverenciados. Há também o caso daqueles que andam por aí saudáveis, e que nós simplesmente os esquecemos, como se nunca houvessem nascido.

Este terceiro caso, eu o denomino de esquecimento narcísico. E nele me incluo, em relação ao Gavião do Barulho. Eu o esqueci antes mesmo de conhecê-lo. Eu o esqueci antes e depois de ter sido campeão em todas as pistas do país. E, por fim, eu o esqueci após a morte trágica.

E tudo continuaria tal e qual em minha vida, se não fosse o telefonema do Claudio. Seu doce convite salvou-me deste doentio e nefasto esquecimento. Sem saber, o Claudio Cunha deu-me a chance de curar-me por meio desta conversa imaginária, que lhes conto a seguir. Só assim pude redimir-me do pecado de ter esquecido um dos cavalos mais importantes de nossa raça.

O encontro

Meus amigos, todos sabemos que não se faz um grande cavalo de improviso. É um lento trabalho de gerações e gerações. Em apenas sete anos de vida, Gavião produziu cerca de 400 filhos, número suficiente para dar início a uma nova raça. Basta isso para ficar claro que não estou falando de um animal qualquer. Dois dias antes de sua morte, recebo um telefonema do Ricardinho, meu veterinário, e que presta assistência também no Haras do Barulho. Eu falei “meu veterinário”, como se eu também fosse seu paciente. Continuemos: ele me conta tim-tim por tim-tim o terrível drama vivido por Gavião. Bastante consternado, o veterinário temia que o pior estivesse prestes a acontecer. Eu tentei consolá-lo, mas, na hora, não encontrei as palavras. Anos a fio de trabalho sob a espreita da morte, certamente ensinaram a aceitar tais perdas.

Com 70 anos vividos e após pensar essas coisas, decidi visitar, não sei se o Gavião, ou a própria morte. Desde criança eu já a vira, rondando minha casa e as vizinhas. Na antevéspera de meu pai morrer, passei a noite com ele. Não trocamos mais do que três ou quatro palavras. Outras tantas ficaram sem ser ditas. E eu as carrego até hoje na ponta da língua. A partir de então, descobri que não devemos adiar uma palavra, um sorriso, um olhar, uma carícia. E como ainda me dói não ter dito a meu pai qualquer coisa a mais, não importa o quê.

Se a vida cedo me apresentara à morte, ainda não me apresentara ao Gavião. Quando entrei em sua baia, ele estava deitado e ligado ao soro, que

pingava lentamente. De imediato, tentou levantar a cabeça, mas desistiu. Então esboçou um relincho. E aquele pequeno relincho expressava conformismo e certa tristeza. Ele já havia recebido a visita de diversas pessoas. Por isso, temi que minha chegada fosse percebida como algo enfadonho. Mas não, Gavião foi bastante gentil comigo.

Começamos por conversar meras banalidades. Contudo, alguém que ali entrasse não ouviria absolutamente nada. Não havia no ar o som de qualquer fonema. Apenas pensamentos que iam e vinham de mim para ele e vice-versa. Eis algumas coisas sobre as quais conversamos:

– Meirelles... que bom que você também veio. Já ouvi seu nome por aqui algumas vezes. Sei que você está, ao contrário das demais pessoas, mais interessado em saber sobre este momento final, o último da minha vida, do que sobre minha saúde. Eu o compreendo: hoje em dia, somente se fala em saúde, só veem o mundo pelo prisma da saúde. O temor da morte permitiu que a ciência comandasse a vida das pessoas, desde que acordam até o dormir. Mas, deixemos isso de lado. Primeiramente, gostaria que você satisfizesse minha curiosidade, que acredito seja mais antiga do que a sua. Diga-me: como consegue penetrar em nossas mentes, saber o que pensamos, colocar palavras onde elas não deveriam existir?

– Tudo é muito simples, caro Gavião. Trata-se apenas de usar a imaginação. Pensemos em um piano. Todas as músicas existentes no mundo estão contidas em qualquer piano. Cabe ao pianista extrai-las. O piano nada faz por si só. Ele apenas necessita de alguém que as encontre em seus teclados. O mesmo se dá com os cavalos. Apenas me dediquei a extrair deles as palavras que jazem aí, como se fossem músicas. Quanto ao resto é colocar-se sempre disposto a ouvir mais do que falar. Preocupar-se mais em aprender do que em ensinar. Pense bem, Gavião: se lhe dou palavras é porque desejo ouvi-lo, e não ensiná-lo. Por isso estou aqui. Se você quiser me dar este prazer, disponha de meus ouvidos.

E, assim, Gavião iniciou sua história:

– Sim, sou filho de Estalo do Pantaleão e de Figura do Barulho. Nasci na madrugada dodia 9 de setembro de 2004. Pela manhã, quando me encontraram, minha mãe já havia me lambido. Eu já aprendera a sugar suas tetas e a caminhar. Quando nasci, não sabia o que significava malhado ou pampa. A primeira observação sobre meu pelo, recordo-me, impressionou profundamente a mim e à minha mãe, que era lobuna e não pampa de preto como eu. Minha pelagem, que tanto agrada às pessoas, foi meu primeiro motivo de especulação na vida. Eu não entendia por que minha mãe era lobuna e eu, pampa. De início, o convívio com os demais potros era restrito, mas foi suficiente para esclarecer o enigma. Disseram-me que eu era produto de transferência de embrião. Mas ninguém sabia explicar ao certo o que isso significava. Então, conheci o primeiro desgosto de minha vida: minha mãe não era minha mãe. Nós nunca conversamos sobre o assunto. Ela continuava cuidadosa comigo, protegendo-me dos outros animais e dos acidentes inerentes à vida.

–Mas, sem querer acelerar o passo... e sua mãe verdadeira, você a conheceu?

–Continuemos a passo, então. Aos quatro meses, comecei a perceber que minha mãe... Aqui tenho de parar e fazer-lhe uma pergunta: o que é mãe verdadeira, quando se é filho de transferência de embrião? Não precisa responder, Meirelles. Nada fará o menor sentido. Continuo: aos quatro meses, minha mãe mudou o jeito de me tratar. Todo seu temperamento mudou. Ora punha-se a correr para longe de mim, ora me mordida nos costados, ora empurrava-me de suas tetas. Até que um dia chegou alguém, colocou o cabresto em minha mãe e a levou da baía. Eu me joguei contra as paredes, relinchei com todo o ar dos pulmões, escoiceei o vento. Mas de nada adiantou. Eu apenas ouvi o relincho cada vez mais distante de minha mãe. E, naquele relincho, já não ouvia um chamado,

mas um adeus. Uma mistura de tristeza e agonia tomou conta de todo o meu ser. Este sofrimento durou cerca de dez dias, quando me soltaram no pasto. As alegrias que eu experimentei substituíram a perda de minha mãe. Tinha amigos e amigas, juntos nós aprendemos a pastar, relinchar como os adultos e a galopar de rabo levantado. Conheci meus irmãos e irmãs. Adquiri músculos e resistência à chuva e ao sol fortes. Foi uma época feliz, aquela. Mas, como tudo, teve seu fim: era necessário que eu me apressasse a ser um atleta.

O treinamento

Uma aura de cumplicidade e amizade se espalhara pela baía, onde nos encontrávamos. E, quanto mais íntimos nos tornávamos, mais minha curiosidade sobre o Gavião era insaciável. Eu queria saber cada vez mais e mais:

– E o convívio com os homens? Você pode me falar de seus relacionamentos com seus donos e com aqueles que treinaram você? – perguntei.

– Passei ao todo quatro meses solto no pasto. Depois, eu e alguns outros fomos colocados na baía. Cada um tinha a sua. A partir daí, minha relação com os peões tornou-se constante. Eu já os conhecia de longe, vagamente. Ainda não tinha opinião formada sobre cada um. Mas percebia que todos me olhavam com bons olhos. Eu só não sabia o porquê, mas passei a vê-los com bons olhos também, principalmente o Brizola, que sempre cuidou de mim. De início pensei que ele fosse meu dono, depois achei que era o Mazinho e o Dudu, que me treinavam diariamente no redondel e no cabresto. Custei a entender a hierarquia do haras. Eu devo ter aqui uns quatro ou cinco donos, além do Claudio, da dona Vera e do Pedro. Todos fizeram tudo para que eu ganhasse tantos títulos. Agora o Claudio está fazendo o diabo para que eu me cure. Trouxe o Ricardinho e a Wanessa. São os veterinários que, juntamente com a doutora Vera, estão cuidando de mim. Sei que não vou ficar bom.

Mas, em nenhum momento, senti a menor dor. O medo de nós todos não é apenas a morte, mas o sofrimento, a dor. Considero que todos são meus donos. E foi sempre assim. Lembro-me de uma das primeiras vezes em que fui à pista. Eu sabia que o Mazinho me preparara bem. Ainda assim me sentia nervoso. Quando nos apresentamos, estávamos preocupados com o pampa de castanho colocado à minha frente. Tinha um bom andamento, mas era um tanto exibido; por isso, às vezes, perdia um pouco a coordenação. Eu estava concentrado: quando a pata dianteira tocasse o chão, a pata traseira deveria erguer-se, sem transparecer esforço, e impulsionar-me para frente. Quando emparelhamos com o pampa, não percebi diferença alguma em nossos andamentos. Foi então que o Mazinho liberou um pouco mais o cabresto, e aí me senti livre e ultrapassei-o. Eu era o mais veloz sem perder a coordenação. Certamente, isso fez a diferença. Nas proximidades das baías, os peões se juntaram para me ver. Naquele instante, meu dono era o Mazinho. Mais tarde, no pódio, percebi que tudo aquilo só fora possível graças ao Claudio e ao Pedro. Então, somente ali, eles se tornaram meus donos. O mesmo se deu com o Davi. Foi ele que me amansou. E com ele ganhei os grandes campeonatos de marcha. Eu entrava sempre nervoso na pista. O Davi percebia e me perguntava: “Está tenso por quê? Relaxa, vamos!” Assim, ele me ensinou a marchar descontraído. E por tudo isso eu ainda o considero meu dono. Mas, em casa, no dia a dia do haras, meus donos são o Brizola e o Dudu. Mais tarde, depois que ampliei o círculo das minhas observações, convenci-me de que, em relação a nós, cavalos, o conceito de dono não se fundamenta naquilo que vocês chamam de direito de propriedade. Segundo penso, todo aquele que cuida da minha alimentação, eriça-me os pelos com a escova, joga fora o esterco da minha baía e me leva para um repasse, mesmo que não seja exímio cavaleiro, eu o considero meu dono.

—É muito bonito isso que você acaba de me dizer. Na verdade, todas as pessoas que amam cavalos, não tenho dúvida, gostariam de ser seus donos. A propósito, algum dia você temeu ser vendido, ter de trocar de casa... ou coisa parecida, como ser arrendado?

—Sim... uma única vez, Meirelles. Depois de tantas vitórias, percebi que as pessoas me rodeavam e me admiravam mais do que de costume. O Claudio, o Pedro e os peões também, todos ficavam felizes com o assédio das pessoas, principalmente o dos grandes criadores. Certa noite, já em minha própria baía, no haras, as luzes se acenderam e eu ouvi vozes e risos. Havia cerca de quatro ou cinco pessoas estranhas. As demais eram da casa. Depois de circularem em torno de mim, fizeram a proposta. Pelo espanto geral, eu percebi que era muito dinheiro. Meus donos ficaram calados e todos se retiraram para a sede. Conversaram e beberam por muitas horas. Mas, aconteceu um simples detalhe que me deixou tomado de angústia: nem o Brizola, nem o Dudu ou qualquer outro tratador compareceu à última revista da noite, quando conferem o capim, a água e se certificam de que todos estão bem. Isso jamais havia acontecido. Deduzi, então, que eles estariam muito aborrecidos e não tiveram coragem de me olhar nos olhos. Concluí que a venda fora realizada. Meirelles, se você acha que estou sentindo alguma dor em minha pata neste momento, asseguro a você que não. A Wanessa e a Vera se encarregam para que tudo aconteça sem sofrimento. Mas a dor, a angústia que senti naquela noite não desejo nem ao pior inimigo. No dia seguinte, quando ouvi o Brizola ou o Dudu, sei lá qual dos dois, assoviando pelos corredores, eu chorei como nunca havia feito antes. Agradei aos céus e passei a olhar tanto o Claudio quanto a esposa e o filho com profunda gratidão. Aqui eu me

sinto feliz e realizado. Aqui quero morrer. Quer saber, Meirelles? Por mais que estejamos ou não cercados de amigos – e isto que vou dizer vale para nós, cavalos, e para vocês, homens – cada um de nós morre tão só, tão sem ninguém. Sinto que esta é a única experiência realmente solitária em nossas vidas.

– Entendo... Eu gostaria de lhe dizer o quanto este encontro está sendo uma lição de vida para mim. Eu lhe sou grato por esse momento tão rico com você, Gavião...

A dúvida

– Há ainda algo mais, que eu não poderia deixar de lhe contar, Meirelles. Diz respeito a meus pais. É muito importante que você me ouça com atenção. Aqui atrás destas baias, existe um piquete que está quase sempre fechado. Ele é frequentado apenas pelos animais jovens, que estão sendo preparados para as exposições. Ali conheci pela primeira vez muitos dos meus parentes próximos e distantes. As fêmeas adultas de pista ficam no piquete ao lado. Os machos adultos são soltos, obedecendo a certo rodízio, em um terceiro piquete, mais ao longe. Vivendo juntos, nós, os potros, e as potras fizemos amizade involuntariamente, e essa amizade durou todo o tempo de nossa juventude. Eu era alegre e leviano. Namoriscava as potrancas que riam da minha virgindade. E esta afeição pelas potrancas estimulou constante transformação em meu organismo, no sentido de me tornar adulto. Frequentar exposições, conquistar troféus, precipitou ainda mais meu crescimento. Só então comecei a prestar atenção em meu pai. Antes eu apenas o via com certo olhar de indiferença. Agora, não. Eu o admirava e sobretudo eu o imitava. Seja no maneirismo próprio dos animais, seja na forma elegante com que galopava e marchava. Então, meu pai tornou-se fonte do meu orgulho. O meu desejo era ser o campeão que ele não pôde ser. Minha vida corria rápido na direção do sucesso e do mundo adulto. Então conheci aquela cujo nome consta de

meu registro como sendo a minha mãe: Figura do Barulho. Quando a vi pela primeira vez, perdi o passo, tropecei nas pernas e fiquei com vergonha de mim mesmo, por tê-la achado tão linda. Eu puxava meus olhos para a esquerda e eles se voltavam para a direita, em sua direção. E toda aquela confusão de quem seria realmente minha mãe me fez achar que o mundo dos homens é extremamente complexo para a mente de qualquer animal. Definitivamente, senti que na escala de valores de todos os seres vivos, pelo menos nós, os cavalos, estávamos acima dos homens. Disso decorreram algumas consequências. Passei a ter vergonha daquilo que consideravam minhas melhores qualidades e do estilo de vida sustentado em glórias e queme fora oferecido. Todos perceberam que eu estava triste e macambúzio. E isso não condizia com o futuro brilhante que haviam traçado para mim. Deram-me Stimovit, quando meu desejo era apenas estar quieto no meu canto, ou melhor, solto no pasto. O que acabou acontecendo, graças à sensibilidade do Mazinho, que considerou ser melhor deixar-me livre por um tempo. E, sobretudo, longe das obrigações diárias acerca do que eu deveria ser. Nesse momento eu não pertencia a meus donos, nem a meus tratadores. Não pertencia aos veterinários, nem a Deus. Eu não pertencia a ninguém.

O pesadelo

– Quer descansar, Gavião?

– Ainda não. Prefiro continuar. Certa noite, quando tudo silenciara, ouvi um relincho sofrido que vinha do outro lado da cerca, na propriedade vizinha. Aproximei-me do arame farpado e vi que uma égua havia dado à luz uma cria e que jazia agonizando a seu lado. Eu nunca presenciara tal cena. Talvez ciente de que nada mais havia a fazer, a mãe optou por ir-se, deixando ali a cria quase morta. Eu, que fora criado em piquetes e baias, entre veterinários e tratadores, que se incomodavam com uma reles mosca que se atrevesse a pousar em minhas

orelhas, eu – repito – que nunca soube o que era sede, fome e dor, senti-me desesperado e morrendo junto com aquele serzinho. Ali passei o resto da noite, velando aquele corpo desconhecido e tão próximo, ao mesmo tempo. E o pior ainda estava por acontecer. Um pouquinho antes do amanhecer apareceram alguns cachorros. Eram cinco: quatro quase iguais, e um menor e de cabeça grande. Percebi logo que estavam esfomeados. Rapidamente avançaram sobre o potrinho já morto. E conforme enfiavam seus dentes no ventre do animalzinho, eu corria de um lado a outro da cerca de arame farpado, em busca de uma passagem. Vi o cão menor agarrado a um pedaço de carne e rosnando para os demais. Outro saciava-se tão às pressas, que vomitou e depois lambeu de volta o que havia posto para fora. Ao partirem, ainda levavam na boca pedaços de carne e osso. Vieram em seguida os urubus e mais outros cachorros para disputar os restos. Em pouco tempo não havia ali, sobre a relva, vestígio algum do que ocorrera. Na minha mente, porém, jamais consegui apagar um instante sequer da carnificina. Eu havia tomado consciência de que predadores fazem parte do mundo animal. A rapinagem da vida é e será sempre o medo maior de todo animal, mesmo os domesticados. Nossos inimigos não são necessariamente os homens, mas a natureza selvagem das espécies. Então, me vi forçado a reconhecer: diferente do que pensava antes, na escada de valores de todos os seres vivos, nós estamos sim alguns degraus abaixo dos homens, apesar de todos os absurdos que eles possam cometer conosco.

– Querido Gavião, você me falou tanta coisa que jamais havia pensado. Contou-me tantas experiências alegres e sofridas. E eu, cujo vocabulário vanglorio-me de beirar mil palavras, não encontro neste momento ao menos uma que seja para confortá-lo, a não ser obrigado, mil vezes obrigado.

– Imagina! Há ainda algo que preciso dizer-lhe, Meirelles. Nada me aproximou mais do Claudio e do

Pedro do que o fato que acabo de lhe contar. Eu tive muitos, muitos pesadelos com os predadores daquele potrinho. O que me consolava é que isso jamais aconteceria aqui. Meus donos jamais permitiriam. Quanto à minha saúde, agora sim podemos falar dela. O acidente foi uma fatalidade: logo, não há culpados. Fui operado por veterinários competentes que me amam. Como já disse, aqueles que cuidam de mim o fazem tão bem que até as moscas os temem. Estou ciente da precariedade de minha saúde. Meus nervos e minhas artérias se esfacelaram e um de meus cascos caiu. Não posso mais ficar de pé. Os músculos se foram e não tenho mais forças. De fato, sinto-me cansado, mas o abatimento jamais tomou conta de mim. Sei que aqui terei sepultura. Coisa que nos primórdios do mundo nenhum de nós tinha. Vocês aprenderam primeiro a se defender dos predadores. O progresso de vocês sempre acaba nos beneficiando. E isso é uma esperança para nossa espécie. Meus filhos estarão em boas mãos.

A partida

– Não sei, Gavião, se vou conseguir escrever a beleza deste momento.

– Mas, Meirelles... O que é isso, homem?... Percebo que você está emocionado... Não teria sido ruim se você também tivesse sido mais um de meus donos. Desculpe-me a franqueza, Meirelles, mas eu preciso saber: você acredita em Deus?

– Não... mas sei que ele existe para a maioria das pessoas. Mas acredito sim em paraíso. Estou certo de que há muitos cavalos lá. Escrevi sobre isso, alguns anos atrás.

– Sua imaginação é incrível. Gastei todas as palavras que você me emprestou. Sinto-me agora vazio e um pouco cansado. Por favor, Evandro, peça ao Brizola para me trazer um pouco de água. Aproveite e beba um cafezinho, você. Depois volte aqui para nos despedirmos.

Antes de retornar, pensei o quanto havia sido singular este encontro com o mais famoso filho

do Estalo do Pantaleão e Figura do Barulho. Ao abrir a porta da baia, percebi que o cansaço e os anestésicos já haviam cerrado seus olhos. A morte ainda não chegara. Isso aconteceu na manhãzinha do dia seguinte, 14 de abril de 2012.

Todos os seus donos vieram despedir-se do Gavião do Barulho. Os veterinários e os demais tratadores também lá se encontravam, ao lado do redondel, onde Gavião descansaria. Tomados inicialmente de um vazio ensurdecedor, aos poucos, um após outro, todos pararam de lamentar e chorar, e puseram-se apenas a espiar essa dor maior da perda irreparável. Então, antes que o cavalo fosse totalmente encoberto pela terra, alguém, que não me lembro, correu até o escritório próximo. De lá trouxe aquele que talvez tenha sido seu troféu mais significativo, e colocou-o sobre o corpo frio do animal. E nele estava escrito em grandes letras: Bicampeão Nacional Progênie de Pai.

De repente, vindo das baias, o tímido relincho de um potrinho recém-nascido se fez ouvir, quebrando a tristeza e o silêncio que ali se instalaram. Um gavião piou seguidamente nos céus e um cachorro latiu bem ao longe. Uma abelha passou zunindo perto do ouvido dos que ali estavam. O celular de alguém tocou. E esses sons se juntaram a muitos outros, fazendo com que as pessoas se dispersassem em direção à vida, que continuava seu curso. Abraçados, Claudio, a esposa e o filho custaram a se afastar. Gostaria de ter-lhes dito que aquilo que não nos mata nos torna mais fortes. Por fim, todos retornaram a seus afazeres. Durante os dias que se seguiram, a morte do Gavião do Barulho cobriu o mundo dos cavalos de espanto e tristeza.

Evandro Meirelles Santos

FOTO

ABCCC cria e instala a Academia Brasileira do Cavalo Campolina

Entidade que cuida de assuntos de interesse da raça Campolina e representa os criadores junto à sociedade e ao Governo, a Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Campolina (ABCCC) resolveu criar a Academia Brasileira do Cavalo Campolina que visa, entre outros objetivos, preservar a história e cultura da raça para que continue a sua trajetória de expansão e aprimoramento; homenagear pessoas que muito fizeram pela raça, como Cassiano Campolina, seu idealizador e criador; e destacar os garanhões e matrizes que se projetaram como animais-pilares, entre eles, Monarca, o pai da raça.



ACADEMIA
BRASILEIRA
DO CAVALO CAMPOLINA



Luiz Roberto Horst Silveira Pinto
Presidente da ABCCC



José Eugênio Dutra Câmara Filho



Arnaldo Bezerra



Valério Teixeira de Rezende



Fernando Diniz Olivé



Astério Dorvile Loureiro



Roberto Ribeiro Cantelmo



Antônio Helvécio Martins Costa



Leonarno Campos



Vaga a ser preenchida

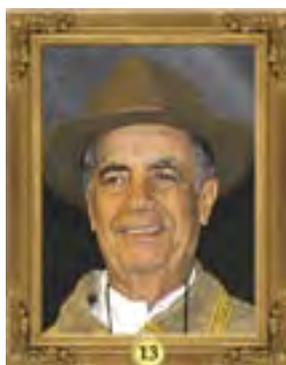
A instalação da entidade – criada nos moldes da Academia Brasileira de Letras – ocorreu em cerimônia que fez parte da programação da XXX Semana Nacional do Cavalo Campolina, realizada em Belo Horizonte (MG), no Parque de Exposições da Gameleira, no período de 04 a 11 de setembro de 2010. Naquela oportunidade, a ABCCC divulgou os nomes das pessoas e animais inscritos nos anais da Academia, nesta fase inicial de suas atividades.



Marcos Roberto de Oliveira Cavalcanti



Emir Cadar



Álvaro Lopes da Silva



Joel Bastos Garcia



Jayme de Almeida Figueiredo



Francisco de Paula La Saigne D'Aboim Inglês



Oswaldo Afonso Diniz Filho



Josué Rodrigues



Silvio Dutra



Silvana Marinho Couto de Almeida Braga



Arthur Eduardo Savassi Biagioni



Henrique Moraes Salvador Silva



Carlos Plínio Siqueira



Vaga a ser preenchida



Vaga a ser preenchida

PATRONOS

Cadeira nº 1	Cassiano Antônio da Silva Campolina	Cadeira nº 14	Márcio de Andrade
Cadeira nº 2	Joaquim Pacheco de Resende	Cadeira nº 15	Justino Luiz Alves Pereira
Cadeira nº 3	Francisco Teodoro de Andrade	Cadeira nº 16	Geraldo Majela de Rezende
Cadeira nº 4	Gabriel Augusto de Andrade	Cadeira nº 17	João Batista Costa Sad
Cadeira nº 5	Joaquim Rezende	Cadeira nº 18	Luiz Rodrigues Fontes
Cadeira nº 6	Paulo Rocha Lagoa	Cadeira nº 19	Aloysio Rezende Ribeiro de Oliveira
Cadeira nº 7	Ascânio Afonso Diniz	Cadeira nº 20	Alfredo Manoel Fernandes
Cadeira nº 8	Bolivar de Andrade	Cadeira nº 21	Adelino Ribeiro Maia
Cadeira nº 9	Epaminondas Cunha Melo	Cadeira nº 22	Jorge Marback Simões de Freitas
Cadeira nº 10	Waldemar de Rezende Urbano	Cadeira nº 23	Francisco Lourenço Costa
Cadeira nº 11	Mário de Figueiredo Santos	Cadeira nº 24	Antônio Lopes da Silva
Cadeira nº 12	Gastão Ribeiro de Oliveira Rezende	Cadeira nº 25	Luiz Carlos de Barros Vianna
Cadeira nº 13	Roberto Ribeiro de Oliveira Rezende		

ACADÊMICOS

Cadeira nº 1	Presidente da ABCCC Luiz Augusto do Amaral Filho	Cadeira nº 12	Emir Cadar
Cadeira nº 2	José Eugênio Dutra Câmara	Cadeira nº 13	Álvaro Lopes da Silva
Cadeira nº 3	Arnaldo Bezerra	Cadeira nº 14	Joel Bastos Garcia
Cadeira nº 4	Valério Teixeira de Rezende	Cadeira nº 15	Jayme de Almeida Figueiredo
Cadeira nº 5	Fernando Diniz Olivé	Cadeira nº 16	Francisco de Paula La Saigne D'Aboim Inglês
Cadeira nº 6	Astério Dorville Loureiro	Cadeira nº 17	Osvaldo Afonso Diniz Filho
Cadeira nº 7	Roberto Ribeiro Cantelmo	Cadeira nº 18	Josué Rodrigues
Cadeira nº 8	Antônio Helvécio Martins Costa	Cadeira nº 19	Silvio Dutra
Cadeira nº 9	Leonardo Campos	Cadeira nº 20	Silvana Marinho Couto de Almeida Braga
Cadeira nº 10	Gastão Ribeiro de Oliveira Rezende Filho	Cadeira nº 21	Arthur Eduardo Savassi Biagioni
Cadeira nº 11	Marcos Roberto de Oliveira Cavalcanti	Cadeira nº 22	Henrique Morais Salvador Silva

RAÇADORES IMORTAIS

Sela nº 1	Monarca	Sela nº 11	Gas Radar
Sela nº 2	Medéia	Sela nº 12	Júpiter de Passa Tempo
Sela nº 3	Mirai Rififi	Sela nº 13	Gas Dengoso
Sela nº 4	Xerife de Passa Tempo	Sela nº 14	Ousado de Passa Tempo
Sela nº 5	Xepeiro de Passa Tempo	Sela nº 15	Narciso do Angelim
Sela nº 6	Gas Prelúdio	Sela nº 16	Licor do Angelim
Sela nº 7	Gas Rex	Sela nº 17	Garol do Angelim
Sela nº 8	Micaela Sublime	Sela nº 18	Desacato da Maravilha
Sela nº 9	Expoente de Passa Tempo	Sela nº 19	Iluminado de Alfenas
Sela nº 10	Gas Marujo	Sela nº 20	O.P. de Santa Rita

FOTO

Olhos azuis em equinos

Por: Regina Salamonde

Em nosso plantel, em 04/12/02, nasceu um potro com um olho azul. Era o nosso primeiro potro e, por isto, para iluminar a nossa criação, nele colocamos o nome de ASTRO.

Achamos, em princípio, o olho azul um fato incomum. Jamais havíamos visto um, antes.

O assunto é polêmico e sempre suscitou, entre os criadores, um desconforto. Que surpresa para eles, após onze meses de investimentos, cuidados e ansiedade pela vinda de um novo produto, deparar-se com um ou dois olhos azuis na cria, tão esperada, do seu plantel!

Pensa o criador, então: será uma anomalia? uma característica negativa? o que aconteceu? classifica? posso registrar? Ou, não é nada disto: é um “plus”, um “a mais” que somente aquele seu produto apresenta. Se, for assim, é característica positiva, valorizadora para minha criação...

As dúvidas e controvérsias se multiplicam porque o assunto é instigante e, há muito, é estudado. Para exemplificar, remetemos para a bibliografia sobre o tema em muitos autores, como: Calder, já em 1927; Briquet, em 1959; G. Matheus e S.M. Crispin, em 1987; Kay Schiwink, em 1990; C. Rebhun, em 1992; H.W.Leipold, G. Saperstein e N.E.Woollen, em 1994; Keith Barnett, em 1995; Metallinos, em 1998; D.Knottenbelt e R. Pascoe, em 1998; Murquia Pozzi, em 2001; e Wouk, contato pessoal, em agosto de 2003.

Há que se ressaltar que uma das características negativas do padrão racial dos equinos, hoje existente, reside no fato de serem as fontes de pesquisa sobre o assunto, escrita em língua estrangeira para o que seria necessário extremo cuidado, na tradução, para a exata assimilação do verdadeiro conceito, sob pena de terem sido confundidos conceitos diferentes da mesma real constatação: o olho azul.

Sobre este entendimento, fazemos remissão para o livro do conceituado oftalmologista Keith Barnett, 1995, pág.158 e 159, onde se pode, nitidamente, observar a diferença



entre a íris albinóide e a íris heterocrômica, notando-se, pelas legendas das fotos, a clara distinção entre os dois conceitos. A tradução do livro para o português é que poderia ter causado a confusão semântica e gramatical e, aí, talvez, injustamente, a equivalência das duas situações.

Portanto, deduz-se, que são dois conceitos muito próximos que aparentam ser a mesma coisa. Todavia, são temas completamente diferentes, cujos estudos estão em campos distintos e devem ser estudados em searas separadas.

Uma coisa é a ÍRIS ALBINÓIDE, proveniente do albinoidismo ou albinismo, estudado no campo da genealogia da cria, indo-se buscar a causa na sua linha alta ou baixa, ou seja, na sua Genética.

Outra coisa é a Íris Heterocrômica ou Policromática, uma variante normal de íris do animal equino, estudada dentro da Oftamologia.

Os conceitos são definidos e distintos e não podem ser confundidos, apesar de ambos serem um “olho azul”.

Há que se estudar o caso primeiro e, depois, de bem avaliado o fato, rotula-se o fenômeno: “É Íris Albinóide”; “É Íris heterocrômica”; e nunca: “é Iris Albinóide, porque o olho é azul”.

Se formos ao dicionário do Aurélio Buarque de Holanda, vamos encontrar no verbete “albino”, o seguinte: diz-se de, ou aquele a quem falta, de nascença, totalmente ou em parte, o pigmento da pele, dos pelos e da íris”. Isto

porque, o albinismo é uma anomalia genética de caráter recessivo, que pode ocorrer em plantas, animais e no homem.

Provém da ausência ou falta de melanina que, nos animais, é responsável pela pigmentação dos cabelos, da pele e olhos. Sem a substância, por exemplo, o homem albino tem a pele e cabelos muito brancos e os olhos claros, com alta sensibilidade à luz.

É sabido que predispõe ao eritema solar e também ao carcinoma da pele, caso fique exposto, por muito tempo, aos raios solares.

A íris albinóide, segundo Knottenbelt e Pascoe, 1998, é aquela TOTALMENTE desprovida de pigmentação, aparecendo somente em animais de pele clara.

Esta realidade foi constatada em reportagem sobre o gorila albino Copito de Nieve que vivia, desde 1966, no Zoológico de Barcelona: na reportagem, publicada em O Globo, de 22/09/03, o gorila, segundo os veterinários que cuidaram do animal, deveria morrer vítima de câncer de pele. Seus filhos, nenhum albino, porque, sendo o albinismo uma característica genética recessiva, nunca foi encontrada nenhuma fêmea albina para acasalar com o gorila. Além disto, os animais albinos, assim como os albinos humanos, são estrábicos, míopes e apresentam infecções oculares, como pudemos constatar nos saguis, em Igarassu, a 30 km de Recife, no Criadouro Muriqui dos Primatas.

Em equídeos, os estudos comprovam a incidência em animais com pelagem branca, que possuam mucosas rosas, com pele rosa em redor dos olhos e focinho.

Transcrevo, para elucidação, algumas linhas do estudo de Knottenbelt e Pascoe, *Afecções e Distúrbios do Cavallo*, 1998, pág. 308 e 309:

“Vários problemas não patológicos estão associados à íris. O aspecto destes problemas pode variar de modo significativo, particularmente, com relação à íris.

Comumente, a coloração da íris não tem maior significado, embora uma íris totalmente não pigmentada (albina) possa fazer com que o cavalo fique fotofóbico ...”

“A retina de cavalos de pele clara, como nos animais albinos (cremes), é comumente pouco pigmentada.

A despeito da despigmentação (da retina) aparentemente profunda em alguns casos, comumente não há evidência de efeito prejudicial à visão “... “No caso do olho realmente albino, o animal pode demonstrar fotofobia para a luz particularmente intensa”.

Os estudos também acusaram a existência de alguns casos na pelagem APPALOOSA; porém, nestes, o albinismo determina a cegueira (e cegueira noturna) de tais animais com íris despigmentada. Nestes casos, outros problemas poderiam existir, mas se fosse constatado que o animal enxerga, nenhum outro mal adviria.

O albinismo total, em que se verifica uma íris quase totalmente branca, é chamado “olho de vidro” por Leipold, H. W. SAPERSTEIN, G. e Woollen, N.E., 1994, em *Tratado de Medicina Interna de Grandes Animais*.

Uma vez entendida que a íris albinóide é azul, isto é, despigmentada por falta de melanina, com mucosa rosa em redor dos olhos e focinho e, geralmente, apresenta complicações oculares ou visuais, chegando até à cegueira noturna, fácil será entender o outro conceito com ele confundido: a íris heterocrômica ou policromática.

O que seria a heterocromia iridal ou íris heterocrômica? Seria a coloração da íris com combinações de branco, castanho e azul. É congênita, a etiologia é desconhecida e não tem defeitos associados. Remetemos para Matheus, G. e Crispin, S. M., *Diseases of the Equine íris*. Parto L Noninflam diseases, 1987.



FOTO

Livro de Elite - Raça Campolina

Por: José Eugênio Dutra Câmara Filho



JÚPITER DE PASSA TEMPO

Registro Definitivo: CP 05 / 000061

Livro de Elite: CP 07/01 Vol.. 01 Pág. 001

Nascido em 1970, na Fazenda Campo Grande de Bolívar de Andrade, filho de Expoente de Passa Tempo em Causa de Passa Tempo, Júpiter era um cavalo de grande beleza fenotípica e se destacava por ser um cavalo leve, porém muito expressivo, numa época em que os principais cavalos eram por vezes muito pesados. Possuía ótimo andamento, característica da linhagem Passa Tempo.

Com frente leve, lindas orelhas e pescoço, tinha uma harmonia nas suas ligações e forte dorso-lombo com garupa longa.

Com um ano e meio de idade, em 1972, foi vendido ao Haras Sans Souci, onde gerou inúmeros produtos que se destacaram nas pistas. Em 1980, Júpiter foi para o Haras Graipu, em Governador Valadares (MG), onde permaneceu por três anos. No início de 1984, foi para sua última moradia: Fazenda Ilha da Chapada (criatório Alfenas), onde permaneceu até 1990, quando uma fratura na perna, o levou aos 19 anos. Por onde passou, gerou campeões nacionais, seja convencional ou de marcha.

Foi campeão nacional sênior por 2 vezes, na 1º e 2º Nacional Campolina (1981 e 1982).

Alguns produtos de Júpiter que se destacaram:

Ciumenta de Sans Souci, Coca Cola de Sans Souci, Desacato da Maravilha, Fada de Alfenas, Felicidade da Filó, Frevo de Sans Souci, Herau do Graipu, Hercules de Alfenas, Herói de Sans Souci, Iluminado de Alfenas e Madonna de Alfenas.

Foram campeões nacionais da raça sênior: Ciumenta, Coca Cola, Frevo e Iluminado.

GAS DENGOSO

Registro Definitivo: CP 05 / 000217

Livro de Elite: CP 07/02 Vol.. 01 Pág. 002

Nascido em 1971 na Fazenda Palestina de Gastão Resende, filho de Gas Rex em Gas Jandaia I, se destacou como uns dos principais cavalos da raça, pela expressão racial e porte elevado que transmitia a seus produtos. Em 1975, foi vendido ao criador Alfredo Manoel Fernandes. No criatório de Alfredo fez uma história à parte para o sufixo Angelim e para a própria raça Campolina, com ótimos acasalamentos nas filhas de Xepeiro de Passa Tempo.

Seus produtos logo começaram a se destacar nas pistas, e a procura por potros filhos de Dengoso era uma constante no criatório Angelim.

Dengo, como era chamado quando era vivo (só depois da sua morte é que se passou a ser chamado pelo nome correto), Dengoso foi tricampeão nacional progênie de pai nacional campolina (87, 88, 89).

Em 1988, aos 17 anos, Dengoso passou a ser propriedade de um condomínio entre criadores do Rio de Janeiro, com preço recorde à época; porém, em 1989, com apenas uma safra encaminhada em sua nova moradia, Dengoso veio a falecer, deixando uma história para ser contada por muitas gerações de seus descendentes.

Impressiona até hoje, ao contrário de outros ícones da raça, que Dengoso teve 222 filhos, número pequeno em comparação com outros garanhões, com uma produtividade de qualidade impressionante, sendo que 10 destes filhos conquistaram o campeonato nacional da raça sênior.

Tiveram destaques, entre inúmeros outros:

Albatroz do Oratório, Acreano do Angelim, Balada do Angelim, Blenda do Angelim, Condessa do Angelim, Carola do Angelim, Fado do Angelim, Financeira do Rancho 70, Garda do Angelim, Garol do Angelim, Índia do Angelim, JK do Angelim, Laurel do Angelim, Licor do Angelim, Narciso do Angelim, Ogum do Angelim, Otala do Angelim e Pintura de Santa Rita.

Foram campeões nacionais da raça sênior: Balada, Blenda, Financeira, Garda, JK, Licor, Narciso, Ogum, Otala e Pintura.



XEPEIRO DE PASSA TEMPO

Registro Definitivo: : CP 05 / 000240

Livro de Elite: CP 07/03 Vol.. 01 Pág. 003



Nascido em 1959, na Fazenda Campo Grande de Bolívar de Andrade, filho de Raro de Passa Tempo em Floresta, esta da criação de Antonio Cambraia Andrade, foi um garanhão que deu início ao sucesso do criatório Angelim, de Alfredo Manoel Fernandes. Em seus 11 anos de vida, Xepeiro não somente fez uma tropa de base, em que Gas Dengoso iria fazer fama com seus produtos oriundos das filhas de Xepeiro, mas suas filhas campeãs nacionais nas antigas Semanas do Cavalo, nas quais se destacavam, por serem exposições nacionais, cada ano numa cidade e estado diferente; organizadas pelo Governo Federal a partir de 1965, elas davam visibilidade ao criatório Angelim e, sobretudo Xepeiro, como garanhão de ponta nos anos 60.

Foi Bicampeão Nacional Progenie de Pai em 1972 (Campo Grande - MS) e em 1973 (Goiânia-GO).

São seus principais produtos, entre os poucos que teve (69 filhos registrados): Negra, Radam, Ulalá, Una, Vaidade, Vitória, Vana, Vitrine, Xepeira, Zoraia, Zoga e Zoma, todas do Angelim.

Foram campeãs nacionais: Radam, Vaidade, Vitória e Xepeira.

DESACATO DA MARAVILHA

Registro Definitivo: CP 05 / 001230

Livro de Elite: CP 07/04 Vol.. 01 Pág. 004



Nascido em 1983, na Fazenda Maravilha de Luiz Eduardo Brandão Cortes, filho de Júpiter de Passa Tempo em Gas Completa, nasceu de uma cobertura adquirida do criador Sérgio Cantídio Ferreira (Haras Graipu), então proprietário de Júpiter.

Desacato, assim como Gas Dengoso nas filhas de Xepeiro de Passa Tempo, representou a combinação perfeita das duas linhagens da raça, Gas e Passa Tempo, que se completavam nas suas qualidades.

Ainda jovem, Desacato sofreu um acidente que o impossibilitou de ser um

cavalo de pista, mas, mesmo potro, já chamava atenção pela sua perfeição morfológica; considerado por vários criadores um cavalo muito próximo do padrão morfológico da raça.

Seus primeiros filhos em pista já mostravam que Desacato seria uma máquina de fazer campeões e, por muitos anos, seus filhos predominaram como vencedores dos principais títulos da raça. O próprio Desacato foi vencedor de inúmeros campeonatos de progênie, sendo oito títulos em exposições nacionais (recorde até os dias de hoje). Na única vez que entrou numa pista para disputar um campeonato, sagrou-se Melhor Cabeça na Nacional de 1987.

Ele destacava na caracterização que impunha, principalmente na expressão racial, pescoço leve com bela inserção, ótimas proporções e ligações, com forte linha dorso lombar, assim como garupa, e andamento macio. Seus filhos e filhas guardavam muita semelhança entre si.

Desacato faleceu aos 21 anos, quando já pertencia a um Condomínio de vários criadores, que, assim como outros criadores, reverenciavam a um dos maiores reprodutores e vencedores da raça.

Entre inúmeros filhos que se destacaram, foram campeões nacionais da raça sênior ou jovem:

Fantasma do Camparal, Fofura das Flores, Guardiã das Aroeiras, História da Maravilha, Lanceiro da Conceição, Maravilha da Palmeira, Monalisa do Porto Alegre, Natércia da Maravilha, Ouro do Pinval, Ousada do Porto Alegre, Qualidade do Porto Alegre, Querosene da Conceição e Vitória do Porto Alegre.

PROMESSA DE SANTA RITA

Registro Definitivo: CP 06 / 0008191

Livro de Elite: CP 07/05 Vol.. 01 Pág. 005



Da famosa safra de 1989 da Fazenda Santa Rita de Leonardo Campos, filha do campeão nacional da raça e de marcha Narciso do Angelim com Esperança LLC, esta uma filha de Gas Garimpo.

Promessa foi um dos animais que fizeram parte da formação do Condomínio Narciso do Angelim, organizado por Osvaldo Diniz, da Fazenda Cabo Velho. Como parte do pagamento à Fazenda Santa Rita, alguns animais filhos de Narciso em matrizes dos seus condôminos, deveriam receber o sufixo Santa Rita e ser automaticamente

propriedade de Leonardo Campos. Isto posto, Promessa foi um destes produtos, sendo, portanto, também uma criação de Leonardo Lopes Cançado, do criatório LLC, de Pará de Minas.

Ainda potra, foi adquirida em um dos memoráveis Leilões Santa Rita, por Carlos Plínio, Roberto e Norival Siqueira, que à época constituíam a Fazenda Oratório. Posteriormente passou para Agropecuária Hibipeba, sendo vendida em leilão para os criadores Charles Marx e Ronaldo Monteiro, cada qual ficando com 50% da mesma. Atualmente Promessa pertence ao condomínio Haras Luanda e Haras Chiribiribinha.

Promessa conseguiu algo impressionante num espaço de apenas 2 meses: por embrião produziu Cale da Hibipeba, com Iluminado de Alfenas. Após 2 meses ela própria pariu Neruda da Chiribiribinha com OP de Santa Rita. Isto, na virada do ano 2000 para 2001. Quando Promessa foi vendida no Leilão Hibipeba de 2000, seu potencial como reprodutora já havia afluído, mas não ainda com a capacidade de produzir 2 garanhões notáveis da raça, com o brilhante detalhe de ser a mãe, conforme a opinião de muitos criadores, dos melhores filhos de Iluminado de Alfenas e OP de Santa Rita, respectivamente, Cale e Neruda.

SSPA DE SANTA RITA

Registro Definitivo: CP 06 / 011070

Livro de Elite: CP 07/06 Vol.. 01 Pág. 006



Nascida na safra de 1992 da Fazenda Santa Rita de Leonardo Campos, filha de OP de Santa Rita em ONI de Santa Rita, ambos irmãos paternos, filhos de Licor do Angelim.

Com pouco mais de 1 ano, SSPA foi adquirida no Leilão Santa Rita de 1994 pelo criador Jorge Marback Simões, da Fazenda Conceição.

SSPA foi uma vencedora em pistas desde jovem, sendo campeã nacional mirim em 1993, campeã nacional da raça jovem 1993, campeã nacional égua adulta e campeã nacional da raça sênior em 1998.

Ganhou inúmeros títulos regionais, incluindo vários campeonatos de marcha, mostrando sua performance completa "marcha e morfologia".

E, além do sucesso nas pistas, mostrou-se reprodutora de excelência, independente do reprodutor. São seus filhos campeões nacionais da raça: Lanceiro da Conceição, Nova York da Conceição, Querosene da Conceição. Também foi campeã nacional sua filha Ocala da Conceição.

Com esta capacidade reprodutiva, não demorou para que SSPA se sagsse também Campeã Nacional progênie de Mãe, em 2000.

Outros filhos que se destacaram pela qualidade: Quincas da Conceição, Figura Top, Gran Cru Top, Imagem Top.

SSPA foi vendida ao Haras Top, de Rogério Oliveira em 2001, sendo que em 2008, constituiu condomínio com o Haras Monte Real, de Bartolomeu Medeiros, do Estado de Pernambuco.

Seu desempenho, seja em pista convencional, seja em marcha e, sobretudo como reprodutora, faz com que SSPA se destaque como uma das éguas de maior sucesso na raça.

NERUDA DO CHIRIBIRIBINHA

Registro Definitivo: CP 05 / 004343

Livro de Elite: CP 07/07 Vol.. 01 Pág. 007



Nascido na safra de 2000, no Haras Chiribiribinha de Charles Marx Nascimento Almeida, Neruda veio no ventre da matriz Promessa de Santa Rita, prenha de OP de Santa Rita. Promessa foi adquirida no Leilão Hibipeba de 2000.

Neruda conquistou vários títulos quando potro, porém se tornou imbatível mesmo após se tornar um cavalo, conquistando o título máximo da raça (campeão nacional da raça sênior em 2005, antes de fazer 5 anos). Ganhou ainda o título de melhor cabeça naquela nacional.

Após o nascimento de seus primeiros produtos, sua prole logo chamou atenção pela expressiva caracterização, com excelente estrutura de corpo e aprumos, além de marcha de grande qualidade. A grande semelhança entre seus filhos também se destacava, dando a Neruda um status de excelente reprodutor.

A partir dos nascimentos dos seus filhos, uma avalanche de títulos em exposições regionais e nacionais foram conquistados pela produção de Neruda, tornando-o quase imbatível nos concursos de progênie. É tricampeão nacional melhor progênie de pai (2008, 2009 e 2010), e lidera o ranking nacional de melhor reprodutor desde 2007.

As proporções, o porte adequado para um cavalo de sela, a semelhança entre si, a expressão racial, e a marcha bem dissociada, própria e genuína da raça, caracterizam seus produtos.

Neruda, nos tempos atuais, se tornou uma verdadeira “máquina” de fazer campeões, e a qualidade dos seus produtos fizeram o Haras Chiribiribinha o grande vencedor dos principais títulos dos últimos anos. Em 2011, iniciou-se a formação de um condomínio envolvendo Neruda, com valores recordes para a raça.

Entre seus inúmeros filhos campeões, conquistaram campeonatos nacionais:

Roca, Sagrada, Safira, Sertão, Toscana, Tamarim, Tamis, Ulisses, Valquiria, Veneza, Velasquez, Vivaldi, Volpi, Xarrasca, Xanadu e Xavante, todos do Chiribiribinha; Capitu do Pastoreio e Nobreza de São Judas. Foram campeões nacionais da raça jovem: Sagrada, Volpi e Nobreza, e campeão nacional de marcha, Tamarim.

AGITADA DAS DUAS MARIAS

Registro Definitivo: CP 06 / 013800

Livro de Elite: CP 07/08 Vol.. 01 Pág. 008



Nascida em 1996, no Haras das Marias de Luiz Roberto Horst Silveira Pinto, no Estado de São Paulo, Agitada é filha de Iluminado de Alfenas e Zuraia do Angelim.

Ainda potra, foi adquirida pela titular do Haras Mandala, Vera Regina Aché Annechino, ficando moradia no Estado do Rio de Janeiro, onde se transformaria numa das fêmeas de maior sucesso na raça (na pista e na produção).

Agitada conseguiu a impressionante marca de 5 campeonatos nacionais e 6 reservados campeonatos nacionais, entre 1998 e 2005, estando entre estes títulos 1 campeonato nacional de marcha e 1 reservado campeonato nacional de marcha.

Sua capacidade reprodutiva também logrou sucesso, seja do ponto de vista morfológico, de marcha, comercial e pela fácil fertilidade.

São seus filhos campeões nacionais: Nairobi, Nina, Portinari, Roxane, todos Mandala, e ainda Capricho JHR e Dimitri da Luanda.

Outros filhos reservados campeões nacionais: Ohana Mandala e Xarrasca JHR.

Agitada conseguiu a proeza de ter dois filhos campeões nacionais da raça sênior: Nairobi e Dimitri, sendo que ambos também foram campeões nacionais de marcha.

Outros filhos de destaque de Agitada: Júpiter do HR, Prima-Dona, Tricia e Upgrade Mandala.

Seus filhos conseguiram 20 títulos nacionais, com os 11 títulos da própria Agitada; são 31 títulos a partir de uma fêmea. Ou seja: é impressionante e inquestionável o que Agitada já conseguiu na raça Campolina, destacando-se como um dos mais qualificados e bem-sucedidos exemplares da raça.

GEODO DO ORATÓRIO

Registro Definitivo: CP 05 / 003544

Livro de Elite: CP 07/11 Vol.. 01 Pág. 09



Nascido em 1995, na Fazenda Oratório de Carlos Plínio Siqueira, filho de Albatroz do Oratório com Pintura de Santa Rita, se transformou num importante e vencedor garanhão da raça na Agropecuária Hibipeba, dos irmãos Roberto e Norival Siqueira. Atualmente, Geodo pertence exclusivamente a Norival Siqueira, proprietário do criatório Hibipeba.

Com forte caracterização no seu conjunto de frente, lindo pescoço, ótima estrutura corpórea, e andamento com a clássica e genuína marcha batida da raça, Geodo caracterizou sua produção por não transmitir animais pesados de frente como ele próprio, sendo por isso um excelente melhorador na raça.

Foi campeão nacional da raça jovem em 1996, e melhor progênie nacional de pai em 2005, além de melhor progênie nacional de pai junior em 2004.

São diversos seus filhos campeões nacionais, seja convencional ou de marcha.

A Agropecuária Hibipeba conquistou vários títulos de melhor expositor e melhor criador, com a produção de Geodo, assim como os Leilões Hibipeba foram recordistas de preços em anos consecutivos, também com participação importante da performance de Geodo do Oratório, como reprodutor de ponta na raça Campolina.

Destacam na prole de Geodo, os campeões nacionais:

Balboa, Berlinda, Design, Eva, Ferrari, Fábula, Gyron, Hadarah, Kenova, todos da Hibipeba, e ainda: Elegante do Haras Rosso, Etna da JAD, Geodo do Libertas, Geodo Top, Iara de São Judas, Jóia de Halabara, Nina Mandala, Porto do Chiribiribinha, Querida do Chiribiribinha, Renoir Mandala, Ribalta do Casseribu, Talismã do Repol, Troféu da Dona Flor e Tsunami do Camparal.

Sagraram-se campeões nacionais da raça, 5 filhos de Geodo: Berlinda da Hibipeba, Ferrari da Hibipeba, Geodo Top, Porto do Chiribirinha e Ribalta do Casseribu.

VIAÇÃO DE SANS SOUCI

Registro Definitivo: CP 06 / 011073

Livro de Elite: CP 07/10 Vol.. 01 Pág. 010



Nascida na safra de 1992, no Haras Sans Souci de Roberto Ribeiro, filha de Nero de Sans Souci e Justiça da Santa Felicidade, adquirida ainda jovem pelos irmãos Carlos Plínio, Roberto e Norival Siqueira, Viação se tornou a égua mais fértil da raça, com 35 produtos registrados na ABCCC (até 2010). Da Fazenda Oratório, Viação se transferiu para a Agropecuária Hibipeba, onde gerou a maioria dos seus produtos. Os criatórios São Judas, JAD e Luanda também participaram em sociedade de Viação.

Inúmeros filhos conquistaram títulos nacionais, seja convencional ou de marcha. Viação foi melhor progênie de mãe nacional em 1999.

Além da boa caracterização racial, seus filhos se consagraram como exímios marchadores, com andamento destacado entre seus concorrentes.

Seus principais produtos, entre outros, são:

Arabela da Hibipeba, Belino da Hibipeba, Cainara da Hibipeba, Chana da Hibipeba, Chipan da Hibipeba, Década de Luanda, Devassa da Hibipeba, Eliab da Hibipeba, Espivitada da Hibipeba, Hinah da Hibipeba, Honorato de São Judas, Inédita do Oratório e Linda de São Judas.

Sagrou-se campeã nacional da raça jovem: Hinah da Hibipeba e bigrande marchador nacional, Honorato de São Judas.

ÓPERA DA FRONTEIRA

Registro Definitivo: CP 06/013191

Livro de Elite: CP 07/11 Vol. 01 Página 11



Nascida em 08/11/1995, no Rancho da Fronteira dos irmãos Henrique Osvaldo e Pedro Paulo Guimarães Berardinelli, filha de Netuno de SansSouci e Oxe da Fronteira.

Prole: Basco da Fronteira, Curiosa da Fronteira, Dança da Fronteira, El Loco da Fronteira, Eto'o da Fronteira, Garota da Fronteira, Miss Ópera da Fronteira, Sonata da Fronteira, Tabatinga da Fronteira, Uraco da Fronteira, Vitória da Fronteira, Xereta da Fronteira

Suas principais filhas:

Vitória da Fronteira por Prelúdio da Fronteira em Ópera

2 vezes Grande Campe Nacional e grande Campeã em outras exposições

Dança da Fronteira por Prelúdio da Fronteira em Ópera

Grande Campeã Nacional

Garota da Fronteira por Batuta da Fronteira em Ópera

Grande Campeã em Barbacena e Campeã Nacional.

GAVIÃO DO BARULHO

Registro Definitivo: CP 05/004894

Livro de Elite: CP 07/12 Vol. 01 Página 12



Nascido em 09/09/2014 no Haras do Barulho de propriedade do criador Cláudio Roberto Gomes da Cunha, filho de Estalo do Pantaleão e Figura do Barulho, homozigoto comprovado para a pelagem pampa.

Mas para ser um garanhão completo, não basta só ter títulos nacionais, ele precisa ter a capacidade de repassar suas qualidades e o fez aos mais de 260 de seus herdeiros, e Gavião tem ratificada esta qualidade em seus filhos, que em apenas três gerações nascidas, seus filhos já somaram 25 títulos Nacionais e 12 Brasileiros na raça Campolina dentre eles Kapitu, Karlota, Kunha, Ki-

Bonita, Kalypso, Limousine, Lambada, Lutero, Lancaster, Leopardo, Líder e M.A.R do Barulho, Xana, Xangai, Xanthus e Xumaki do Repol, Blindado e Minha Amiga do Haras Ventania e Felix Tugúrio

ILUMINADO DE ALFENAS

Registro Definitivo: CP 05/002046

Livro de Elite: CP 07/13 Vol. 01 Página 13



Nascida em 08/11/1995, no Rancho da Fronteira dos irmãos Henrique Osvaldo e Pedro Paulo Guimarães Berardinelli, filha de Netuno de Sans Souci e Oxe da Fronteira.

Sua prole:

Basco da Fronteira, Curiosa da Fronteira, Dança da Fronteira, El Loco da Fronteira, Eto'o da Fronteira, Garota da Fronteira, Miss Ópera da Fronteira, Sonata da Fronteira, Tabatinga da Fronteira, Uraco da Fronteira, Vitória da Fronteira, Xereta da Fronteira

Suas principais filhas:

Vitória da Fronteira por Prelúdio da Fronteira em Ópera 2 vezes Grande Campe Nacional e grande Campeã em outras exposições

Dança da Fronteira por Prelúdio da Fronteira em Ópera Grande Campeã Nacional

Garota da Fronteira por Batuta da Fronteira em Ópera Grande Campeã em Barbacena e Campeã Nacional.

XENA DE ALFENAS

Registro Definitivo: CP 06/015718

Livro de Elite: CP 07/14 Vol. 01 Página 14



Nascida em 11/01/2000 na fazenda da Chapada de propriedade de Jamil Saliba, filha de Iluminado de Alfenas e Ordenança de Alfenas.

Campeã Nacional Progênie de Mãe/2012.

Mãe da Grande Campeã Nacional da Raça Jovem Xena do Chiribiribinha e dos Campeões Nacionais, Vattel do Chiribiribinha, Velasques do Chiribiribinha e Volpi do Chiribiribinha.

FIGURA DO BARULHO

Registro Definitivo: CP 06/014539

Livro de Elite: CP 07/15 Vol. 01 Página 15



Figura teve uma campanha de pista impecável, ganhando tudo o que disputava em andamento e morfologia nas categorias Campolina Pampa, chegando ao título de Grande Campeã Nacional Jovem da Raça Campolina Pampa em 2000 e Campeã Nacional Égua Sênior Campolina Pampa em 2001, ambas em Barbacena, onde junto dos irmãos Comandante, Mascarado, Top Model e Bazuca do Barulho fez

conquistasse os títulos de Melhor Expositor e Melhor Criador Nacional Campolina Pampa em 2000 e 2001.

Dentre seus Filhos, destacam-se os campeões, Gavião, Dinamite, Frevo, Galáxia, Gang, Granada, Iluminada, Imagem, Invejada, Ivanhóe, Jato, Jazz, Kamikkaze, Lancelot, Louvre, todos do sufixo do Barulho.,

Égua que não escolhe garanhão. Pampa de Castanha e HOMOZIGOTA. Figura foi Campeã Jovem Nacional 2000, Campeã e Melhor Cabeça Nacional em 2001, Campeã Progênie de Mãe Nacional em 2006 e 2007, já tendo produzido 2 Campeões Nacionais Dinamite e Gavião do Barulho, 2 Campeãs Estaduais e Melhores Cabeças Gang e Galáxia do Barulho e a espetacular Iluminada do Barulho Máquina de fazer HOMOZIGOTOS COMPROVADOS como Granada e Gavião com Estalo do Pantaleão e Ivanhoé do Barulho com Don Juan do Barulho. Égua de fertilidade ímpar.

Barbacena – 2000 Campeã Jovem, Grande Campeã Jovem. Campeão Conjunto Progênie de Mãe, Campeã Conjunto Progênie de Pai, Barbacena – 2001 Campeã Égua Jovem, Melhor Cabeça Sênior, Res. Campeã Conjunto Progênie de Pai Barbacena – 2006 Campeã Progênie de Mãe Itaipava - 2007 Campeã Progênie de Mãe Cordeiro – 2007 Reservada Campeã Progênie de Mãe Barbacena - 2008 Campeã Progênie de Mãe, Reservada Campeã Progênie de Mãe.

Obs: Os animais que constam no livro de elite da ABCCCampolina, foram inscritos pelos seus proprietários.

** O Regulamento do Serviço do Registro Genealógico da ABCCCampolina no capítulo VI que trata do registro em geral dos livros do registro de documentos em seu Art. 35 inciso III diz que poderão ser inscritos no livro CP7 (Livro de Elite), machos e fêmeas, vivos ou mortos, com o mínimo de duas gerações de antecedentes inscritos no Registro Definitivo, obedecidos os seguintes requisitos:*

MACHOS:- que tenham pelo menos 10 (dez) filhos, filhas ou progênes com título de Campeões Nacionais, ou; - que tenham pelo menos 5 (cinco) filhos ou filha com títulos de Grandes Campeões Nacionais.

FÊMEAS:- que tenham pelo menos 04 (quatro) filhos, filhas ou progênes com título de Campeões Nacionais, ou; - que tenham pelo menos 02 (dois) filhos ou filhas com títulos de Grandes Campeões Nacionais.
